

AS AVENTURAS DO CAÇA - FEITIÇO
EU SOU GRIMALKIN



LIVRO IX

JOSEPH
DELANEY

BB
BERTRAND BRASIL



Grimalkin entalha nas árvores
o sinal da tesoura
para marcar seu território.

A atual assassina do clã Malkin é Grimalkin. Muito rápida e forte, ela tem um código de honra e nunca recorre a trapaças. Prefere que sua oponente seja um teste de verdade. Embora honrada, Grimalkin também tem um lado das trevas e é conhecida por usar a tortura.

Todos temem o som feito pelas terríveis tesouras que ela usa para cortar a carne e os ossos de seus inimigos... Grimalkin é uma ferreira muito hábil que forja as próprias armas, e a sua favorita é a espada longa.

*Extraído do caderno de John Gregory,
O Bestiário do Caça-Feitiço*



Série
AS AVENTURAS DO CAÇA-FEITIÇO

O Aprendiz  Livro 1

A Maldição  Livro 2

O Segredo  Livro 3

A Batalha  Livro 4

O Erro  Livro 5

O Sacrifício  Livro 6

O Pesadelo  Livro 7

O Destino  Livro 8

Eu Sou  **Livro 9**
Grimalkin

E VEM MAIS AVENTURA
POR AÍ... AGUARDE!



AS AVENTURAS DO CAÇA-FEITIÇO
EU SOU GRIMALKIN



JOSEPH
DELANEY

Tradução
Rita Süssekind

B

BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2016

Copyright © Joseph Delaney, 2012

Publicado originalmente pela Random House Children's Books,
uma divisão da The Random House Group Ltd.

Título original: *Spook's I Am Grimalkin*

Ilustrações de capa e miolo: David Wyatt

Editoração da versão impressa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

D378e

Delaney, Joseph

Eu sou Grimalkin [recurso eletrônico] / Joseph Delaney; tradução Rita
Süssekind. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

recurso digital (As aventuras do caça-feitiço; 9)

Tradução de: I am Grimalkin

Sequência de: O destino

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2149-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Süssekind, Rita. II. Título. III.
Série.

16-35441

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 - 2º andar - São Cristóvão

20921-380 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (0xx21) 2585-2070 - Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por
quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

PARA MARIE



O PONTO MAIS ALTO DO CONDADO
É MARCADO POR UM MISTÉRIO.
CoNTAM QUE ALI MORREU UM HOMEM
DURANTE UMA GRANDE TEMPESTADE, QUANDO
DOMINAVA UM MAL QUE AMEAÇAVA O MUNDO.
DEPOIS, O GELO COBRIU A TERRA E, QUANDO
RECUOU, ATÉ AS FORMAS DOS MORROS E OS
NOMES DAS CIDADES NOS VALES HAVIAM
MUDADO. AGORA, NO PONTO MAIS ALTO DAS
SERRAS, NÃO RESTA VESTÍGIO DO QUE OCORREU
NO PASSADO, MAS O NOME SOBREVIVEU.
CONTINUAM A CHAMÁ-LO DE
WARDSTONE,
A PEDRA DO GUARDIÃO

SUMÁRIO

Capítulo 1		Uma grande e amarga maçã verde
Capítulo 2		Uma ameaça desconhecida
Capítulo 3		Voce está sangrando
Capítulo 4		Mate aquele urso
Capítulo 5		Torre Malkin
Capítulo 6		A força de lamia
Capítulo 7		Prometa
Capítulo 8		O que lhe aflige, Agnes?
Capítulo 9		Ela também é covarde?
Capítulo 10		O espírito dela ainda vive
Capítulo 11		Um presente do inferno!
Capítulo 12		Vai se realizar para mim
Capítulo 13		Em companhia de feiticeiras
Capítulo 14		Ataque
Capítulo 15		Uma luta até a morte
Capítulo 16		Teremos que correr para sempre?
Capítulo 17		Traz grande desonra
Capítulo 18		Voce é só uma menina
Capítulo 19		Vale das Feiticeiras
Capítulo 20		Grimalkin não chora
Capítulo 21		Minha última aliada
Capítulo 22		Uma feiticeira malevolente
Capítulo 23		Ah, senhor Lobo!
Capítulo 24		A caçada
Capítulo 25		Uma visão lamentável, de fato

CAPÍTULO 1

UMA GRANDE E AMARCA MAÇÃ VERDE



Olhe de perto para o inimigo diante de você. Enxerga os olhos saltados e a fúria guerreira? Vê seu peito peludo? Consegue sentir o cheiro do corpo por lavar? Fique calma. Por que temer? Você pode vencer. Ele é só um homem, afinal. Aprenda a acreditar em mim. Eu sou Grimalkin.

Uma vez que cheguei ao centro do bosque, tirei o saco de couro pesado do ombro e o coloquei no chão à minha frente. Em seguida, ajoelhei e desamarreei a corda que o selava — para me deparar com o fedor do que havia ali dentro. Fiz uma careta e puxei o conteúdo, segurando-o diante de mim pelos cabelos, oleosos e sujos de terra.

Estava muito escuro entre as árvores, e a lua não se levantaria pela próxima hora. Mas, apesar do breu, meus olhos de feiticeira enxergavam claramente, e olhei para a cabeça decepada do Maligno, o próprio Diabo.

Era uma visão terrível. Eu tinha costurado seus olhos, para que ele não pudesse enxergar, e colocado uma grande e amarga maçã verde em sua boca, envolvida em espinhos de rosas, para que ele não pudesse falar. Meu inimigo tinha sido bem cuidado; do jeito que merecia. Apesar do fedor, nem a cabeça nem a maçã tinham apodrecido; a primeira graças ao poder dele, a segunda graças à minha mágica.

Abri o saco no chão e enfiei a cabeça lá dentro. Em seguida, sentei-me com as pernas cruzadas em frente a ele, examinando cuidadosamente meu inimigo.

De algum jeito, parecia menor agora do que quando tinha acabado de ser decepada, mas mesmo assim, continuava tendo quase o dobro do tamanho de uma cabeça humana normal. Fiquei imaginando se estaria encolhendo por causa da separação de seu corpo. Os chifres na testa eram enrolados e curvos como os de um cordeiro; o nariz lembrava o bico de uma águia. Era uma face cruel e merecia a crueldade que eu lhe havia infligido.

Por todo o meu corpo, diversas tiras de couro seguravam bainhas que guardavam minhas armas e ferramentas. Da menor delas extraí um pequeno gancho afiado com um cabo longo. Coloquei-o na boca aberta do Maligno, perfurando profundamente a maçã verde, girei e dei um puxão. Por um segundo houve resistência, mas em seguida forcei a fruta, trazendo-a com o emaranhado de espinhos de rosa.

Aliviada da obstrução, a boca fechou lentamente. Deu para ver os dentes quebrados ali dentro: eu tinha batido neles com meu martelo enquanto o Caça-feitiço, Tom Ward e eu aprisionávamos o Maligno. A lembrança era vívida, e visualizei a cena novamente na minha mente.

Esperei muito pela oportunidade de aprisionar ou destruir o Maligno, meu maior inimigo. Mesmo ainda criança eu o detestava. Já observava a sutileza com a qual ele controlava meu clã; via como a multidão o bajulava. Passavam quase o ano todo ansiosos pelo domingo de Halloween, quando ele provavelmente faria sua visita. Às vezes aparecia bem no centro da fogueira deles, e eles avançavam, desesperados para tocar seu couro peludo, ignorando as chamas a queimar seus braços nus.

Minha repulsa crescente era instintiva para mim — um ódio natural — e eu sabia que, a não ser que eu fizesse alguma coisa, ele se tornaria uma mancha na minha vida; uma sombra escura sobre tudo que eu fizesse. Ele era esperto, sutil e desonesto, frequentemente conquistando seus objetivos aos poucos. Acima de tudo, eu temia que um dia ele enfim conseguisse me influenciar, assim como o fez com muitas feiticeiras que se opuseram a ele. Eu não poderia suportar; precisava fazer alguma coisa para evitar que isso acontecesse.

E sabia exatamente o que fazer: existe uma maneira através da qual uma feiticeira pode garantir que ele mantenha distância. É muito extrema, mas significa sua liberdade para sempre. Ela precisa dormir com ele apenas uma vez, e dar à luz seu filho. Depois disso — depois de checar seu filho —, ele não pode mais se aproximar da feiticeira. A não ser que ela assim deseje.

Grande parte da prole do Maligno se prova bestial; criaturas disformes das sombras com uma força extrema ou poderosas feiticeiras. Mas alguns poucos, muito poucos, nascem perfeitamente humanos, intocados pelo mal. Sei que me arrisquei a parir uma entidade maligna, mas pareceu ser um risco válido para me livrar dele.

E de fato dei sorte. Dei à luz um menino lindo e frágil, perfeito em todos os sentidos.

Eu nunca tinha sentido um amor tão intenso por outra criatura. Ter o calor suave dele no meu corpo, tão confiante, tão dependente, era maravilhoso — uma bênção além de qualquer coisa que eu já tivesse sonhado; algo que jamais imaginei ou previ. Aquela criancinha me amava, e eu a amava de volta; o menino dependia de mim para viver, e pela primeira vez eu fui verdadeiramente feliz. Mas, neste mundo, felicidade como esta raramente perdura.

Lembro-me muito bem da noite em que a minha acabou. O sol tinha acabado de se pôr e era uma noite quente de verão, então eu fui para o jardim cercado por um muro no fundo da minha casa de campo, segurando meu filho, cantarolando suavemente para

fazê-lo dormir. De repente, um raio acendeu no alto, e eu senti o chão tremer sob meus pés; o ar se tornou cortante, frio. Apesar de eu ter antecipado uma visita do Maligno por algum tempo, percebi que a chegada dele era então iminente e meu coração saltou de medo. Ao mesmo tempo, fiquei feliz, porque uma vez que ele visse seu filho, eu sabia que me deixaria em paz e nunca mais poderia me visitar. Iria me livrar dele pelo resto da vida.

Antes, o Maligno sempre aparecia para mim como um rapaz jovem e bonito, com cabelos escuros e encaracolados, olhos azuis e uma boca que geralmente se curvava nos cantos com um sorriso caloroso e receptivo. Mas ele pode assumir muitas formas, e desta vez apareceu na forma que as feiticeiras de Pendle se referiam como “sua temerosa majestade”; uma feição que ele utilizava para intimidar e aterrorizar.

Ele se materializou muito perto de onde eu estava, e seu hálito fétido estava tão perto do meu rosto que tive que me esforçar para não vomitar. Ele era grande — tinha o triplo da minha altura — com os chifres curvados de um cordeiro e um enorme corpo nu coberto por pelos negros emaranhados. Assim que ele apareceu, com um rugido de ira, arrancou meu menininho inocente de meus braços e o ergueu alto, pronto para jogá-lo no chão.

— Por favor! — implorei. — Não o machuque. Eu faço qualquer coisa, mas, por favor, deixe-o viver. Mate a mim no lugar dele!

O Maligno sequer me olhou. Estava repleto de fúria e crueldade. Bateu violentamente com a frágil cabeça do meu filho em uma pedra. Em seguida, desapareceu.

Por um bom tempo fiquei louca de tristeza. Depois, conforme os longos dias e as noites em claro transcorriam lentamente, pensamentos de vingança começaram a se instalar em minha mente. Perguntei a mim mesma se seria possível. Será que eu podia destruir o Maligno?

Impossível ou não, isso se tornou meu objetivo e minha única razão para viver.

Conquistei parte desse objetivo há um mês. Ele não foi destruído, mas, ao menos, está temporariamente contido. Consegui deter seus poderes com a ajuda do velho Caça-feitiço, John Gregory, e de seu jovem aprendiz, Thomas Ward. Ele petrificou o Maligno com lanças prateadas e então pregou-lhe as mãos e os pés na base rochosa do fosso profundo, em Kenmare, no sudoeste da Irlanda, onde seu corpo está agora enterrado.

Ainda sinto prazer em lembrar do momento da nossa vitória. O Maligno estava de quatro, brandindo a cabeça como um touro enfurecido e rugindo de dor. Bati com o primeiro prego em sua mão esquerda, depois bati três vezes na cabeça com o martelo, fazendo atravessar a carne para prender a pata peluda na pedra. Contudo, na minha ansiedade de eliminar seus poderes, quase morri num momento de descuido.

Ele virou a cabeça, abriu a boca e avançou para mim, como se quisesse arrancar minha cabeça do corpo com uma mordida. Mas evitei as mandíbulas mortais e então balancei o martelo com força e o acertei na cara, partindo seus dentes da frente e deixando apenas alguns cotocos quebrados e sangrentos. Poucas coisas me deram mais satisfação do que aquilo!

Depois disso, Tom Ward empunhou a Espada do Destino, que recebeu de Cuchulain, o maior dos heróis mortos da Irlanda. Com dois golpes mortais, o aprendiz do Caça-feitiço cortou o pescoço do Maligno, e eu levei embora comigo aquela cabeça arrancada.

• • •

Enquanto corpo e cabeça estiverem separados, o Maligno estará contido. Mas seus servos sombrios me perseguem. Eles querem devolver a cabeça ao corpo e arrancar os pregos e lanças prateadas para que ele volte a ser livre.

Para frustrá-los eu vivo em constante movimento. Assim, ganho tempo para que o Caça-feitiço e seu aprendiz possam descobrir o meio pelo qual o Maligno poderá ser finalmente destruído ou devolvido às sombras. Mas não posso fugir para sempre, e minha força é limitada. Além disso, minha natureza é lutar, não fugir. Este é um conflito que não posso vencer; eles são muitos — muitos habitantes poderosos das trevas a serem superados até mesmo pela feiticeira assassina do clã Malkin.

— É muito bom ter você sob o meu poder! — falei para o Maligno quando me sentei na frente dele.

Por um instante a cabeça decepada não respondeu, mas então sua boca se abriu lentamente e um fio de saliva sangrenta escorreu pelo queixo.

— Descosture meus olhos! — berrou, a voz soando como um rugido profundo. Os lábios se moveram, mas as palavras pareciam vir do chão abaixo da cabeça.

— Por que eu faria isso? Se você pudesse ver, diria aos seus servos onde estou. Além disso, é um prazer ver você sofrendo.

— Você nunca vai conseguir vencer, feiticeira! — rosnou ele, exibindo os dentes quebrados mais uma vez. — Eu sou imortal; supero até mesmo o próprio tempo. Um dia você vai morrer, e eu estarei esperando-a. E o que fez comigo, retribuirei mil vezes. Você nem imagina o tormento que lhe aguarda.

— Escute aqui, seu tolo! — Não perco tempo pensando nos fracassos do passado, tampouco penso no futuro mais do que o necessário. Sou uma criatura do “agora” e vivo no presente. E você está aqui, no presente, preso comigo. É você quem está sofrendo agora. Você está sob meu poder!

— Você é forte, feiticeira — respondeu o Maligno quietamente —, mas algo mais forte e mortal está perseguindo você agora. Seus dias estão contados.

De repente tudo se tornou quieto e estático. A menção ao “tempo” fez com que ele tentasse de novo o que já havia tentado e fracassado na outra vez em que o tirei do saco. Ele tinha a capacidade de desacelerar ou parar o tempo — apesar de a separação do corpo ter limitado seus poderes habituais. Contudo, sem querer me arriscar, coloquei a maça envolta em espinhos novamente em sua boca, em seguida girei o gancho e o soltei.

A face do Maligno se contorceu, e sob as pálpebras costuradas pude ver os olhos rolando em espasmos. Mas pude ouvir a brisa assobiando nas folhas no alto novamente. O tempo estava correndo. O momento de perigo havia passado.

Coloquei a cabeça de volta no saco de couro, olhei para a escuridão folhosa e me concentrei. Uma rápida farejada me informou que este ainda era um lugar seguro. Nada

de perigoso se escondia naquele pequeno bosque na cimeira de uma colina; um excelente local. Os inimigos não poderiam se aproximar sem serem detectados.

Meus perseguidores vinham aumentando gradualmente, mas eu consegui despistá-los tarde da noite e logo em seguida utilizei a preciosa mágica que me restava para me proteger. Tinha que utilizá-la esporadicamente, pois meus recursos estavam praticamente esgotados. Agora era quase meia-noite, e eu pretendia descansar aqui e recuperar minhas forças dormindo até o amanhecer.

Alguns tempo depois, acordei de súbito, sentindo o perigo. Meus perseguidores estavam subindo a colina em direção a mim e tinham se espalhado para cercar o bosque.

Como isso poderia ter acontecido? Eu tinha me escondido bem: eles não deveriam ter conseguido me encontrar. Levantei e coloquei o saco de couro sobre os ombros.

Já tinha passado muito tempo fugindo. Agora, finalmente, era hora de lutar. A ideia me animou; a iminência do combate sempre fazia isso. Era a razão pela qual eu vivia: testar minha força contra a dos meus inimigos; lutar e matar.

Quantos seriam? Passei os dedos nos ossos de polegar que levava pendurados no colar no meu pescoço, extraindo seu poder mágico antes de explorar a escuridão com minha mente.

Havia nove criaturas se aproximando. Farejei o ar três vezes para reunir mais informações. Outros vinham mais atrás — a quase um quilômetro e meio de distância —, talvez vinte ou mais vindo nesta direção. Alguma coisa me intrigou, e farejei de novo. Havia um novo acréscimo a este grupo maior; alguém ou alguma coisa com eles que eu não conseguia identificar. Algo estranho. O que poderia ser?

Algo mais forte e mortal está perseguindo você agora.

Foi o que o Maligno havia me dito. Seria a isso que ele estivera se referindo?

Talvez fosse, mas, por ora, todo aquele grupo maior poderia ser esquecido. Primeiro eu precisava lidar com a ameaça mais imediata, então comecei a assimilar o grau de perigo que o primeiro grupo de nove criaturas representava.

Sete eram feiticeiras. Pelo menos uma era de primeira categoria e utilizava magia familiar. Talvez tivesse sido assim que me encontraram. Um familiar de feiticeira pode ser de tudo, desde um sapo até uma águia. Às vezes era uma criatura poderosa das trevas, apesar de estas serem difíceis de controlar. Então o familiar podia ter conseguido me encontrar mesmo com a capa em que havia me envolvido.

Também dava para saber que um dos integrantes do grupo que subia a colina era abumano — e o nono era um homem; um mago das trevas.

Seria fácil escapar escolhendo o caminho de menor resistência. Duas das feiticeiras eram jovens — praticamente novatas. Eu poderia simplesmente romper a linha de cerco naquele ponto e fugir para a escuridão. Mas esse não era o meu jeito de agir. Precisava lembrá-los de quem eu era. Enviar uma mensagem clara a todos os meus perseguidores: eu era Grimalkin, a feiticeira assassina do clã Malkin. Havia passado tanto tempo fugindo que eles começavam a me desrespeitar. Tinha que ensiná-los a me temer novamente.

Então gritei da colina para meus inimigos: — Eu sou Grimalkin e poderia matar todos vocês! — bradei. — Mas matarei apenas três: os três mais fortes!

Não houve resposta, mas tudo se aquietou. Isto era a calma. Eu era a tempestade.

Agora saco duas armas. Na mão esquerda, seguro a longa espada que uso para combates manuais; na direita, uma adaga de arremesso. Meus inimigos estão entrando no bosque agora, então desço a colina, avançando para encontrá-los. Primeiro vou matar o mago; em seguida o ab-humano; e, por último, a feiticeira familiar, a mais poderosa de todas.

Estou caminhando lentamente, tomando cuidado para não fazer qualquer barulho. Alguns dos meus inimigos não dispõem da habilidade para fazer o mesmo ou são desleixados. Minha audição é precisa e detecto alguns estalos distantes e ocasionais de gravetos quebrando ou o singelo ruído das saias longas arrastando pela grama.

Uma vez posicionada sobre o mago, paro. Ele é apenas um homem, e será o mais fácil de eliminar dentre os três. Mesmo assim, é sem dúvida mais poderoso do que as outras seis feiticeiras que avançam. Uma feiticeira assassina jamais deve subestimar seu oponente. Vou matá-lo rapidamente e, em seguida, continuar.

Fico encolhida como uma mola afiada de metal e me concentro no ataque, procurando pelo mago, cutucando a escuridão com meus olhos atentos. Ele é jovem, mas, apesar de sua magia ser forte, fisicamente ele não tem condições e está acima do peso, arfando ao longo da subida.

Giro para agir. Três rápidos passos colina abaixo, e lanço a adaga de arremesso sem quebrar meu ritmo. Ela atinge o mago no coração e ele cai para trás, morto antes mesmo de poder gritar. Suas defesas mágicas se provaram inadequadas.

O ab-humano é meu próximo alvo. Ele é grande, com olhos espaçados e dentes afiados e amarelos saltando sobre o lábio superior. Tais criaturas — filhos do Maligno com uma feiticeira — são imensamente fortes e precisam ser afastadas e combatidas a um braço de distância. Cair nas suas garras significa correr o risco de ser rasgado membro a membro. São invariavelmente brutais e não têm qualquer moral; os piores deles são capazes de qualquer coisa. Se meu filho fosse tão mau assim, eu o teria afogado ainda recém-nascido.

Saltei com tudo para cima dele, puxando outra faca da capa de couro. Meu arremesso é preciso e o teria atingido na garganta, mas ele estava protegido. As feiticeiras o infundiram com seus poderes, criando barreiras que desviam minha lâmina. A faca desliza inutilmente e ele pula para cima de mim, rugindo em fúria, brandindo uma grande clava com uma mão e uma lança dentada na outra. Ele balança a clava e espeta com a lança, mas eu desvio antes que qualquer um dos dois me acerte.

O saco pesado bate nas minhas costas quando mudo de direção outra vez. Em seguida, com minha longa espada, corto a garganta do ab-humano, e ele cai engasgando, um rio de sangue esguichando para cima. Ainda sem checar meus passos, continuo correndo.

Agora tenho que cuidar do terceiro inimigo — a feiticeira familiar.

Estou correndo no sentido anti-horário, de modo que meu braço esquerdo e mais mortal está de frente para a inclinação e para as feitiças remanescentes, que continuam vindo na minha direção. Uma delas ataca, mas não a que estou procurando. Acerto o cabo da minha espada no rosto dela, que cai para trás. Ela vai sobreviver, mas sem os dentes da frente.

A essa altura, a poderosa feiticeira familiar já sentiu meu ataque e se vira para me encarar, lançando encantos sombrios como lanças envenenadas em direção ao meu coração. Desvio-os para o lado e vou direto para ela. Ouço batidas de asas e alguma coisa vem para cima do meu rosto com as garras esticadas. É um pequeno falcão — um francelho. Lanço minha espada para o alto em um arco e o falcão grita, as penas caindo como neve manchada de sangue.

A feiticeira grita quando seu familiar morre; grita novamente quando a corto pela primeira vez. Meu golpe seguinte tira-lhe a vida, e os únicos ruídos agora são os dos meus pés no chão e a minha respiração, enquanto acelero pela colina e abandono a proteção das árvores.

Acelero no sentido leste para fora do bosque, deixando meus inimigos para que encontrem seus mortos. Enquanto corro, repasso mentalmente o que aconteceu. Uma assassina deve avaliar tanto os sucessos quanto os fracassos; deve sempre aprender com o passado.

Novamente considero a forma pela qual me encontraram. A bruxa era poderosa, mas seu familiar era só um pequeno falcão. A magia combinada dos dois não poderia ter enxergado além da capa que projetei sobre mim mesma. Não, tinha que ser outra coisa.

E a estranha presença avançando com o grupo mais numeroso atrás? O que será? Terá sido isso que me descobriu? Se tiver, deve ser algo poderoso. E algo que jamais encontrei antes. Algo novo.

É sábio ter cuidado com o desconhecido. A falta de familiaridade o torna perigoso. Mas logo estará morto. Como pode querer me derrotar?

Eu sou Grimalkin.

CAPÍTULO

2

UMA AMEAÇA DESCONHECIDA



*A cada dia digo a si mesma que você é a melhor, a mais forte e a mais mortal.
Eventualmente você começará a acreditar nisso.
Finalmente será verdade.
Para mim se tornou verdade.
Eu sou Grimalkin.*

Logo antes do alvorecer, descansei por uma hora, bebendo água fria de um riacho e mastigando meus últimos pedaços de carne seca.

Meus suprimentos estavam quase esgotados, e eu precisaria de carne fresca para manter minhas forças. Seria fácil capturar um coelho, mas eu ainda estava sendo perseguida e não podia me dar ao luxo de descansar por mais que alguns instantes. A maioria dos meus inimigos estava a quase três quilômetros de distância agora, mas um deles tinha avançado em relação ao grupo e estava se aproximando de mim. Era a criatura desconhecida que farejei no bosque.

Ela estava se locomovendo mais rápido do que eu. Qualquer que fosse a ameaça que representasse, logo eu teria de encará-la. Mas primeiro precisava descobrir um pouco mais. Então peguei um espelho pequeno da capa na alça do meu ombro, murmurei um feitiço e, em seguida, respirei sobre ele.

Em poucos instantes um rosto apareceu. O rosto de Agnes Sowerbutts. Ela era uma Deane, mas não nutria muito amor pelo próprio clã. Vivía separada da vida em Pendle e já havia me ajudado antes. Tínhamos um laço — um interesse em comum. Ela era tia de Alice Deane e amiga próxima de Tom Ward, o aprendiz de caça-feitiço.

Agnes é habilidosa no uso do espelho. Poucos têm a mesma capacidade que ela em termos de localização de pessoas, objetos e entidades sombrias. Mas é discreta e quase ninguém sabe que ela também é uma poderosa vidente — muito mais do que Martha Ribstark, nossa grande profeta Malkin, que agora está morta.

Estava escuro demais para Agnes ler meus lábios, então respirei sobre o espelho e fiz meu pedido escrevendo na superfície. Eu queria descobrir algo sobre a criatura que me perseguia.

O que me persegue? O que vai acontecer quando eu encontrá-lo? Você pode ajudar?

Limpei o espelho. Agnes simplesmente sorriu e assentiu. Ela faria o que pudesse para ajudar.

Então corri, tentando manter a distância entre eu e meu perseguidor. O saco de couro batia nas minhas costas a cada dois passos. A cabeça do Maligno parecia ficar mais pesada a cada hora. Sem dúvida estava comprometendo minha velocidade. A perseguição era implacável, e aos poucos eu ia sendo alcançada. Isso não me desagradava. Fugir desse jeito não era minha opção preferida. Estava ansiosa pela hora de virar e lutar.

Veio o alvorecer e com ele os céus cinzentos e uma chuva fria batendo no meu rosto. Após cerca de uma hora, senti o espelho começar a se mover na capa. Agnes estava tentando estabelecer contato, então parei sob a copa de uma grande árvore, levantei o espelho e encontrei o rosto dela me olhando. Um rosto gentil, com bochechas redondas e um queixo roliço, mas um olhar que transmitia coragem — não se tratava de uma mulher com quem você quisesse brincar.

Seu nome era Sowerbutts porque ela tinha se casado com um homem de Whalley, deixando Roughlee, a vila Deane, para trás. Dez anos depois, ele morreu, e ela voltou para casa, mas desta vez para viver em uma cabana nos arredores de Roughlee. Apesar de gostar de manter distância do clã, ela sabia o que se passava ali. Não acontecia muita coisa em Pendle que escapasse de Agnes e seu espelho.

Ela me deu um breve sorriso de boas-vindas, mas pude ver o alerta em seus olhos antes de que falasse. Não seria uma boa notícia. Concentrei-me, encarando os lábios de Agnes para ler o que ela dizia silenciosamente.

O que está seguindo você é um "kretch". Foi criado por uma aliança de feiticeiras, ab-humanos e magos especialmente para persegui-la e destruí-la. A mãe da criatura era uma loba, mas o pai era um demônio.

— Você sabe o nome do demônio? — perguntei.

Este conhecimento era vital. Eu precisava conhecer os poderes que tinha. Teria o aspecto lupino, mas muito seria determinado pelos dons transmitidos pelo pai. Meu próprio clã, os Malkins, também havia criado kretches. O último, que chamamos de Tibb, foi utilizado para tentar combater o poder crescente de uma profetisa do clã Mouldheel. Kretches normalmente são criados para um propósito específico. Este tinha o propósito de me matar.

Agnes balançou a cabeça.

Sinto muito, disse sem som. *Uma forte mágica está bloqueando esta informação. Mas vou continuar tentando.*

— Sim, ficarei muito grata se fizer isso. Mas você utilizou sua vidência? Viu o resultado da minha luta contra esse kretch?

Se combatê-lo em breve, sofrerá um ferimento mortal. Isso é certo, disse Agnes, com o rosto sombrio.

— E se postergar a luta?

O resultado é menos claro. Mas suas chances de sobrevivência aumentam com o passar do tempo.

Agradei, recoloquei o espelho na capa e parti novamente em disparada, tentando me manter à frente do kretch. Enquanto corria, pensei sobre o que Agnes disse. O fato de ser um kretch me deixou determinada a me esquivar dele pelo máximo de tempo possível. Essas criaturas têm baixa expectativa de vida. Envelheceria depressa; então, por que encará-lo em seu auge? Eu tinha de manter a cabeça do Maligno longe do alcance de seus servos. Isso era mais importante do que meu impulso crescente de dar meia-volta e combater o inimigo.

Eu acredito no poder da vidência, mas nem sempre ele é preciso. Aliás, às vezes — apesar de raramente —, ele pode ser impreciso.

Eu me lembro da minha primeira consulta com Martha Ribstalk. Em vez de um espelho, seu método de vidência era olhar em um caldeirão fervente sujo de sangue onde ela fervia polegares e ossos de dedos para arrancar a carne morta. Naquela época, ela era a principal praticante dessa arte sombria.

Como combinado, fiz-lhe uma visita à uma da manhã. Ela já tinha bebido o sangue de um inimigo e realizado os rituais necessários.

— Você aceita meu dinheiro? — perguntei.

Ela me olhou com desdém, mas fez que sim com a cabeça, então joguei três moedas no caldeirão.

— Sente-se! — ordenou severamente, apontando para as pedras frias diante da grande panela borbulhante. O ar estava denso do cheiro de sangue, e a cada respirada o gosto metálico na minha boca aumentava.

Obedeci, sentando-me de pernas cruzadas e encarando-a através do vapor. Ela tinha ficado de pé atrás do caldeirão, de modo que seu corpo ficasse mais alto que o meu, uma tática frequentemente usada por quem quer exercer dominação. Mas não me acovardei, encontrando calmamente seu olhar.

— O que você viu? — perguntei com firmeza. — Qual é o meu futuro?

Ela não falou por um bom tempo. Estava satisfeita em me manter esperando. Acho que Martha se irritou por eu ter feito uma pergunta em vez de esperar para ouvir o resultado da vidência.

— Você escolheu um inimigo — respondeu ela, enfim. — O Maligno é o inimigo mais poderoso que qualquer mortal pode enfrentar. O resultado deve ser simples. A não ser que você permita, o Maligno não pode se aproximar de você, mas ele vai esperar a sua morte, depois tomará sua alma e sujeitará você a tormentos eternos. Contudo, há

mais uma coisa que não consigo ver claramente. Uma incerteza, outra força que pode intervir; algo que apresenta um singelo brilho de esperança...

Ela pausou, deu um passo para a frente e olhou para o vapor. Mais uma vez, fez-se uma longa pausa.

— Alguém... uma criança recém-nascida...

— Quem é esta criança? — perguntei.

— Não consigo vê-la com clareza — admitiu Martha Ribstalk. — Alguém o está escondendo. Quanto a você, mesmo com essa intervenção, apenas alguém muito habilidoso com armas pode ter a esperança de sobreviver; apenas alguém com a velocidade e a crueldade de uma feiticeira assassina, a maior das feiticeiras assassinas, ainda mais mortal do que Kernolde, poderia conseguir. Nada menos do que isso funcionará. Então, qual é a esperança que existe para você? — zombou.

Naquela época Kernolde era a feiticeira assassina dos Malkin, uma mulher temerosa, muito forte e veloz, que havia matado 27 pretendentes ao seu cargo, três a cada ano, considerando que este era o décimo ano do seu reinado.

Levantei e sorri para Martha.

— Vou matar Kernolde e tomar o seu lugar. Serei a feiticeira assassina dos Malkin, a maior de todas.

Martha riu em tom de zombaria enquanto me afastei, mas eu estava falando sério. Para derrotar o Maligno eu sabia que teria que desenvolver minhas habilidades de combate e me tornar a assassina do clã Malkin. E depois teria que formar uma aliança com aquela criança desconhecida.

Eventualmente descobri seu nome.

Tom Ward.

Apressei-me, tentando acelerar o passo. A garoa havia se transformado numa chuva torrencial, batendo forte no meu rosto e ensopando minha pele.

Enquanto eu corria, pensava a respeito da arte da vidência. Normalmente uma feiticeira usa um espelho, mas algumas caem em transe profundos e olham para o futuro através de sonhos. Outras lançam ossos ao vento do norte e veem como eles aterrissam. Também é possível cortar um animal morto e examinar suas entranhas. Mas olhar para o futuro é algo incerto, independente do que alguns videntes nos digam. Sempre existe o acaso. Nem tudo pode ser previsto — e uma feiticeira nunca pode antecipar a própria morte; outra deve prever isso por ela.

Eu não gostava de Martha Ribstalk, mas ela era boa em sua arte e eu a consultei muitas vezes depois daquela primeira sessão. Durante nosso último encontro, ela previu a época e a forma como eu morreria — insistiu que seria dali a muitos anos, mas eu não podia confiar nisso. O tempo tem muitos caminhos: talvez eu já tivesse escolhido algum que anulasse aquela profecia. Se sim, sei exatamente que passo foi esse.

Aliei-me a John Gregory e a Thomas Ward. Escolhi utilizar meus próprios poderes sombrios para combater o mal e destruir o Maligno. Isso podia mudar tudo.

Eu estava subindo agora, meu ritmo diminuindo. Cheguei a um cume e olhei para trás na direção do meu perseguidor. Abaixei-me de forma que o kretch não me veria contra a paisagem, e aguardei, ansiosa para olhar para a criatura pela primeira vez.

A espera não durou muito. Vi a fera criada por meus inimigos emergir de um aglomerado de sicômoros e saltar sobre uma vala antes de desaparecer em uma cerca viva. A vi só por um segundo, mas foi o bastante para saber que estava lidando com algo formidável e perigoso.

De longe parecia, conforme suspeitei, um enorme lobo. O tamanho exato era difícil de estimar. Aparentava correr com as quatro patas e era coberto por pelos pretos com manchas prateadas nas costas. Mas depois percebi que os membros frontais eram braços muito poderosos e musculosos. A criatura havia sido projetada para lutar e me matar. Tudo nela tinha sido desenhado com um único objetivo em mente — minha morte.

Ele seria ágil e muito forte no combate. Aqueles braços seriam como os de um ahumano, capazes de esmagar meus ossos e arrancar meus membros. Sem dúvida os dentes e garras seriam venenosos. Uma mordida, ou mesmo um arranhão, poderia bastar para me causar uma morte lenta e agonizante. Talvez fosse isso que Agnes estivesse dizendo quando falou sobre a ameaça de um “ferimento mortal”.

Meus instintos gritavam para eu me virar e lutar naquele exato momento, acabar com isso e matar esse kretch. O orgulho queria que eu fizesse o mesmo. Eu estava ávida por me testar em combate contra ele. Provaria que era mais forte e melhor do que qualquer coisa que mandassem contra mim.

Oi, senhor Lobo! Está pronto para morrer?

Mas havia mais em jogo do que a minha sobrevivência e o meu orgulho. Em combate, o acaso sempre tinha sua vez. Um calcanhar pode torcer em uma pedra escondida na grama; um inimigo menos habilidoso do que eu pode ser favorecido por um golpe de sorte. Assassinas Malkin já morreram assim antes — superadas por oponentes inferiores. Eu achava muito difícil me imaginar sendo derrotada sob qualquer circunstância, mas, se eu *de fato* perdesse, a cabeça do Maligno cairia nas mãos de meus inimigos, e logo ele estaria caminhando sobre a terra novamente.

Eu prometi manter a cabeça longe das garras de seus seguidores; então, apesar da minha vontade de combater, eu continuaria fugindo pelo tempo que fosse possível.

CAPÍTULO

3

VOCÊ ESTÁ SANGRANDO



Veja — você está sangrando! Talvez perto da morte.

A dor é terrível.

Agora seu inimigo se aproxima, pronto para tirar a sua vida.

É o fim? Finalmente está derrotado?

Não! Só começou a lutar!

Acredite, porque sei.

Eu sou Grimalkin.

Enquanto continuava correndo, analisei minhas opções mais uma vez.

Em que direção deveria correr? Até então meu trajeto não tinha sido planejado.

Após seguir uma trilha longa e curvilínea pela Irlanda, consegui cruzar em segurança a partir da costa leste do Condado ameaçando um pescador solitário. Depois desta viagem, a maioria das feiticeiras de Pendle teria matado o homem e levado seu sangue ou os ossos dos polegares. Mas eu, a mais perigosa de todas, poupei-lhe a vida.

— Você jamais estará tão perto de uma morte violenta quanto estive nas últimas horas — falei para ele ao saltar na costa do Condado. — Volte para sua família. Viva uma vida longa e feliz.

Por que me comportei assim? Meus inimigos enxergariam isso como uma fraqueza, prova de que eu estava amolecendo e pronta para ser capturada — que eu não servia mais para ser a feiticeira assassina do clã Malkin. E como estariam enganados! Ele não representava qualquer ameaça para mim. Quando você mata com a frequência que eu tenho que matar, você se cansa de tirar vidas — principalmente as fáceis. Além disso, o

homem implorou. Falou sobre sua mulher e filhos, sobre a luta diária para impedir que eles passassem fome. Disse que, sem ele, a família morreria. Então, eu o libertei e continuei.

Para onde deveria ir agora? Eu poderia viajar para o norte para o covil das feiticeiras hostis da água e trilhar meu caminho pelas colinas e lagos, mas aquelas hordas escorregadias eram leais ao Maligno. O sul era outra opção, mas lá outro perigo me esperava. As forças que invadiram o Condado tinham sido recentemente conduzidas ao sul. Seria tolice seguir nessa direção.

Sim, continuar me movimentando seria a melhor maneira de me certificar de que a cabeça permanecesse longe das garras dos seguidores do Maligno, mas eu precisava descansar, e havia um lugar para o qual eu poderia ir que meus perseguidores não esperariam. Eu podia voltar para Pendle, o berço do meu clã. Tanto amigos quanto inimigos me esperavam por lá. Algumas feiticeiras gostavam de ver o Maligno solto no mundo; outras gostariam de destruí-lo ou devolvê-lo à escuridão. Sim, eu voltaria a Pendle — iria a um lugar especial onde pudesse ficar abrigada enquanto descansava, recobrava minhas forças e aumentava meus recursos mágicos. A Torre Malkin, outrora a fortaleza do meu clã, agora estava sob posse de duas feiticeiras lârnias ferais — “irmãs” da falecida mãe de Tom Ward.

Será que me deixariam entrar? Eram inimigas do Maligno, então talvez eu pudesse convencê-las a me permitir compartilhar daquele refúgio.

Valia a pena tentar, então mudei de direção e corri para Pendle.

Contudo, muito antes de chegar, percebi que teria que lutar contra o kretch antes. Não tinha escolha. Era melhor me virar e combater o inimigo cara a cara do que ser abatida pelas costas. Continuar fugindo não era mais uma opção — a criatura agora estava a pouco mais de noventa metros de mim, aproximando-se rapidamente.

Meu coração começou a acelerar ao pensar no combate. Era para isso que eu vivia...

Parei no topo de um pequeno aclave e olhei para trás. O kretch tinha acabado de cruzar o vale estreito abaixo e estava começando a subir a colina, seus pelos negros molhados de chuva. Quando seus olhos encontraram os meus, vi mais do que ansiedade ali. Estava louco para enfiar os dentes em mim, arrancar minha carne e mastigar meus ossos. Era seu único propósito na vida, e sua necessidade desesperada de vencer acrescentaria tempero à nossa luta.

Coloquei o saco no chão. Não gostava de deixar aquilo solto nem por um instante, mas eu seria mais eficiente no combate se estivesse desimpedida. Agora tenho que fazer tudo certo — tudo da melhor maneira possível. Meu ataque deve ser perfeito. Eu precisaria tanto de mágica quanto das minhas habilidades de combate corpo a corpo.

Alcansei o colar no meu pescoço e comecei a tocar cada osso do polegar alternadamente, da esquerda para a direita. Um monge pega suas contas uma por uma, utilizando-as como auxílio para a memória enquanto conta o círculo de orações; meu ritual é o murmúrio de cada feitiço enquanto puxo para o meu corpo o poder contido

nos ossos. Cada um era uma relíquia cortada do corpo de um inimigo abatido em combate. Cada um tinha sido fervido com cuidado até a carne se soltar totalmente.

Os feitiços iniciais — aqueles de “fabricação” — devem ser entoados com precisão e numa cadência exata. Se tudo for feito corretamente, os ossos flutuam para a superfície do caldeirão e dançam entre as bolhas como se tentassem saltar. Apesar da dor, cada um é retirado a mão e não podem cair no chão. Depois eles são furados e acrescentados ao colar.

Quanto mais forte o inimigo, maior o poder contido em cada osso. Mas não é infinito. Uma vez que um osso tem seu poder esgotado, deve ser repostos.

Comecei tocando os de Janet Fox; ela era forte, e lutamos por duas horas sob o sol da tarde. Extraí o poder que restava; agora os ossos dela teriam que ser repostos. Os de Lydia Yellowtooth não se esgotaram totalmente. Ela era sutil no combate — eu precisava de um pouco de delicadeza agora, mas optei por economizar um pouco para depois. Então continuei a girar o colar, tocando os ossos. Finalmente tinha o que precisava.

Eu estava pronta.

Corro a toda velocidade em direção ao kretch. A cada passo, meu lado racional e minha mente calculista me alertam sobre a dificuldade para se obter a vitória aqui. A criatura é muito maior do que estimei. Apesar de parecer um lobo no formato, tem o tamanho de um pequeno cavalo. Além dos braços musculosos, com dedos longos e afiados, há malotes sobre seu corpo cabeludo. Não são alças ou bolsas de couro; são feitos de carne, e armas saem deles.

Mas tenho instintos de guerreira e muita crença em mim mesma. Quaisquer que sejam as probabilidades, eu vencerei. Eu sou Grimalkin!

Sem perder o ritmo, interrompo as batidas do meu coração. É uma habilidade que treinei ao longo de muitos anos. Meu sangue se aquieta: não há picos e vasos cheios de circulação atrapalhando meu objetivo. Saco uma faca da capa e jogo a lâmina direto para a cabeça da criatura.

Meu arremesso é preciso e encontra o alvo. Contudo, para minha irritação e frustração, a lâmina não penetra, passando pela cabeça peluda para cair inofensivamente na grama alta. Um capacete de metal não teria oferecido defesa mais eficiente.

Então vejo um brilho de sangue na pelugem escura. Eu cortei a carne, mas o crânio é forte e espesso, uma barreira de ossos contra minhas lâminas.

Certamente o resto do corpo não pode dispor de defesas semelhantes? O movimento da criatura ágil e lustrosa que corre em minha direção de forma tão fluida e graciosa contraria a tese. Deve haver algum ponto fraco. Vou encontrá-lo e a criatura vai morrer.

Então testo seu corpo, lançando uma segunda lâmina direto para a sua lateral. Ele reage rapidamente e gira de modo que o objeto não o acerta. Permito que meu coração volte a bater.

Agora o kretch corre na minha direção de outro ângulo. Eu continuo avançando e a longa espada está na minha mão esquerda; esta é a que uso para combates próximos.

Uniformizando os movimentos, o kretch também saca uma espada de uma bolsa no ombro. Também usa a mão esquerda, as garras da direita prontas para me receber. Mas agora decidi exatamente o que fazer. Sei como posso vencer rapidamente esta batalha e continuar minha fuga com a cabeça do Maligno.

Há um grande choque quando nos encontramos; o kretch rugiu, exibindo suas presas afiadas, e tenta me atingir na cabeça. O fedor de seu hálito rançoso invade minhas narinas enquanto desvio da espada e caio de pé abaixo dela. Deslizando por baixo da grama molhada sob o corpo peludo do kretch, ataco pela direita e pela esquerda com minha lâmina, rasgando as duas pernas traseiras, rompendo os tendões.

A criatura uiva e cai para trás, o sangue pingando na grama. Mas eu já rolei para o lado e corri de volta pela colina para o saco de couro, levantando-o firmemente até o ombro. Olho para baixo novamente e sorrio, triunfante. A criatura está uivando, tentando desesperadamente correr pelo aclave em minha direção com os membros superiores.

Oh, senhor Lobo! Agora você está mimando!

Suas patas traseiras se arrastam inutilmente. Agora que está paralisado, não consegue mais me alcançar. Sem dúvida seus criadores encontrarão a fera e acabarão com seu sofrimento. Estou feliz com o que conquistei, mas tinha imaginado que a luta seria mais difícil. De qualquer forma, é bom triunfar sobre meus inimigos.

Com o coração leve agora, corro em direção a Pendle. Estou animada com minha vitória. Até a chuva parou. Há buracos nas nuvens, e logo o sol vai brilhar. Quanto a meus outros perseguidores, deixei-os bem para trás.

Sentei-me com as pernas cruzadas sobre a grama e me acomodei. Em seguida, tirei a cabeça do Maligno do saco e, segurando-a pelos chifres, coloquei-a no banco de grama de modo que ficasse quase na altura da minha. Retirei a maçã verde e os espinhos e esperei pacientemente pelo início da nossa conversa. Sempre começava exatamente do mesmo jeito.

— Solte meus olhos! — gritou a voz grave. As palavras do Maligno pareciam vibrar pelo banco de grama.

— Por que fica se repetindo? Nunca vai aprender a aceitar sua situação? Seus olhos vão continuar costurados. Agradeça por eu deixar você falar um pouco. Não desperdice seu tempo. Tem alguma coisa para me contar? Qualquer coisa que valha a pena ouvir?

O Maligno não respondeu, mas sob as pálpebras seus olhos se moviam freneticamente. Em seguida, a boca abriu como se ele estivesse falando com alguém, mas eu não conseguia ouvir nada.

— Está se comunicando com alguém? — quis saber. — Tem conversado com algum dos seus servos? Se estiver fazendo isso, vou colocar você de volta no saco!

— Meus servos falam comigo o tempo todo, independente de eu poder responder ou não. Eles me contam coisas. Acabei de descobrir algo muito interessante.

A boca sorriu como se estivesse saboreando o que havia acabado de ouvir, e gotas de sangue e saliva correram pelo queixo. Não concedi a ele a satisfação de perguntar o

que sabia. Ele me contaria de qualquer jeito. Eu só precisava ser paciente.

— Acabou — disse ele, afinal. — Você está acabada; praticamente morta. Logo estarei livre.

— Mutilei o kretch que seus servos criaram. Não crie grandes esperanças.

— Logo saberá a verdade, feiteira; muito em breve, aliás!

— O quê? Verdade do Pai das Mentiras? — respondi, rindo com desdém.

Sempre preocupada com o conforto do Maligno, peguei um punhado de urtigas afiadas e espalhei-as pelo saco para preparar uma cama. Em seguida enfiei a maçã verde e os espinhos de rosa de volta na boca dele.

— Durma bem! Bons sonhos! — gritei, amarrando a corda para prendê-lo novamente no saco.

Uma hora antes do pôr do sol, parei e preparei armadilhas para coelhos. Era uma noite calorosa e agradável, e a grama tinha secado. Eu já estava na beira do distrito Pendle, e a colina em si era claramente visível na direção nordeste.

Decidi utilizar meu espelho para fazer contato com Alice Deane e ver se ela, Tom Ward e o Caça-feitiço tinham chegado em segurança ao Condado. Fazia uma semana desde meu último contato com ela. Naquele momento, eles estavam prestes a deixar o sudoeste da Irlanda e viajar de ônibus até Dublin para pegar um barco para casa. Eu estava muito à frente deles: já tinha chegado ao sul de Liverpool e seguido para o norte, mantendo-me próxima à costa antes de ter o meu primeiro contato com os seguidores do Maligno a oeste de Ormskirk.

Tirando o espelho da capa, disse as palavras mágicas de contato e esperei pacientemente Alice aparecer.

O espelho brilhou, e ela sorriu para mim.

— Imagino que esteja tudo bem? — perguntei.

Alice fez que sim com a cabeça. *Estamos em casa há três dias, e o Velho Gregory já colocou um pessoal para trabalhar duro e reconstruir a casa dele. Estamos dormindo sob as estrelas neste momento! Como você está? A cabeça continua em segurança?*, ela mexeu a boca, sem emitir som.

— Sim, criança — falei para ela. — Alguns perigos, mas sobrevivi. A cabeça continua segura em minhas mãos, mas não posso fugir para sempre. Diga a Thomas Ward para pensar em alguma coisa! Temos que destruir o Maligno; precisamos de uma solução permanente.

Sorri para Alice e guardei o espelho, olhando para a massa crescente de Pendle.

Eu já estava quase em casa. Fiquei imaginando se, quando chegasse à Torre Malkin, as lâmpas me deixariam buscar refúgio por lá. Se não, será que eu poderia forçá-las? Seria difícil superar duas ao mesmo tempo, mas se eu entrasse pelo túnel, poderia atrair uma delas para a masmorra. Teoricamente as criaturas eram minhas aliadas, mas, se necessário fosse, eu mataria ambas.

Senti o espelho se mover novamente na bolsa de couro. Quando o puxei, Agnes Sowerbutts já estava me encarando. Ela parecia preocupada.

— Cortei os tendões do kretch — contei a ela. — Esse perigo já passou.

Quem me dera, Agnes mexeu a boca para mim. Espiei a criatura refletida na superfície de um pequeno lago, onde parou para saciar sua sede. Agora está atrás de você mais uma vez, apenas mancando um pouco. Logo estará correndo livremente outra vez.

Agora consegui enxergar o nome do pai dele. O kretch foi gerado por Taneki, um dos demônios escondidos que raramente, e com muita dificuldade, é invocado. Pouco se sabe sobre ele, exceto que é muito perseverante. Quando tem um objetivo, jamais desvia dele até sua vontade ser consumada. E não é só isso: qualquer derrota o fortalece. Cada vez que ele luta, torna-se mais formidável. Tais características foram transmitidas ao kretch. Recebeu fortes poderes de cura.

Franzi o rosto e meneei a cabeça. A ruptura do tendão deveria ter sido permanente. Essa criatura seria muito dificilmente superada. Eu não poderia mais me dar ao luxo de dormir à noite.

É, pior, diz Agnes, olhando diretamente para mim, seus lábios se movendo silenciosamente, sua testa está cortada...

Levantei o dedo para a testa e, para meu espanto, tracei a linha de um corte. Meu dedo voltou ligeiramente manchado de vermelho. Era pouco mais do que um corte, sem dúvida provocado por uma das garras do kretch. No calor da luta, não senti nada. Lembrei que Agnes havia previsto que eu sofreria um “ferimento mortal”.

— Certamente este pequeno arranhão não é nada? — perguntei.

O ferimento é leve. Mas pode ter entrado veneno na sua corrente sanguínea. Quer que eu veja o futuro mais uma vez para saber no que resulta?

Eu estava me sentindo muito bem e não achava necessário, mas para agradar Agnes fiz que sim com a cabeça, e a imagem no espelho desbotou. Passei a hora seguinte cozinhando e comendo dois coelhos roliços enquanto pensava no kretch. Com quanta dedicação meus inimigos haviam fabricado aquela criatura? Talvez as glândulas na base das garras soltassem alguma substância que impedisse suas vítimas de sentirem dor? Esse era um truque utilizado por alguns predadores para que suas presas não dessem atenção ao ferimento envenenado... até ser tarde demais. Mas mesmo assim eu não estava muito preocupada. Preenchida por uma nova energia, corri pela noite em direção a Pendle. Estava me sentindo forte. Não tinha qualquer sintoma de envenenamento.

Não naquele momento.

Eles começaram justamente quando Pendle começou a surgir e tomar forma pela luz lúgubre que antecedia o alvorecer.

Começou com uma perturbação na minha visão. Pequenos flashes de luz apareceram nos cantos dos meus olhos. Eu jamais havia experimentado nada parecido e, a princípio, dei pouca atenção. Mas aos poucos os flashes pioraram: então perdi o fôlego, e meus batimentos aceleraram. Tentei ignorar esses sintomas — e o saco, que parecia pesar mais a cada passo. Então, minhas pernas começaram a perder a firmeza.

De repente eu estava de joelhos, e uma onda de náusea me abalou. Vomitei meu jantar na grama e me agachei ali, golfando e arfando. Após alguns minutos, minha respiração voltou a parecer algo ligeiramente normal, e lutei para me levantar. Mas, quando tentei correr, minhas pernas pareciam chumbo, e eu só conseguia cambalear para frente alguns passos de cada vez.

Em pouco tempo meu estado começou a deteriorar mais. Cada fôlego falho que eu sugava desesperadamente para meus pulmões trazia uma dor aguda. Mas eu não podia parar. Imaginei o kretch acelerando e pulando atrás de mim. Mesmo que meu progresso fosse lento, cada passo doloroso me levaria para mais perto de Pendle. Em termos físicos, eu era excepcionalmente forte e resistente. Minha autoconfiança permanecia firme: eu tinha certeza de que poderia combater os efeitos do veneno.

O espelho se moveu: peguei-o e olhei para o rosto de Agnes Sowerbutts mais uma vez. Sua expressão estava sombria e ela balançou a cabeça lentamente.

O veneno é lento, porém mortal, ela moveu os lábios. Sem ajuda, você provavelmente morrerá em breve. Mas não posso dizer o que irá acontecer: quando eu tentava, o espelho escurecia.

Ainda havia espaço para esperança, pensei — um espelho escurecido significava apenas que as coisas eram incertas.

— Você poderia me ajudar? — perguntei.

Sou uma mulher velha e não posso viajar para encontrá-la. Mas, se vier aqui, farei o que puder para ajudar.

Agnes era uma curandeira poderosa. Se eu ao menos pudesse chegar à casa dela...

Agradei, depois guardei o espelho de volta na capa. Meu corpo inteiro tremia agora. Tentei negar, mas não conseguia mais escapar da verdade. Eu sabia que não tinha forças para chegar aos contornos da vila Deane sozinha.

Sempre fui autossuficiente; basicamente sempre andei sozinha. O orgulho agora se colocava diante de mim; uma barreira ante a ajuda que eu precisava. A quem eu poderia pedir? Em quem poderia confiar? Acima de tudo, eu precisava de alguém que carregasse a cabeça do Maligno e a mantivesse longe das garras do kretch.

Eu não tinha “amigos” verdadeiros nos clãs, mas havia aqueles que eu já tinha ajudado ou com quem já tinha formado alianças temporárias — feiticeiras, como Alice Deane. Infelizmente, Alice estava muito longe para me ajudar. Ela estava em Chipenden com John Gregory e Tom Ward.

Fiz uma lista mental das pessoas em quem poderia confiar, mas rapidamente a descartei. Os clãs de Pendle foram divididos em três grupos quando invocaram o Maligno para a terra: havia aqueles que o serviam, os que se opunham a ele e, finalmente, os que observavam e aguardavam, talvez planejando se aliar aos vencedores do conflito.

Eu estava longe de Pendle havia muitos meses e não tinha como ter certeza sobre ninguém agora. Fiquei olhando para a grande massa da Colina Pendle, com a mente circulando como uma mariposa ao redor de uma chama de vela, indo para o fogo inevitável.

Havia uma pessoa para quem eu poderia pedir ajuda, mas ela era muito jovem e eu não queria colocá-la em perigo. Por outro lado, também era forte e muito capaz de ajudar.

Feiticeiras assassinas não são como caça-feitiços; tradicionalmente não têm aprendizes. Mas eu não sou como as assassinas antigas. Treinei uma garota em segredo. Seu nome?

Thorne.

CAPÍTULO

4

MATE AQUELE URSO



A fera tem braços fortes o bastante para despedaçá-la de membro a membro, uma boca cheia de presas e é grande o suficiente para arrancar sua cabeça.

Que chance tem contra um inimigo desses?

Nenhuma; está praticamente morta.

Eu sei a resposta; é simples: Mate-o à distância!

Thorne me procurara cinco anos antes, quando ela tinha apenas dez. Eu estava sentada com as pernas cruzadas sob um carvalho perto da vila Bareleigh, meditando sobre minha próxima tarefa: procurar e matar algo que não era humano. Na floresta ao nordeste de Pendle, um urso havia se rebelado e matado três humanos no último mês. Restavam poucos ursos no Condado, mas este tinha que morrer.

Não percebi a aproximação do perigo, porque não o reconheci em alguém tão jovem.

A criança chegou muito perto de mim e me chutou com força na coxa, com seu sapato pontudo. Em um segundo eu estava de pé. Levantei-a pelo cabelo e puxei-a de modo que seu rosto ficasse próximo ao meu.

— Se algum dia fizer isto outra vez — alertei —, arranco o seu pé fora!

— Sou corajosa — respondeu ela. — Não concorda? Quem mais ousaria chutar a feiticeira assassina?

Olhei mais de perto para a garota. Ela mal era alguma coisa, com pouca carne nos ossos, mas tinha uma determinação no olhar que era muito incomum para alguém tão novo. Era como se alguma coisa muito mais velha e mais poderosa encarasse a partir daquele rosto jovem. Mas eu não pretendia aturar chateações dela.

— Você é mais burra do que corajosa! — rebati. — Saia daqui. Volte para sua mãe; ela terá tarefas para você.

— Não tenho mãe, nem pai. Moro com meu tio feioso. Ele me bate todo dia.

— Você o chuta de volta?

— Chuto, e aí ele me bate com mais força ainda.

Olhei de novo para a garota, notando os hematomas em seus braços e a marca escura sob o olho esquerdo.

— O que quer de mim, criança?

— Queria que matasse meu tio pra mim.

Eu ri e coloquei Thorne no chão, em seguida ajoelhei de modo que nossos olhares se encontraram outra vez.

— Se eu matasse seu tio, quem iria alimentar e vestir você?

— Vou trabalhar. Vou me alimentar sozinha. Serei uma feiticeira assassina como você.

— Para ser a feiticeira assassina do nosso clã, você terá que me matar. Consegue fazer isso? É apenas uma criança.

Tradicionalmente, a cada ano, três feiticeiras eram treinadas para enfrentar a assassina do clã, mas ninguém me confrontava havia anos. Após destruir a décima quinta pretendente, tive que encerrar a prática, pois me cansara desses desafios. Era um desperdício tolo de vidas que aos poucos ia esgotando a força do clã Malkin.

— Logo serei tão grande quanto você, mas não vou matá-la — disse a menina. — Você vai morrer um dia, e aí eu estarei pronta para substituí-la. O clã precisará de uma assassina forte. Você deveria me treinar!

— Vá para casa, criança. Volte e chute seu tio feioso com mais força ainda. Não vou treiná-la.

— Então vou voltar e chutá-la de novo amanhã!

Com isso, ela se retirou, e não pensei mais no assunto, mas ela voltou no dia seguinte e parou na minha frente. Eu estava na minha oficina, afiando uma lâmina nova.

— Chutou seu tio feioso outra vez? — perguntei, sem conseguir conter o sorriso enquanto repousava a lâmina pronta na bigorna.

A criança não respondeu. Ela deu um passo para frente e tentou me chutar outra vez, mas eu estava preparada. Dei um tapa forte nela e a joguei na terra. Eu não estava com raiva, mas já tinha aturado demais as suas bobagens e queria mostrar que comigo não se brinca. Mas a menina era teimosa e — sim — corajosa. Tentou mais um chute. Daquela vez eu peguei a lâmina e aponte para a garganta dela.

— Antes do fim do dia, criança, esta nova lâmina sentirá o gosto de sangue! Cuide-se para que não seja o seu!

Então a levantei pelo ombro e a levei para a floresta. Era fim de tarde quando encontrei rastros do urso; cheguei à toca dele ao crepúsculo, uma caverna em um bosque ao lado da colina. Havia ossos do lado de fora, espalhados pelo barro. Alguns eram humanos.

Deu para ouvir o animal se mexendo em seu covil. Logo senti o nosso cheiro e, instantes mais tarde, surgiu sobre as quatro patas. Era grande, marrom e feroz; tinha sangue no focinho e nas patas. Havia acabado de comer, mas parecia faminto. Encarou-nos por um momento; encarei de volta e sibilei para ele, para provocar. O urso ficou de pé sobre as patas traseiras e soltou um terrível grito de fúria.

Coloquei a garota no chão ao meu lado.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

— Thorne Malkin.

Entreguei a ela a lâmina que tinha fabricado e afiado naquela manhã.

— Bem, Thorne, vá e mate aquele urso para mim! — ordenei.

Ela encarou o animal, que agora vinha em nossa direção, com a boca aberta, pronto para atacar. Pela primeira vez, vi medo nos olhos dela.

— É grande demais — disse ela.

— Nada é grande demais para uma feiticeira assassina. Mate o urso e eu treinarei você. Aí um dia você assumirá o meu lugar.

— E se ele me matar?

Sorri. O urso agora estava chegando muito perto.

— Neste caso eu espero até o urso começar a comê-la. Uma vez que ele esteja distraído, eu o mato.

Algo completamente inesperado então aconteceu. A essa altura a criança tremia de medo e parecia pronta para fugir a qualquer segundo. Era exatamente o que eu queria. Minha intenção era curá-la dos desejos de se tornar uma feiticeira assassina.

E ela de fato correu, mas não na direção que eu esperava.

Thorne ergueu a lâmina, gritou e correu para o urso.

Quando saquei e empunhei outra lâmina, ela estava a poucos segundos da morte. Eu raramente erro, e minha mira foi perfeita: a adaga se enterrou até o cabo no olho esquerdo do urso. Ele cambaleou e começou a cair — mas Thorne continuava correndo em direção a ele. Enquanto a menina o golpeava na traseira da perna esquerda, o animal morto caiu sobre ela.

Thorne teve sorte de não ter morrido, ou ao menos se machucado seriamente com todo aquele peso caindo sobre ela. Quando eu a arrastei dali, ela estava coberta por sangue de urso —, mas, fora isso, intacta. Fiquei impressionada com a coragem da jovem; ela merecia escapar ilesa.

— Eu matei! — exclamou triunfante. — Agora você vai ter de me treinar.

Levantei a cabeça do urso e apontei para a adaga no olho esquerdo.

— Eu matei — disse a ela. — Você simplesmente ofereceu jantar a ele. Mas agora temos o nosso próprio jantar. Esse urso passou um bom tempo comendo carne humana; agora, comeremos o coração dele.

Eu fazia valer a minha palavra. Enquanto Thorne juntava madeira, peguei o que precisava do urso: o coração e duas fâsias tenras de sua traseira. Logo acendi uma fogueira e estava cozinhando a carne em um espeto. Uma vez pronto, cortei o coração em dois e entreguei metade à menina.

— É bom — elogiou ela. — Nunca tinha provado carne de urso antes.

— Restam poucos, mas, caso você volte a enfrentar algum, precisa saber de algumas coisas. Nunca o esfaqueie na perna, isso só serve para enfurecê-lo. E nunca chegue perto. Um animal assim deve ser morto de longe. Eles são incrivelmente fortes: uma vez que um urso consegue pegá-la, você está praticamente morta. Eles conseguem arrancar seus membros ou quebrar seu crânio com uma mordida.

Thorne mastigou a carne pensativamente.

— Eu me lembrarei disso na próxima vez que formos caçar ursos.

Quase ri alto com a presunção do “nós” e sorri para ela.

— Você estava com medo, criança, mas mesmo assim me obedeceu e atacou o urso. Então, sim, começarei a treiná-la. Você terá um mês para se provar.

Peguei a nova lâmina que Thorne havia utilizado para atacar o urso.

— Aqui — falei, entregando a ela —, essa é sua agora. Você merece. Sua primeira lâmina.

E então comecei a treinar Thorne, mas o fiz em segredo. Havia três razões para isso. Em primeiro lugar, se algum dos meus inimigos ficasse sabendo, a garota se tornaria um alvo. Se capturassem ou machucassem Thorne, poderiam tentar usá-la para me pressionar.

Em segundo lugar, eu tinha ciúme da minha reputação e queria continuar inspirando medo pela minha crueldade e independência. Era por isso que eu entalhava a imagem de tesouras em árvores.

Terceiro, a feiticeira assassina Malkin tradicionalmente era escolhida através de combate. Eu julgava ser melhor manter a prática após a minha morte: as feiticeiras voltariam a competir entre si pelo título. Eu não queria que ficasse parecendo que eu estava escolhendo pessoalmente a minha pupila para me suceder.

Se Thorne fosse se tornar a próxima assassina, teria que conquistar a posição do jeito tradicional. Eu não tinha qualquer dúvida de que ela o faria.

O mês passou rapidamente e foi bastante satisfatório para mim. A menina era corajosa e também obediente — isso era importante. Prefiro trabalhar sozinha, mas, com uma parceira, devo estar no comando e não há espaço para comportamento rebelde.

• • •

Lembro-me da primeira vez em que Thorne mostrou seu verdadeiro valor e eu percebi o quão boa assassina ela poderia se tornar um dia.

Feiticeiras da água normalmente atuam no extremo norte do Condado. Não são amigas dos clãs de Pendle e recentemente tinham matado uma feiticeira Malkin que viajava na direção sul através do seu território. Eu tinha sido enviada pelo meu clã para matar três delas em retaliação.

Thorne não participou da mutilação das bruxas da água. Ela foi para observar e aprender. Matei três, conforme fui orientada; em seguida, escolhendo uma clareira na floresta, coloquei as cabeças delas em estacas e gravei o sinal das minhas tesouras nas árvores ao redor. Ficaria bem claro. Não era apenas por vingança; era um alerta.



Pensando agora, eu deveria ter saído de lá de imediato e corrido para Pendle. Em vez disso, eu e Thorne passamos um dia proveitoso na costa do lago que alguns chamam de Coniston. Foi um dia de treinamento e exigi bastante da menina. O sol tinha acabado de

se pôr atrás das árvores quando começamos a praticar com facas. Eu tentava ensiná-la a ter calma e controlar a raiva. Ela estava com as lâminas; eu usava minhas mãos.

— Corte-me! — gritei, estapeando-a na cara e recuando para fora do seu alcance.

Thorne girou para cima de mim, empunhando duas lâminas, atacando-me com fúria estampada no rosto. Entrei no território dela e a estapeei com ainda mais força; duas vezes nas bochechas, o que provocou lágrimas em seus olhos.

— Fique calma, garota! É apenas dor! — zombei. — Pense! Concentre-se! Corte-me!

Ela errou de novo, e eu dei mais um tapa forte. Estávamos perto da água e já era crepúsculo; faixas de bruma subiam do lago em direção a nós.

Thorne respirou fundo, e vi o rosto dela relaxar. Desta vez ela fintou, e o arco da sua primeira lâmina chegou tão perto que senti o ar respirar sobre a pele do meu ombro. Sorri em apreciação e dei um rápido passo para trás para evitar o golpe seguinte. Eu estava a centímetros da beira da água e o lago era fundo.

O ataque veio de repente, pegando nós duas de surpresa. Eu estava de costas para água e Thorne viu a criatura antes de mim. Os olhos dela se arregalaram em choque, e eu me virei e olhei por cima do ombro, enxergando a morte que vinha em minha direção.

A fera tinha braços e dedos longos com garras afiadas, mas era mais peixe do que homem, com um rosto que parecia um pesadelo e olhos frios de bacalhau, uma boca cheia de dentes pontudos e um corpo longo e sinuoso como o de uma enguia, além de uma barbatana fina.

Tentei girar para escapar, mas ele pulou da água, sobre o rabo, me pegou pelo ombro e me puxou para trás. Quando minha cabeça afundou na água fria, percebi que não tinha lâminas comigo. Eu estivera lutando com Thorne sem armas e minhas faixas de couro, bolsas e facas estavam espalhadas na grama, um pouco longe da beira da água.

Mas eu ainda não tinha desistido, e com as unhas da mão esquerda arranquei o olho direito da criatura; em seguida, mordi seus dedos até o osso. No entanto, ele era muito forte e estava me arrastando mais profundamente pela água turva. Eu não tinha tido tempo de respirar fundo e percebi que estava seriamente em apuros.

Mas então vi outra forma na água ao meu lado e senti uma faca sendo colocada em minha mão. Usei-a rapidamente — com eficiência. E não estava sozinha. Thorne estava ao meu lado, e juntas cortamos a criatura em pedaços.

Ao amanhecer remontamos os fragmentos restantes ao lado do lago. Eu nunca tinha visto nada parecido antes, mas sem dúvida era ab-humano. Eles assumem muitas formas estranhas, e este era adaptado a uma vida aquática. O Maligno às vezes utiliza criaturas assim para destruir seus inimigos. Ele não podia se aproximar de mim; então, enviou um de seus filhos.

Sem dúvida Thorne salvou a minha vida naquele dia; precisou de muita coragem para se juntar a mim na água daquela forma. Como recompensa, fervei os ossos dos polegares da criatura e dei a ela. Foram os primeiros que ela pendurou em seu colar.

De volta a Pendle, treinei Thorne várias vezes por semana e ocasionalmente a levava comigo ao sair em longas jornadas, procurando aqueles que haviam sido jurados de morte pelo meu clã.

Observei o desenvolvimento de uma menina jovem e ansiosa em uma potencial feiticeira assassina que um dia assumiria o meu lugar. Por causa da guerra e da minha jornada para a Irlanda, fazia meses que eu não a via, mas ela estaria pronta para responder o meu chamado.

Encarei o espelho e entoiei o encanto. Em poucos instantes o rosto de Thorne entrou em foco. Havia tempos a menina que atacara o urso tinha desaparecido. Ela tinha olhos gentis, cada íris uma safira azul vívida, mas seu rosto esguio agora era o de uma guerreira, com uma boca larga e um nariz afiado. Seus cabelos escuros tinham um corte curto, e ela trazia uma pequena tatuagem na bochecha esquerda: a efígie de um urso. Tinha feito para se lembrar do dia em que concordei em treiná-la.

Você está machucado?, ela moveu os lábios, mostrando os dentes. *O que aconteceu?*

Eu a tinha proibido de afiar os dentes até que o treinamento estivesse completo, então seus raros sorrisos ainda não aterrorizavam os outros.

Contei a ela sobre o kretch e o veneno, mas era a cabeça do Maligno que mais me preocupava, e expliquei o que tinha no saco de couro. Era esta a verdadeira razão pela qual eu relutantemente convocava Thorne para um perigo tão grande.

— Aconteça o que acontecer, não pode cair nas mãos dos servos do Maligno — prossegui. — Se eu morrer, você deve assumir o fardo.

Claro, mas você não vai morrer. Onde você está?

Sudoeste de Pendle, a mais ou menos oito quilômetros do sopé da colina.

Então espere, estarei com você muito em breve. O quão próximo está o kretch?

— É impossível ter certeza — respondi a ela —, mas provavelmente a poucas horas, no máximo.

Então tente continuar andando. Lembre-se do que me disse uma vez: "Você apenas começou a lutar".

Com isso, o espelho escureceu, e Thorne se foi. Lutando contra a dor, esforcei-me para levantar, cambaleando na direção leste mais uma vez, com a respiração falha e escassa. Meu progresso era muito lento, e comecei a imaginar que podia ouvir o kretch pelas árvores atrás de mim, cada vez mais perto, pronto para atacar.

Em determinado momento virei-me para encontrá-lo, mas não tinha nada ali. O que me lembro em seguida é de estar deitada de barriga para cima, com a chuva caindo no meu rosto. Abri os olhos em pânico.

Onde estava o saco de couro? Estiquei o braço para pegá-lo, mas não encontrei nada.

— Está seguro, está comigo — disse uma voz conhecida.

Thorne estava ajoelhada ao meu lado, parecendo preocupada. Tentei sentar, mas ela me empurrou para baixo novamente com gentileza.

— Descanse — disse com firmeza. — Dê tempo para a poção fazer efeito. Pedi a ajuda de Agnes no caminho. O que ela mandou não é uma cura, mas deve ajudar a

ganhar tempo. Depois que você cuspiu a primeira dose, consegui derrubar quase tudo pela sua garganta.

— O kretch está perto?

Thorne balançou a cabeça.

— Não consigo farejar aproximação.

— Se conseguirmos chegar a Pendle, ficaremos seguras por um tempo. As bruxas que fizeram a criatura são do sudoeste do Condado. Não ousarão entrar em nosso território.

— Espero que esteja certa — disse Thorne —, mas os clãs estão divididos. Alguns podem permitir que entre. Agora, tente se levantar.

Thorne me ajudou a ficar de pé, mas eu estava sem firmeza, e ela teve de me apoiar. Apesar de ter apenas quinze anos e ainda não estar totalmente crescida, ela era quase tão alta quanto eu e parecia, de fato, uma feiticeira assassina. Estava vestida de forma semelhante a mim — faixas de couro cruzavam seu corpo, as bolsas continham facas.

Sorri para ela.

— Ainda não estou forte o suficiente para viajar. Deixe-me aqui e leve o saco. É isso que realmente importa.

— Viajaremos juntas — respondeu Thorne com firmeza. — Lembra-se de quando me carregou uma vez?

— Quando caçamos o urso? Sim, lembro bem. Estava pensando nisso mais cedo.

— Bem, agora sou eu quem vai carregar você.

Com isso, Thorne me ergueu aos seus ombros e, com o saco na mão esquerda, começou a correr na direção leste. Estávamos indo rumo à casa de Agnes Sowerbutts nos arredores da vila Deane de Roughlee.

Era estranho ser carregada assim. Eu estava em guerra comigo mesma: parte de mim sentia raiva da minha própria fraqueza e ressentia Thorne por me tratar de acordo; a outra parte sentia gratidão pela ajuda e sabia muito bem que as habilidades de Agnes Sowerbutts eram minhas melhores chances de sobrevivência.

Após algum tempo, quando o efeito da poção passou a terminar, a dor nos pulmões começou a voltar. A agonia se intensificou lentamente até eu mal conseguir respirar, e me senti perdendo a consciência outra vez.

O que me lembro em seguida é de algo que soou como um grito sombrio de um cadáver de galinha muito próximo. Então veio uma quietude súbita e uma mudança de temperatura. Eu não estava mais sendo carregada; estava dentro de algum lugar, longe da chuva. Estava deitada em uma cama e alguém se curvava sobre mim; o rosto preocupado de Agnes Sowerbutts surgiu.

Senti minha cabeça sendo levantada, e de repente minha boca estava cheia de um líquido com gosto terrível. Engoli um pouco e quase vomitei. Queria cuspir o resto, mas lutei para controlar o impulso. Agnes estava tentando me ajudar. Ela era minha única esperança de sobrevivência. Então me forcei a engolir de novo e de novo. Alguem

tempo depois, um estranho calor se espalhou lentamente do meu estômago para minhas extremidades. Senti-me confortável. Acho que dormi um pouco.

Mas acordei novamente, com o corpo todo doído. Havia pontadas agudas no meu peito, e cada fôlego era como uma adaga perfurando meu coração. Meus membros latejavam e pareciam pesados como chumbo. Qualquer que fosse a poção que Agnes tinha me dado, não tinha funcionado por muito tempo. Abri os olhos, mas não vi nada. Estava tudo escuro. Será que o veneno tinha levado minha visão?

Então ouvi a voz de Agnes: — O veneno é muito poderoso. Ela está morrendo. Sinto muito, mas não há nada mais que eu possa fazer.

CAPÍTULO
5

TORRE MALKIN



Sangue, osso e magia familiar funcionam para a maioria das feiticeiras, mas os métodos antigos não são o único caminho para o poder.

Não há nada errado com a traição, mas sou aberta e flexível.

Eu sou Grimalkin.

— Por favor, tente novamente — ouvi Thorne implorar. — Ela continua lutando, continua forte. Grimalkin merece outra chance.

Lutei para me manter acordada, mas eventualmente perdi a consciência outra vez, caindo vagarosamente em um sonho mais escuro e profundo do que nunca.

Seria isso a morte? Se fosse, Thorne estava sozinha. Por quanto tempo ela conseguiria manter a cabeça do Maligno longe das garras de seus partidários? Eu tinha contado a ela sobre minha aliança com Alice Dean, Tom Ward e John Gregory. Será que entenderia que deveria procurá-los diretamente para pedir ajuda?

Tentei chamá-la para dizer o que deveria ser feito, mas não consegui falar. Estava presa dentro do meu próprio corpo, forçada a suportar a dor, que aumentava o tempo todo.

Eu não ia continuar deitada ali em agonia enquanto perdia a vida aos poucos. Tinha uma maneira de escapar da dor. Eu podia flutuar para fora do corpo e encontrar a morte. Eu tinha certa habilidade nas artes da magia xamanística.

A maioria das feiticeiras de Pendle são muito conservadoras em seus hábitos: desde cedo são testadas por seus clãs para determinar para qual tipo de magia das trevas — sangue, ossos ou familiar — têm aptidão. Jamais pensariam em buscar qualquer coisa além dessas opções. Mas eu sou diferente. Minha mente é flexível e aberta a alternativas. Estou sempre disposta e ansiosa para aprender coisas novas.

Talvez porque durante minha vida como feiticeira assassina eu tenha viajado muito e encontrado outras culturas e maneiras de utilizar as sombras. Um desses encontros foi com uma feiticeira romena que morava no nordeste do Condado. Foi ela que me ensinou sobre o xamanismo.

Claro, você pode passar a vida toda aprendendo seus segredos e praticando. Eu tive poucos meses para me dedicar a isso, então me concentrei apenas em um dos aspectos do repertório — a habilidade de projetar a alma para fora do corpo.

Um procedimento desses não é isento de riscos. Certo praticante, um mago, projetou a alma para as sombras e foi devorado por um demônio. E sempre há a possibilidade de não encontrar seu corpo de volta. Por isso, eu só utilizava essa magia raramente e com muito cuidado.

Mas que diferença isso fazia agora? Eu estava morrendo. A bruma do Limbo fecharia ao meu redor em breve, independente de eu abandonar meu corpo ou não. Pelo menos eu conseguiria vê-lo novamente — de certa forma.

O processo normalmente requer algumas palavras-chave murmuradas em uma cadência específica, mas a vontade de escapar é tão importante quanto.

Eu tinha perdido o controle sobre meu corpo e não conseguia nem mover os lábios para invocar o feitiço. Mas naquela situação, movida pelo desespero, minha vontade se provou suficiente. Momentos depois eu estava flutuando a alguns metros da cama acima do meu corpo, que se encontrava deitado. Thorne estava na cadeira, com a cabeça apoiada nas mãos. O saco de couro estava ao seu alcance. Uma vela piscava sobre a mesinha ao seu lado.

Olhei para o meu rosto cansado, a boca aberta para engolir minhas respirações curtas e rápidas. Nunca imaginei que fosse acabar assim. Não parecia certo. Grimalkin não foi feita para morrer em uma cama quente — deveria ter morrido em combate, como uma guerreira. Mas, pensando bem, morri, sim, em combate. O kretch havia me matado. Aquele arranhão provocado por sua garra venenosa selara a minha derrota — e o começo da minha morte.

Flutuei e atravessei porta fechada. Eu não era nada mais que uma pequena esfera de luz brilhante, invisível para a maioria das pessoas. As feiticeiras e os caça-feitiços mais poderosos talvez conseguissem me ver, mas só em um lugar muito escuro. Até a luz da vela me tornava quase totalmente invisível.

Contudo, eu conseguia ver claramente, mesmo no escuro — apesar de apenas uma cor ser visível. Tudo tinha um tom de verde, e coisas vivas brilhavam, acesas pela própria vida nelas contida. A frente da sala de Agnes era exatamente como eu me lembrava: aconchegante, limpa, mas cheia. As paredes eram alinhadas com prateleiras repletas de livros ou fileiras de jarros contendo pomadas, ervas secas e raízes envelhecidas. Acima de tudo, Agnes era uma curandeira.

Ela estava sentada em um banco perto da fogueira na pequena sala da frente, lendo um livro. Flutuei mais para perto e li o título na lombada: *Antídotos para venenos mortais*.

Então ela tinha ouvido Thorne e ainda não desistira de mim. Apesar de meus inimigos terem criado um kretch especialmente para me matar, isso não significava necessariamente que tivessem criado um veneno totalmente novo. A força e os recursos utilizados pela própria criatura teriam um grande custo para ela mesma. Tinha sido dotada com muitos meios para me matar, e o veneno era apenas um deles; talvez

tivessem selecionado apenas um dos mais mortais. Se Agnes conseguisse determinar qual, eu talvez ainda tivesse uma chance.

Continuei flutuando, passando pela parede da casa com facilidade. Adiante vi a grande massa da serra de Pendle. Acelerei. Eu podia morrer a qualquer momento, mas precisava manter as esperanças. Caso me recuperasse, havia algo que eu podia fazer agora que talvez me ajudasse a manter a cabeça do Maligno segura.

Eu tinha decidido visitar a Torre Malkin — onde exatamente as duas lâminas moravam — e ver qual era a situação por lá. Voei em direção a Crow Wood e logo estava sobrevoando as árvores, invisível aos corvos ferozes que se empoleiravam nos galhos cheios de folhas.

Uma meia-lua verde brilhante projetava sua luz sobre a torre. Era uma fortaleza sombria, rodeada por um fosso, coberta por ameias e protegida por uma enorme porta de ferro. Anteriormente havia sido a casa dos Malkin, mas agora duas lâminas ferinas moravam ali. Antes da guerra e da ocupação inimiga, fui instruída pelo clã a matá-las e retomar a torre, mas me recusei, alegando que as lâminas eram fortes demais e que a tentativa resultaria na minha morte certa.

Uma das feiticeiras contorceu o rosto em desdém.

— Nunca pensei que chegaria o dia em que Grimalkin consideraria um inimigo forte demais! — falou.

Em retaliação, quebrei o braço dela e encarei cada uma das feiticeiras. Elas tinham medo de mim e rapidamente abaixaram os olhos.

Mas eu havia mentido. Armada e em forma, eu acreditava que poderia derrotar as lâminas — principalmente se conseguisse engendrar uma luta com as criaturas uma de cada vez e no local de minha escolha. Contudo, por enquanto, era do meu interesse que elas continuassem morando na torre. Porque lá dentro estavam os baús do meu aliado, Thomas Ward, um dos quais continha conhecimento e artefatos que pertencem a sua mãe e que podiam vir a ser úteis na nossa luta contra o Maligno e seus servos. Com as lâminas como guardiãs, o baú e seus conteúdos estavam seguros.

Se eu estivesse me aproximando em carne e osso, teria utilizado o túnel que levava às masmorras, bem abaixo da torre, e subido por lá. Combater uma lâmina em um espaço confinado teria sido uma grande vantagem. Como as duas podiam voar, não seria inteligente encará-las em um local aberto.

Pouco depois de o clã ter completado o ritual para erguer o Maligno, eu participei da batalha da Colina Pendle. Fomos atacados por uma multidão da vila Downham e teríamos conseguido acabar com eles rapidamente não fosse a intervenção decisiva das lâminas. E apesar da precisão das minhas fâças, que encontraram seus alvos meia dúzia de vezes, elas persistiram no ataque, já que suas escamas ofereciam uma defesa melhor do que a mais poderosa das armaduras. Muitas feiticeiras morreram naquela noite.

Ao me aproximar do fosso, senti um puxão, como se estivesse sendo sugada de volta para o meu corpo. Eu nunca tinha viajado para tão longe antes. A corda fina e invisível que me prendia a ele poderia arrebentar e causar minha morte instantânea. Esse

sempre foi meu medo. Talvez por isso alguns xamãs falhassem em voltar e morressem: tinham ido muito longe e arrebatado a corda... Mas isso tinha importância agora? Eu estava perto da morte de qualquer maneira. A menos que Agnes encontrasse uma cura, meu tempo era curto.

Atravessei o fosso e passei pela pedra espessa da torre para encontrar a sala totalmente bagunçada, da mesma forma como ficou depois que os soldados utilizaram suas armas pesadas para romper as paredes.

Meu clã havia escapado pelos túneis, deixando suas refeições pela metade. Desde então, durante uma breve ocupação pelos Mouldheels, o buraco fora consertado — antes de as lâminas os tirarem de lá. O chão estava cheio de lixo, e no depósito adjacente havia sacos de batata apodrecendo e cenouras mofadas. Que bom que meu espírito não tinha olfato. Teias de aranhas cobertas por moscas secas penduravam em cada canto. Baratas e besouros corriam pelas pedras.

E ali, entre o lixo, estava o grande baú que pertencia à mãe de Tom. Estava fechado e seguro.

De repente notei algo que me fez pensar. O baú não estava coberto por teias de aranhas. Não estava nem empoeirado. E ao lado dele havia uma pequena pilha de livros. Será que tinham sido retirados de seu interior? Se sim, quem os estaria lendo?

Por estar sendo protegido pelas lâminas, Tom havia deixado o baú destrancado. Mas alguém tinha estado aqui muito recentemente, e sem dúvida tinha mexido ali dentro. Sentí uma onda de fúria. Onde estavam as duas lâminas? Como puderam deixar isso acontecer?

Flutuei pelas escadas para as ameias, onde vi mais dois baús; aqueles um dia abrigaram os corpos adormecidos das lâminas. Abandonados, ambos estavam abertos e cobertos de musgo, como as pedras abaixo deles. Com tudo aparecendo em tons de verde, era difícil dizer se a madeira das caixas estava apodrecida ou não.

Olhei para os campos ao redor. Em cada lado, a torre era cercada por árvores de Crow Wood. Tudo estava quieto e silencioso. Mas, de repente, ouvi um grito distante que soou como o uivo de um cadáver de galinha, mas um pouco mais grave — como se viesse da garganta de uma criatura muito maior. Em seguida, uma forma escura voou sobre a face da meia-lua verde. Era uma lâmia voltando para a torre.

Ela veio em minha direção — quatro asas cobertas de penas, corpo de escamas pretas, garras segurando alguma coisa. Ela circulou a torre duas vezes e, em seguida, derrubou sua presa nas ameias perto de onde eu pairava, atingindo as pedras com uma batida sonora e espalhando sangue pelo piso. Era uma ovelha morta. A lâmia tinha saído para caçar. Mas onde estaria sua irmã?

A criatura veio para a torre de novo e instintivamente tentei alcançar minhas facas. Lembrei-me então do meu estado atual. Mesmo se eu estivesse em carne e osso, esse não teria sido um bom local para enfrentar a lâmia.

Ela aterrissou em um baú, as garras curvas segurando a madeira — que claramente não estava apodrecida. A criatura era formidável, e seria difícil derrotá-la mesmo que não

podesse voar. Era maior do que eu — talvez tivesse entre dois e setenta e três metros se ficasse de pé. Seus membros traseiros eram fortes e dotados de garras capazes de carregar coisas pesadas como uma ovelha ou uma vaca, mas os membros dianteiros eram mais humanos, com mãos delicadas capazes de segurar uma arma; as garras eram ligeiramente mais longas do que as unhas de uma mulher, mas excessivamente afiadas — podiam rasgar um rosto ou cortar um peçoço.

A lâmia olhou diretamente para mim, e de repente me dei conta de que ela conseguia me ver. Era noite, mas a lua certamente projetava luz o suficiente para me tornar visível. Ou ela tinha uma visão excepcionalmente boa, ou estava utilizando magia negra poderosa.

Revelando presas afiadas, a criatura abriu a boca e falou comigo em uma voz rouca e falha: — Quem é você, feiticeira? O que quer aqui?

Eu não conseguia responder. Talvez houvesse um jeito de um espírito desencarnado se comunicar, mas tratava-se de uma habilidade xamanística que eu nunca havia aprendido. E o fato de esta lâmia ferina ser capaz de falar havia me deixado confusa. Era um indício de que ela estava começando a se transformar lentamente em sua forma “doméstica” e quase humana — sob esta forma, apenas uma linha de escamas verde e amarela que corria pela espinha traía sua verdadeira natureza.

— Irmã, acho que temos uma espiã aqui. Mande-a embora!

A lâmia ferina não estava mais olhando para mim; tinha inclinado a cabeça, com seus olhos e pálpebras pesadas, em direção à entrada.

Virei-me para seguir o seu olhar. Havia uma mulher ali, me encarando. Olhei com mais cautela e percebi que de fato ela era mais fera do que mulher. A outra lâmia já havia se transformado a ponto de ter braços e pernas e conseguir ficar de pé. No entanto, ainda faltava bastante para completar sua transformação, porque ainda era um ser monstruoso. Respirava pesadamente, como um predador prestes a dar o bote, e tinha braços longos demais — mãos que se penduravam bem abaixo dos joelhos. O rosto era selvagem, mas havia inteligência nos seus olhos, e as maçãs do rosto altas mostravam uma incipiência de beleza.

Ela gritou uma palavra — *Avunt!* — lançando-a contra mim com força palpável.

Era uma palavra da língua antiga; um feitiço. As palavras alternativas para esse feitiço das trevas são “vá embora”. Ela estava me afastando, e, em minha forma espiritual, eu não tinha poder para resistir.

Senti a corda invisível que me prendia ao meu corpo moribundo se apertar, e então fui puxada das ameias. Mas não antes de ver mais uma coisa.

A outra lâmia estava segurando um livro de capa de couro na mão esquerda. Seria algo que tinha retirado do baú da mãe de Tom?

De repente eu estava sendo arrastada de volta sobre as árvores de Crow Wood. Tudo se transformou em um borrão e, com uma batida, voltei ao meu corpo e senti dor outra vez. Tentei abrir os olhos, mas estava cansada demais. Então ouvi mais uma batida e

percebi que era meu coração. Uma batida lenta e pesada; parecia prestes a fraquejar, cansado de manter o sangue circulando pelo meu corpo moribundo.

Minha vida como feiticeira assassina tinha acabado. Mas eu havia treinado Thorne muito bem. Havia alguém para tomar o meu lugar.

Fechei os olhos e caí em profunda escuridão, aceitando a morte. Estava acabado; não havia nada que eu pudesse fazer.

CAPÍTULO

6

A FORÇA DE LAMIA



A Torre Malkin é a morada espiritual sombria do nosso dã.

Muitos sofrem sua perda, mas eu não dou a mínima, pois cada campo de batalha é minha casa.

Minhas facas também têm uma casa — os corações dos meus inimigos.

Mas aquele não foi o momento escolhido para a minha morte. Acordei para encontrar Agnes banhando minha testa.

Ela sorriu e me ajudou a sentar, colocando travesseiros nas minhas costas.

— Dormi um sono muito profundo — falei.

— Sim; um coma que durou quase três dias.

— Estou curada? — perguntei. Sentia-me fraca e um pouco tonta, mas a febre tinha passado e eu estava respirando normalmente. Meu cérebro estava afiado e claro, e eu me sentia alerta.

O sorriso no rosto dela se desfez.

— Não sei se “curada” é a palavra certa. — Depois de muitas tentativas e erros, finalmente encontrei o antídoto que salvou você da morte. Mas não sei dizer se terá uma recuperação completa.

— O que quer dizer com isso? — indaguei. Em seguida percebi a raiva e a hostilidade em minha voz. — Perdão —, Obrigada por salvar a minha vida.

Agnes fez que sim com a cabeça.

— Fiz o melhor que pude — continuou —, mas às vezes, mesmo que um veneno seja eliminado do corpo, sequelas permanecem. Pode ser que a fraqueza seja permanente.

Os pulmões, coração e outros órgãos internos podem ter sido afetados. Às vezes os danos são irreversíveis; pode haver períodos de doença e outros períodos de saúde praticamente normal.

Respirei fundo, tentando assimilar o que Agnes estava me dizendo. As implicações eram óbvias. Meu papel como feiticeira assassina dependia da minha força e forma física. Sem isso, eu com certeza estaria vulnerável a ataques que antes não me fariam cócegas.

— Então acha que sofri danos permanentes?

Agnes suspirou. Deu para ver que ela estava escolhendo as palavras com muito cuidado.

— Acho provável. Nunca vi ninguém sofrer um envenenamento tão extremo quanto o seu e se recuperar plenamente.

— Obrigada pela franqueza — assenti. — Só posso torcer para ser a primeira a me recuperar. Certamente tentarei voltar a ser o que era antes. Agora me diga, onde está Thorne? Confio que a cabeça ainda esteja em segurança com ela.

— Está segura. Thorne está no quarto dela, dormindo com a mão esquerda agarrada no saco, como sempre. Mas existem ameaças além destas quatro paredes. Não é seguro permanecer aqui por muito tempo. As bruxas que controlam o kretch solicitaram entrada em Pendle, mas a tiveram negada. Só que algumas pessoas aqui ofereceram apoio, e já houve problemas entre os grupos rivais. Uma grande batalha está para acontecer; se os opositores do Maligno perderem, o kretch virá aqui caçá-la.

Fiz que sim com a cabeça.

— Então é melhor eu partir o quanto antes.

— Mas para onde você vai?

— Para a Torre Malkin, onde nem o kretch conseguirá me alcançar. Uma vez dentro da fortaleza, a cabeça do Maligno ficará além do alcance dos nossos inimigos.

— E as guardiãs?

— Cuidaremos delas se for necessário.

— Vai levar Thorne com você?

— Sim. Não gosto de colocá-la em perigo e sei que ela é apenas uma menina, mas que escolha eu tenho? O conteúdo daquele saco é mais importante do que tudo. Além disso, as lâmias podem permitir a minha entrada. Sou uma aliada, afinal.

— Elas talvez precisem ser convencidas disso. Lâmias ferinas têm as próprias leis e nem sempre pensam com lógica.

— A situação mudou. Uma delas agora está mais próxima da forma humana. A outra, apesar de ainda conseguir voar, consegue falar. Ambas estão se transformando para o estado “doméstico”.

— Como sabe disso? — perguntou Agnes. — Vi uma lâmia circulando a torre, mas não consegui explorar suas defesas. Elas ergueram barreiras mágicas muito fortes.

Não respondi. Uma feiticeira sempre guarda alguns detalhes para si e nunca revela mais do que o necessário. Sem dúvida Agnes também tinha os próprios segredos.

Movi as pernas para a beira da cama e Agnes me ajudou a levantar. Senti-me trêmula, mas consegui andar para a sala sem ajuda. Sentei-me em um banco perto da lareira enquanto Agnes preparava uma sopa. Alguns minutos depois, Thorne saiu do quarto carregando o saco de couro. Abriu a boca, surpresa, depois sorriu e sentou no chão aos meus pés.

— Que bom ver você acordada e bem — disse ela.

— Longe disso, criança. No momento só tenho força para me sentar neste banco. Mas sim, a morte terá de me levar outro dia.

— Vai se sentir mais forte depois que tomar isso — disse Agnes, me entregando uma tigela de sopa. — Mas acho que terá que passar mais um dia aqui antes de conseguir viajar para outro lugar.

Fiz que sim com a cabeça. Ela tinha razão. Por mais desesperada que eu estivesse para chegar ao santuário da Torre Malkin, seria tolice partir naquele estado.

Na noite seguinte, após agradecer a Agnes mais uma vez, saímos em direção à Torre Malkin. Caminhamos lentamente porque eu ainda me sentia fraca, mas minha respiração vinha fácil o suficiente agora, de modo que eu estava livre de dor.

Logo a vila Roughlee ficou para trás e passamos a ver Crow Wood ao longe. Mas não era para lá que íamos — ao menos não diretamente.

Nossa primeira parada era a entrada do túnel que levava à masmorra da torre. Outrora mantida em segredo pela líder do clã, sua localização agora era de conhecimento público em Pendle, mas a presença das lârnias mantinha até mesmo as feiticeiras mais poderosas longe. Nós entramos no bosque que cercava o que um dia fora um cemitério. Lápides se inclinavam em ângulos bizarros e havia buracos traiçoeiros no chão, escondidos pela grama — covas vazias, de onde corpos de feiticeiras haviam sido removidos antes de o território ser secularizado.

Ali, na nossa frente, banhadas pela luz clara do luar, encontravam-se as ruínas de um sepulcro, seu teto rachado por um jovem sicômoro que oferecia sombra ao telhado e à porta única. Puxei uma pequena vela preta do bolso da coxa e murmurei um feitiço que a fez acender. Thorne fez o mesmo. Liderei o caminho pela câmara mortuária, abrindo espaço pela cortina de teias de aranha. Espalhados pelo chão, jaziam ossos humanos que tinham sido deslocados de seus jazigos perpétuos por quem acessava o túnel; acima deles, seis prateleiras de pedras abrigavam os restos dos mortos — todos membros de uma família local outrora muito próspera. Agora compartilhavam dos luxos e riquezas da morte.

Esgueirei-me pela prateleira mais baixa para o espaço entre ela e a de cima e segui até o túnel. Havia um cheiro de mofo e terra molhada, e o teto era muito baixo, o que me obrigava a engatinhar. Olhei para trás e vi Thorne sorrindo para mim. Havia muito tempo ela queria explorar esses túneis e entrar na torre. Agora teria seu desejo realizado. Eu só torcia para o preço disso não ser alto demais. Por longos minutos, avançamos lentamente. Foi difícil porque eu tive que empurrar o saco de couro pesado na minha frente e manter a vela acesa ao mesmo tempo, mas, finalmente, chegamos a uma câmara

de terra. No sentido oposto estava a abertura de outro túnel, mas esta era maior, com suportes.

— Devo ir na frente e levar o saco um pouco? — perguntou Thorne.

— Claro, criança, vá na frente. Mas o saco é meu fardo.

Ela foi adiante, farejou a entrada para ver se havia perigo e, com um rápido aceno de cabeça, entrou.

Segui sem hesitar. Confiava no julgamento dela que, naquele momento, provavelmente seria melhor, mais forte e mais alerta ao perigo do que o meu.

Após algum tempo chegamos a uma piscina, cuja superfície tinha cor de lama. Ali já habitara uma criatura chamada espectro, criada pelo clã Malkin para proteger o túnel. Um espectro é o corpo grande e inchado de um marinheiro afogado; é animado pela sua alma, presa à vontade dos criadores. Normalmente tal criatura é cega, seus olhos comidos por peixes antes de o corpo ser resgatado. Ele se esconde na água e, ao sentir a aproximação de um intruso, sobe para pegar o calcanhar da vítima, que é arrastada para o fundo e se afoga.

Espectros são fortes e perigosos, mas esse tinha sido assassinado por uma das lârnias, que picara seu corpo em pedacinhos. Agora tudo que restava era um singelo odor de podridão e morte. Fomos andando cuidadosamente pelo caminho estreito e escorregadio que cercava a água e continuamos avançando pelo túnel. Até o momento, não havia qualquer sinal de perigo, apesar de as lârnias poderem perfeitamente estar escondidas mais adiante, fora do alcance do nosso faro. Eu podia ter utilizado meu colar de ossos para explorar depois, mas precisava conservar meu estoque finito de magia.

Chegamos a uma porta de madeira colocada em uma pedra, aberta nas dobradiças. Era a entrada para a masmorra. Nos tempos da fortaleza Malkin, aquela passagem estaria seguramente trancada.

Após farejar em busca de algum perigo, Thorne entrou em um corredor escuro e úmido ladeado por celas. Água pingava de cima, e nossos passos ecoavam nas pedras molhadas. Todas as portas estavam abertas e não havia mais nenhum prisioneiro vivo, mas pelo brilho de nossas velas vimos que havia ossos humanos em algumas, com partes de esqueletos vestidos em trapos mofados e ainda algemados às paredes. Muitos tinham membros faltando, arrancados pelas hordas de ratos que costumavam frequentar a masmorra. Não havia qualquer sinal deles agora, e logo descobri por quê.

Chegamos a uma câmara ampla e circular, de teto alto, com degraus de pedra se curvando para cima em direção a um buraco irregular. Costumava haver uma escotilha que dava acesso ao andar de cima, mas as lârnias tinham alargado sua abertura para conseguirem acesso mais fácil. Meu olhar rapidamente se moveu de lá para o círculo de cinco pedras que sustentava os pilares. Cada um continha algemas e correntes — era aqui que torturavam os prisioneiros. O pilar mais distante — próximo a uma mesa de madeira coberta por instrumentos como facas e alicates — era diferente.

Ao pé deste havia um grande balde de madeira onde pingava sangue. Treze correntes dependuravam-se da escuridão acima: cada uma terminava a uma altura diferente; cada

uma com uma criatura morta. Havia ratos, coelhos, lebres, um texugo gordo, um francelho e um gato preto e branco. A maioria estava morta, seu sangue vital havia muito já pingado para o balde. Mas dois, ambos ratos grandes e cinzentos com bigodes longos, ainda se contorciam enquanto seu sangue caía lentamente, gota a gota.

— Por que uma lâmia faria isso? — sussurrou Thorne, com os olhos arregalados.

— Esta é uma força de lâmias... Não se sabe qual é seu verdadeiro propósito. Alguns acham que é um alerta para os demais, mas pode muito bem ter outro significado. Sem dúvida acabam acumulando sangue suficiente no balde para fazer valer a pena, mas lâmias conseguem caçar e matar presas muito maiores, como ovelhas, por exemplo. Talvez apreciem o gosto de criaturas tão pequenas. Algumas feiticeiras de Pendle preferem sangue de rato a sangue humano. Mas, se for isso, por que treze correntes? Isso sugere um ritual. Talvez seja algum tipo de magia de lâmia — especulei.

Enquanto encarávamos o espetáculo mórbido, nós duas pressentimos perigo e olhamos para o buraco no teto. Farejei rapidamente.

— A lâmia; é a alada! — alertei.

Um segundo depois, algo grande veio em nossa direção. Caiu rápido, as asas fechadas no corpo, como um falcão voando em direção a sua presa.

CAPÍTULO

7

PROMETA



Por que matar os fracos quando você pode lutar contra os fortes?

Por que contar uma mentira quando pode falar a verdade?

Uma feiticeira assassina deve manter sua honra e sempre cumprir suas promessas.

No último instante a lâmia abriu as asas, voou para longe da parede e começou a circular pela câmara. Em seguida, veio em nossa direção outra vez.

Thorne sacou uma lâmina. Balancei a cabeça.

— Não seja estúpida! — gritei, agarrando o braço dela e arrastando-a na direção da passagem estreita. Ficariamos melhor lá do que na câmara enorme, onde a lâmia poderia nos atacar de cima. Lembrei-me de como minhas facas quicaram nas escamas dela na batalha da Colina Pendle.

Chegamos à entrada do corredor e entramos. A lâmia pousou no centro da câmara e começou a correr até nós sobre os quatro membros. Este tipo de lâmia alada, conhecida com *wengir*, é relativamente raro, porém extremamente perigoso. Seria melhor negociar do que lutar — mas eu a mataria se fosse necessário.

Ela parou a menos de dois metros de nós e se levantou sobre os membros traseiros musculosos, esticando os dianteiros em nossa direção de maneira ameaçadora. Eu sabia que essas criaturas se moviam com grande velocidade. Ela podia nos alcançar em um segundo. Então repousei o saco, fui para a frente de Thorne e saquei a espada.

Mas em vez de nos atacar, a lâmia falou.

— Quem é você, feiticeira? Você é muito tola de entrar em nossos domínios uma segunda vez!

Thorne me olhou espantada. Eu não tinha contado a ela que visitara a torre em espírito.

— Eu sou Grimalkin, a assassina do meu clã, os antigos donos desta torre. Venho em paz. Sou aliada de Thomas Ward e, portanto, sua aliada também. Lutamos contra o Maligno; ele é nosso inimigo comum.

— E quem é a criança que se acovarda atrás de você?

Thorne deu um passo para frente e apontou a faca para a lâmia.

— Eu me chamo Thorne e sirvo a Grimalkin. A vontade dela é a minha. Os inimigos dela são os meus. E não me acovardo diante de nada nem temo nada!

— Você fala com coragem, criança. Mas apenas coragem não a protegerá de minhas garras e meus dentes.

— Não nos ameaçaria se realmente soubesse quem é Grimalkin — irritou-se Thorne. — Ela é a maior assassina Malkin que já existiu. Ninguém do clã ousa desafá-la. Alguns inimigos morreram de medo em suas camas após ouvirem que ela saiu à caça deles.

— Já conheço sua reputação assustadora — disse a lâmia —, mas já vivo há séculos. Contar todos os meus feitos levaria à exaustão milhares de menestréis. O que vocês querem aqui nesta torre?

— Precisamos de um refúgio temporário — respondi. — Nossos inimigos nos perseguem. Mas não tememos nada por nós; o pavor é que isto possa cair nas mãos deles.

Levantei o saco.

— Aqui está a cabeça decepada do Maligno. Empalei o corpo dele e o enterrei em um buraco longe daqui, do outro lado do mar. Nossos inimigos querem reunir as duas partes e restaurar-lhe a força. Tom Ward está em busca de uma maneira de finalmente destruí-lo, mas precisamos ganhar tempo enquanto isso. A cabeça deve permanecer segura.

Os olhos da lâmia fecharam por um instante como se ela estivesse pensando profundamente no assunto. Então, lentamente, ela fez que sim com a cabeça e apontou um dedo de garra afiada para o buraco no teto.

— Nós sentimos a contenção do Maligno e sua dor. Todos que servem às trevas sentiram no momento em que isso ocorreu. Eu via a cabeça dele, e minha irmã também. Sigam-me para a torre.

Com essas palavras ela saltou para o ar e voou. Instantes depois, tinha voado para longe das nossas vistas, pelo buraco.

— Pode ser um truque — alertou Thorne. — Se entrarmos na parte aberta ela pode nos atacar.

Fiz que sim com a cabeça.

— Mas é um risco que teremos de correr — respondi. Pegando o saco e levantando a vela, passei entre os dois pilares mais próximos e comecei a subir a escada espiral.

Depois de cambalear pelo buraco irregular no teto, chegamos à grande base cilíndrica subterrânea da torre. Não havia qualquer sinal da lâmia. Água pingava do alto, sem dúvida caindo do fosso para as pedras. Cuidadosamente, continuamos subindo pelos degraus estreitos em espiral, que eram escorregadios e traiçoeiros. À nossa esquerda estava a escadaria — e a queda resultaria em morte certa. Ao lado direito encontrava-se a curva da parede, na qual havia portas em intervalos, cada qual uma cela

úmida e escura para manter prisioneiros. Espiei seu interior, mas elas estavam vazias, sequer contendo ossos.

Finalmente chegamos ao que outrora fora uma de duas escotilhas, a superior; esta também tinha se tornado um buraco irregular na pedra para oferecer passagem mais fácil para as lâminas. Emergimos no depósito, com os sacos de batatas apodrecendo e um mofo fedorento e pegajoso do que um dia foram nabos. Quando visitara este lugar em minha forma espiritual, tinha sido poupada do odor, mas agora o tal era avassalador; pior até do que quando a torre era ocupada pelo clã Malkin. Uma luz brilhava além do corredor, que conduzia a uma grande sala.

Segurando nossas velas no alto, atravessamos. A lâmia alada estava empoleirada no baú fechado, e em um banco próximo sentava-se sua irmã, segurando um livro na mão esquerda. Uma tocha na parede mais próxima iluminava os lados esquerdos de ambas as feiticeiras, projetando suas sombras quase tão longe quanto a parede. A maior parte da grande sala permanecia escura.

— Aqui estão nossas duas convidadas, irmã — anunciou a lâmia alada. — A mais jovem se chama Thorne. A mais alta, com morte no olhar e crueldade na boca, é Grimalkin, a feiticeira assassina.

A bruxa no banco tentou sorrir para nós, mas só conseguiu contorcer o rosto em uma careta. Seus dentes eram ligeiramente exagerados em sua boca, e ela respirava ruidosamente.

Contudo, ao falar, tinha a voz suave, sem qualquer indício de severidade.

— Meu nome é Slake — apresentou-se. — Minha irmã se chama Wynde, em homenagem a nossa mãe. Acredito que tenham algo a nos mostrar?

Coloquei o saco de couro no chão e o desamarrei. Em seguida retirei lentamente a cabeça do Maligno e a segurei pelos chifres, de modo que encarasse as lâminas. Ambas sorriram grotescamente ao verem.

— A maçã verde é uma maneira inteligente de garantir o silêncio — disse Slake em tom de aprovação.

— Gosto de como está enrolada em espinhos — acrescentou Wynde.

— Mas por que não destrói a cabeça, simplesmente? — perguntou Slake. — Poderíamos fervê-la em um caldeirão e comê-la.

— Melhor comer crua — opinou Wynde, batendo as asas, seu rosto bestial subitamente demonstrando animação. — Eu como a língua, irmã. Você pode ficar com os olhos!

— Já cogitei destruí-la, mas não ousei! — interrompi. — Quem pode saber as consequências de tal ato? Não se trata apenas de uma feiticeira retornando à escuridão eterna após ter sua carne comida. Estamos lidando com a escuridão personificada, o próprio Diabo. Comer a cabeça pode libertá-lo. Ele pode mudar de forma, diminuir ou aumentar quando quiser. Uma vez livre, ele dispõe de terríveis poderes, alguns talvez ainda desconhecidos. Perfurei seu corpo com lanças de prata, portanto ele está preso e

seus poderes foram extraídos. É mais seguro manter a cabeça intacta, porém separada, de modo que seus servos não possam remover as lanças e reanimá-lo.

— Tem razão — disse Slake. — Seria tolice correr este risco quando há tanto em jogo. Nós amávamos nossa falecida irmã e prometemos proteger seu filho, Thomas Ward, de quem você falou. Mas, diga-me, ele está mais próximo de encontrar uma maneira definitiva de destruir o Maligno?

Meneei a cabeça.

— Ele ainda está pesquisando. Estava se perguntando se haveria alguma coisa nesse baú capaz de ajudar.

Slake sorriu, exibindo os dentes, e tamborilou os dedos no livro que estava segurando.

— Tenho examinado o baú com o mesmo objetivo em mente: acabar para sempre com o Maligno. Até agora não encontrei nada. Talvez, enquanto estiver aqui, você possa ajudar?

Sorri e assenti. As lârnias tinham acabado de nos oferecer refúgio.

— Ficarei feliz em ajudar — respondi. — Mas sem dúvidas teremos inimigos ao nosso redor em breve.

— Que eles entrem no meu território de matança abaixo das paredes desta torre — disse Wynde. — Será um bom esporte; a melhor caçada em anos!

Thorne e eu comemos bem naquela noite. Wynde, a lârnica alada, caçou outra ovelha e a jogou nas ameias para nós; já tinha drenado o sangue. Eu a cortei ali e levei os pedaços mais suculentos para cozinhar.

A ventilação na câmara era fraca e a fumaça se espalhou para todos os lados. Não que me incomodasse: meus olhos ardentes lembravam os muitos momentos felizes que passei aqui quando criança, observando os servos do clã preparando suas refeições.

— Quem foi a primeira pessoa que matou? — perguntou Thorne enquanto comíamos.

Sorri.

— Você já sabe isso, criança. Já contei essa história muitas vezes.

— Então conte de novo, por favor. Nunca me canso dela.

Como poderia negar? Sem a ajuda de Thorne, eu estaria morta a oeste de Pendle. Então comecei meu conto.

— Eu queria muito machucar o Maligno, depois do que ele fez com meu filho, e sabia onde e quando seria mais provável encontrá-lo. Na época o Deane era seu clã favorito, então no Dia das Bruxas abandonei a celebração Malkin e fui para Roughlee, a vila Deane.

“Cheguei no crepúsculo e me ajeitei em um pequeno bosque com vista para a fogueira sagrada delas. Estavam animadas e distraídas com os preparativos, e eu me escondi sob a mais forte magia, por isso não temi muito ser detectada. Combinando a própria magia, as feiticeiras Deane acenderam os ossos e a lenha com um barulho alto.

Então o grupo das treze mais fortes formaram um círculo ao redor do perímetro enquanto as irmãs menos poderosas as cercavam.

“Justamente quando o fedor de osso morto me alcançou, as Deane começaram a maldizer seus inimigos, invocando mutilações, morte e destruição para os nomes que pronunciavam. Lembre-se, criança, de que maldições não são tão eficientes quanto lâminas. Uma pessoa velha e frágil pode ser abatida por elas, mas essencialmente tratam-se de uma perda de tempo, porque todas as feiticeiras competentes dispõem de defesas contra esse tipo de magia negra.

“Logo houve uma mudança no fogo: as chamas amarela e ocre se tornaram vermelhas, o primeiro sinal de que o Maligno estava prestes a aparecer. Ouvi um engasgo ansioso no grupo e reuni toda a minha concentração, encarando o fogo enquanto ele começava a se materializar.

“Apesar de conseguir se apresentar grande ou pequeno, o Maligno apareceu em sua mais tímida majestade para impressionar suas seguidoras. Levantou-se no fogo, as chamas batendo em seus joelhos; era alto e largo, talvez o triplo do tamanho de um homem normal, com uma cauda sinuosa e os chifres curvos de um cordeiro. Seu corpo era coberto por pelos espessos, e vi as feiticeiras do grupo se esticarem pelas chamas, ansiosas para tocar e acariciar o mestre das trevas.”

— Como você se sentiu? — perguntou Thorne, animada. — Estava meio nervosa ou com medo? Eu com certeza teria ficado! Você diz que não teme nada, mas era jovem, com não mais do que dezessete anos, e estava prestes a atacar o Maligno diante de um clã inimigo.

— Eu certamente estava nervosa, criança, mas também animada e furiosa. Se havia medo em mim, estava enterrado tão profundamente sob essas outras emoções que nem o notei. Eu sabia que o Maligno não permaneceria nas chamas por muito tempo. Eu tinha que atacar no momento certo! Então, saí do esconderijo entre as árvores e comecei a correr em direção ao fogo. Deixei a escuridão, com uma faca em cada mão, a terceira presa firmemente entre meus dentes. Eu odiava o Maligno e estava pronta para morrer, tanto explodida pelo seu poder quanto destroçada pelas Deanes.

“Então projetei minha vontade diante de mim. Apesar de ter o poder de mantê-lo afastado, fiz o oposto: desejei que ele ficasse. Corri entre os que estavam nas beiradas do grupo. Enquanto a multidão se intensificava, empurrei as feiticeiras para os lados com meus cotovelos e ombros enquanto elas se contorciam olhando-me com surpresa e irritação. Finalmente cheguei ao monte e lancei minha primeira adaga, que atingiu o Maligno no peito e se enterrou até o cabo. Ele berrou alto, por um bom tempo. Eu havia conseguido causar algum estrago; ouvir aquele grito de dor foi como música para os meus ouvidos. Mas ele se contorceu pelas chamas de modo que minhas duas lâminas seguintes não atingiram exatamente os alvos pretendidos; mas, ainda assim, penetraram profundamente sua carne.

“Por um instante ele me olhou diretamente; suas pupilas eram dois cortes verticais de cor vermelha. Eu não tinha nada com que me defender contra o poder que o Maligno

poderia invocar. E pior, ele certamente me encontraria depois da minha morte e provocaria tormentos eternos na minha alma. Então desejei que se afastasse. Fiquei imaginando se ele faria isso. Ou me destruiria primeiro? Mas ele simplesmente desapareceu, levando consigo as chamas da fogueira, de modo que ficamos em uma escuridão absoluta. A regra se fez valer. Eu havia carregado um filho dele, então ele não podia ficar na minha presença; a não ser que assim eu desejasse.

“Houve grande confusão por toda a parte — gritos de raiva e medo; feiticeiras correndo em todas as direções. Desviei pela escuridão e escapei. Claro que eu sabia que mandariam assassinos atrás de mim. Eu teria que matar ou morrer.

“Corri para o norte, passando pela Colina Pendle, depois virei a oeste em direção ao mar distante, mantendo a velocidade. Eu sabia exatamente aonde ia, pois já tinha planejado a fuga muito tempo antes: eu ficaria na planície leste do estuário do Rio Wyre. Então, me envolvi em uma capa de magia negra, apesar de saber que aquilo não era forte o suficiente para me esconder de todos que me seguiam. Algumas feiticeiras têm uma habilidade especial que as permite enxergar através dessa capa; por isso, eu precisava lutar em um local que me oferecesse vantagem.

“Tem uma fileira de três vilas lá, mais ou menos alinhadas de norte a sul, ligadas por uma trilha estreita que às vezes se torna impenetrável por causa da maré. Por todos os lados são cercadas por pântano e musgo empapado. O rio depende da maré e conta com grandes pântanos salinos. A noroeste de Staumin, bem à margem do mar, fica a Colina Arm, um pequeno monte de terra firme que se ergue sobre os tufos de grama e canais traiçoeiros pelos quais a maré corre para afogar os descuidados.

“De um lado há o rio, de outro, pântanos de sal, e ninguém pode atravessar sem ser visto daquele ponto. Qualquer feiticeira que se arrisca por lá sofre grande dor, mas cerrei os dentes e fiz a travessia, esperando por meus perseguidores, com a certeza de que haveria mais de um.

“Meu crime contra o clã Deane foi terrível. Se me pegassem, eu morreria lenta e dolorosamente.

“A primeira das minhas inimigas avistei ao alvorecer, atravessando cuidadosamente o caminho pelos tufos de grama. Como feiticeira, tenho muitas habilidades e talentos. Um deles se provou muito útil no momento. É um talento que temos em comum, Thorne. Conforme um inimigo se aproxima, sabemos instantaneamente o seu valor; sua força e habilidade no combate. A feiticeira que atravessava a grama na minha direção era competente, mas não de primeira ordem. Sem dúvida suas habilidades de rastreadora, que também permitiram que ela penetrasse minha cobertura mágica, a trouxeram até mim primeiro.

“Esperei até que estivesse perto. Em seguida, apareci para ela. Eu estava naquela pequena colina, claramente contornada contra o vermelho desbotado do céu ocidental. Ela veio correndo na minha direção, lâminas em suas mãos. Não balançou de um lado para o outro; não fez qualquer tentativa de se fazer um alvo difícil. Era eu ou ela. Uma de nós duas morreria. Então puxei minha faca favorita do cinto e atirei. Minha mira foi boa.

Consegui acertá-la na garganta. E ela caiu de joelhos e de cara na grama, fazendo um ruído gorgolejante.

“Sim, criança, ela foi o primeiro ser humano que matei, e senti uma pontada momentânea no peito. Mas passou rapidamente enquanto eu me concentrava em garantir minha própria sobrevivência. Escondi o corpo sob um monte de tufo de grama, empurrando-o para baixo na lama. Não peguei seu coração. Nós havíamos nos encarado em combate e ela havia perdido com honra. Em uma noite aquela bruxa voltaria dos mortos, arrastando-se pela grama em busca de uma presa. Como não representava mais ameaças para mim, eu não negaria isso a ela.”

— Se eu morrer antes de você — disse Thorne —, prometa que *vão* pegar meu coração. Prefiro ir direto para as trevas. Não quero permanecer como uma bruxa morta, vagando pelo vale, esperando que os pedaços do meu corpo caiam.

Fiz que sim com a cabeça.

— Se é esse o seu desejo, não o negarei. Mas se eu morrer primeiro, deixe meu coração intacto. Caçar no vale é melhor do que sofrer o tormento eterno das trevas nas mãos do Maligno. Se não o destruímos, um dia ele vai estar esperando por mim, e agora por você também, Thorne. Tem certeza de que não quer reconsiderar?

Thorne balançou a cabeça.

— Encontraremos uma forma de destruí-lo, e então poderemos adentrar em segurança as sombras, onde é nosso lugar. Um dia renascerei em um novo corpo: vou me tornar uma feiticeira assassina mais uma vez e tentarei superar tudo que conquistei nesta vida!

Sorri. Feiticeiras não voltavam só como criaturas vampíricas mortas; às vezes podiam reencarnar em um novo corpo e viver uma segunda ou até mesmo uma terceira vida.

— Agora termine sua história, por favor — pediu Thorne. — Enviaram outras atrás de você, não foi?

— Sim, esperei por quase três dias até a próxima me encontrar — assenti. — Eram duas e chegaram juntas. Lutamos enquanto o sol se punha. Lembro que o rio ficou colorido de vermelho; parecia cheio de sangue em vez de água. Eu era jovem, forte e veloz, mas elas eram veteranas naquele tipo de combate e conheciam truques que eu nunca sequer imaginei, quanto mais encontrei. Elas me machucaram muito, e tenho até hoje as cicatrizes no meu corpo, mas aprendi muito naquela luta. A batalha durou mais de uma hora e foi muito equilibrada, mas finalmente obtive a vitória e os corpos de mais duas Deane foram para debaixo da grama.

“Passaram quase três semanas até que eu pudesse viajar, mas durante esse período ninguém ousou vir atrás de mim em busca de vingança. A trilha tinha esfriado, e dificilmente alguém teria me reconhecido naquela noite em que golpееi o Maligno.”

— Até hoje as Deane não sabem que foi você, sabem? — perguntou Thorne.

— É verdade, criança; você é a única pessoa para quem contei essa história. Vamos torcer para que nunca descubram, ou meus dias como feiticeira assassina chegarão ao

fim. Eu seria caçada por um clã inteiro. Jamais esqueceriam.

CAPÍTULO 8

O QUE LHE AFLICE, AGNES?



Uma feiticeira assassina por necessidade caminha só.

Os aliados que consegue são poucos em números; portanto são de grande valor, suas perdas são profundamente sentidas.

Logo Thorne caiu no sono perto do fogo. Não havia sinal das irmãs lâmbias. Tinham ido para a região subterrânea da torre — com que finalidade, não sei. Então, subi os degraus para as ameias. Não havia lua visível, e o vento se intensificava; nuvens pesadas percorriam o céu, vindas do oeste. Penetrei a escuridão, olhando pela clareira em direção às árvores que cercavam Crow Wood com meus olhos de feiticeira.

Pude ver os corvos pousados e um texugo ao lado, perto da toca. Fora isso, nada se mexia. Farejei três vezes para ter certeza, mas, de fato, não havia qualquer perigo.

Que estranho. Eu imaginei que encontraria pelo menos um espião inimigo por lá.

Satisfeita, atravessei as ameias novamente e comecei a descer os degraus. De repente, luzes começaram a piscar nos cantos dos meus olhos. Senti que estava ficando tonta, e o saco com a cabeça do Maligno pareceu muito mais pesado. O mundo girou ao meu redor. Quase caí de cabeça, mas consegui tombar de joelhos. Tudo escureceu e meu coração bateu de forma pesada. Respirei lenta e profundamente até minha visão finalmente clarear.

Quando o momento de fraqueza passou, levantei-me devagar. Seria este o efeito a longo prazo do envenenamento pelo kretch? Agnes Sowerbutts me alertara que poderiam haver consequências. Se eu sofresse um espasmo durante uma luta, certamente

seria morta. Era horrível estar comprometida desta forma. Eu sempre acreditei muito nas minhas habilidades e na minha capacidade de superar qualquer oponente e dominar cada situação. De uma hora para outra, meu mundo havia mudado. Eu não estava mais no controle.

Abalada, sentei-me ao pé da escada e descansei um pouco enquanto apoiava a cabeça nos joelhos. Devo ter dormido, porque a próxima coisa de que me lembro foi a sensação do movimento do meu espelho na capa. Estava na minha mão antes de eu abrir os olhos.

O rosto de Agnes entrou em foco. Por um instante pensei que ela tinha antevisto o que passei e estava me contatando para oferecer conselhos. Mas então vi a expressão de medo em seu rosto e soube que algo estava errado. Ela mexeu a boca dizendo as palavras tão depressa que tive que me concentrar para ler seus lábios: *Uma batalha violenta ocorreu logo ao sul de Roughlee e os apoiadores do Maligno venceram. Convidaram o kretch e seus criadores para se juntarem a eles em Pendle e logo vão se unir para destruí-la. Talvez nem a Torre Malkin seja segura. Fuja para o norte enquanto pode!*

— Mas o que lhe aflige, Agnes? — perguntei suavemente. — Vejo que seus lábios tremem de medo.

Estão vindo atrás de mim, Grimalkin. Não consegui enxergar o porquê. Quando tento, apesar de toda a minha habilidade, o espelho escurece. É sabido que uma feiticeira não consegue enxergar a própria morte. Fui assolada pela dor quando meu pobre marido morreu, e jamais serei tão feliz como quando vivia com ele. Mas já me acostumei à minha situação — pelo menos tenho calor e conforto. Esperava ter muitos anos a viver. Ainda não estou pronta para morrer.

— Ouça, Agnes, deixe sua casa imediatamente e venha para a torre. Não importa o quão lento seja seu progresso. Vou encontrá-la e carregá-la em segurança para dentro.

É tarde demais! Tarde demais para mim! Estou ouvindo baterem à porta agora. Há muitas feiticeiras lá fora. Estou ouvindo os gritos de raiva! Vou morrer!

Imediatamente o espelho escureceu. Agnes estava em mãos inimigas e agora não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar. Mas eu a vingaria; meus inimigos receberiam o triplo do que fizessem com ela.

Ao alvorecer, nas ameias, contei às outras sobre Agnes e sobre o que ela havia me dito. Estava começando a chover, e agora eu conseguia farejar as bruxas inimigas entre as árvores.

— Por que foram diretamente até Agnes para pegá-la? — indagou Thorne.

— Apesar da discrição dela, com certeza já se sabe entre as Deane que ela não era seguidora do Maligno. Mas havia outros que poderiam ter levado primeiro; alguém mais ativo na causa. Desconfio que tenham utilizado alguma profetiza para ligá-la a mim. Talvez saibam que visitei a casa de Agnes e que ela me ajudou. Se for esse o caso, também sabem sobre você.

Thorne deu de ombros.

— Era apenas uma questão de tempo até que me encontrassem. Você não tinha como me esconder para sempre; certamente não de feiticeiras. Mas com certeza podemos fazer alguma coisa, certo? — insistiu ela. — Devemos muito a Agnes. Nos últimos quatro anos ela foi como uma avó para mim, uma amiga de verdade. Temos que ajudá-la. Não

suporte a ideia de que ela esteja sozinha e com medo, nas mãos cruéis de inimigos impiedosos! Como podemos ficar paradas e permitir que isso aconteça?

Balancei a cabeça.

— São muitas feiticeiras. E pode ser que ela já esteja morta. Sinto muito por Agnes, que era realmente uma grande amiga para mim também, mas manter a cabeça do Maligno longe das garras inimigas deve ser nossa maior preocupação.

— Mas e quanto a Agnes? Devemos muito a ela! Não posso acreditar que você esteja pronta para permitir que ela morra! Você é Grimalkin! Não se esqueça disso! Ou o veneno do kretch a fez menos do que era?

— Fique quieta! — ordenei. — Sim, devemos a ela, mas temos outra prioridade. Obedeça-me ou não continuarei a treiná-la!

— Logo chegará o momento em que não terá mais nada a me ensinar!

Sorri zombeteiramente, mostrando meus dentes. Às vezes Thorne se irritava tanto que explodia de raiva. Fazia parte da sua natureza, mas ela tinha que aprender sobre disciplina e ser lembrada quanto a seu lugar.

Naquele momento ela atacou.

Saltou e direcionou um chute ao meu ombro esquerdo. Peguei-lhe o pé e o torci, e ela caiu violentamente. Thorne se levantou outra vez e voltou para cima de mim em um instante. Rolamos juntas sobre as pedras molhadas, ela lutando como um gato selvagem, arranhando e mordendo.

Permiti que a batalha continuasse por alguns instantes para que ela pudesse extravasar sua raiva e tensão, então encerrei a maluquice. Enfie um dedo em cada uma das suas narinas, violentamente, e a levantei. Ainda segurando, bati com ela com força na parede externa da torre perto dos degraus, deixando-a sem fôlego. Girei a cabeça dela para longe de mim, abri a boca e me preparei para morder sua garganta. Não a machucaria muito, mas um pouco de dor a ensinaria uma lição.

No último instante possível, ela bateu o pé esquerdo três vezes na parede. Era o sinal de submissão, então soltei. Thorne ficou ali parada, cambaleando, com o rosto pálido. Sangue misturado a muco pingava de sua narina esquerda. Mas, como sempre após uma batalha destas, os olhos dela brilhavam. Ficamos nos encarando até, depois de alguns segundos, os cantos de sua boca se curvarem em um sorriso.

Acenei com a cabeça positivamente para ela e me sentei outra vez. As duas lâminas nos olhavam com espanto. Mas não era nenhuma novidade. Já tínhamos lutado muitas vezes; fazia parte do treinamento de Thorne. Às vezes eu precisava demonstrar qual era a sua verdadeira posição. Além de ser inconsequente, a menina de vez em quando ficava arrogante.

— Eu vou averiguar o que está acontecendo — declarou Wynde. Em seguida se lançou das ameias e mergulhou em direção às árvores. Ela circulou sobre a torre três vezes, ganhando altura suficiente para voar para o sul em direção a Roughlee.

Esperamos em silêncio com água pingando de nossos cabelos. Quando Wynde voltou, dez minutos depois, não trazia boas notícias. Ela aterrissou graciosamente, então

desceu os degraus para sair da chuva e se empoleirou no baú, esperando que descêssemos até ela.

— O que viu, irmã? — quis saber Slake.

— Muitas feiticeiras vindo em direção a Crow Wood, todas armadas. Mas vêm encontrar a morte — declarou Wynde, com água escorrendo das asas, formando uma grande poça nas pedras. — Já me diverti um pouco.

Olhei para baixo e vi que suas patas traseiras tinham se sujado de sangue fresco e que havia riscos de sangue na água embaixo do baú. Ela já tinha matado pelo menos uma de nossas inimigas. Fiquei frustrada por não conseguir dar cabo de algumas pessoalmente. Ter asas era uma grande vantagem.

— Acha que pretendem atacar? Talvez pelo túnel? — sugeriu Thorne.

— Primeiro teriam de chegar à entrada — respondeu Wynde.

— Algumas podem conseguir entrar. A vegetação em torno do sepulcro pode ajudá-las a se esconder — falei. — Mas poderíamos facilmente defender o túnel. Uma de nós, apenas, bastaria para segurá-las. Não corremos qualquer perigo imediato.

— Então vou descer agora — disse Slake. — Ficarei até o crepúsculo, e aí alguém assume o meu lugar.

Assenti em concordância e a lâmia atravessou o depósito, descendo os degraus para a parte inferior da torre.

— Se ao menos Agnes tivesse conseguido chegar aqui — lamentou Thorne. — Fico imaginando o que pode ter acontecido. Não consigo parar de pensar no que estariam fazendo com ela.

Pouco antes do meio-dia, descobrimos. Estávamos assistindo das ameias quando um grupo de feiticeiras emergiu das árvores, vindo diretamente em nossa direção. Wynde se preparou para um ataque aéreo, mas propus que ela esperasse um pouco.

— Por que devo esperar? — perguntou ela, encarando-me com seus olhos selvagens.

— Porque Agnes é prisioneira delas e ainda está viva — respondi, apontando para uma figura na frente do grupo que se aproximava da torre. Olhei de lado para Thorne, observando seus olhos se arregalarem de preocupação ao me ouvir. Eu sabia que o que quer que acontecesse em seguida seria ruim, e nós seríamos forçadas a testemunhar.

Agnes estava amarrada, com as mãos nas costas e uma corda no pescoço; a ponta da corda estava nas mãos de um mago de barba preta que caminhava à sua frente. Eu teria esperado que Agnes estivesse apavorada, mas ela parecia calma. Será que sabia da iminência da própria morte e já estava resignada? Ou tinha esperança de ser resgatada — talvez pela lâmia alada?

Então minha atenção se voltou para o mago. Farejei o ar três vezes rapidamente. De imediato, descobri muito sobre ele. Era capaz de executar uma magia negra poderosa, além de ser também o líder dos criadores do kretch. Além disso, era um guerreiro habilidoso, tão forte que seria preciso tomar cuidado com ele em um combate. Só um tolo subestimaria este mago.

— Este será o próximo que matarei! — anunciou Wynde.

— Se eu tivesse suas asas, mataria agora! — sibilou Thorne.

— Silêncio! — ordenei. — Vamos ouvir o que ele tem a dizer.

Eles vieram até a borda do bosque e pararam. Imediatamente o mago levantou o olhar e fez suas exigências com uma voz alta e imperiosa.

— Eu sou Bowker — gritou para nós —, o líder nomeado dos servos do Maligno. Vocês têm até o pôr do sol para devolverem o que é nosso. Se recusarem, a primeira a morrer será sua amiga e aliada, esta velha feiticeira. Ela gosta muito de espelhos! Não terá uma morte rápida.

Ele virou e liderou o grupo de volta às árvores, puxando violentamente a corda em volta do pescoço da pobre Agnes — o gemido de dor que ela soltou foi claramente audível. Wynde bateu as asas, preparando-se para voar e atacar.

— Não! — alertei. — Se atacar, ele vai matar Agnes imediatamente.

A lâmia balançou a cabeça.

— Ele vai matá-la de qualquer jeito. Uma vez que voltem para o abrigo das árvores, a vantagem será deles. Tenho que atacar agora enquanto ainda estão em território aberto!

Ela partiu das ameias, ganhou altura e, em seguida, mergulhou em direção ao grupo de feiticeiras, atacando-as por trás. Houve um grito de dor quando Wynde voou para o alto outra vez. Ela estava carregando uma das inimigas e a soltou depois de ter subido duas vezes a altura das árvores ao redor. Se a vítima já estava morta ou não, era impossível dizer, mas não houve grito quando ela caiu violentamente no chão.

O ataque da lâmia foi impiedoso. A essa altura era possível que o mago já tivesse cortado a garganta de Agnes. Claro, criaturas ferozes assim têm as próprias leis, e ela certamente não partilhava de minha estima por Agnes, que pouco tempo antes havia salvado a minha vida.

A lâmia atacou mais duas vezes antes de o grupo chegar ao abrigo das árvores. Ao perder a vantagem do voo, Wynde voltou em nossa direção e aterrissou nas ameias.

— Por que não atacou o mago? — perguntei. — Com ele morto você poderia ter salvado Agnes.

A lâmia me olhou com olhos pesados. Tinha sangue nos lábios e crueldade no olhar.

— O mago tinha uma arma, algo que nunca vi antes. Estava com o crânio de um pequeno roedor na mão. Quando apontou aquilo para mim, meu equilíbrio falhou e eu quase caí no chão. Não dava para chegar perto dele sem correr o risco de despencar.

Fiz que sim com a cabeça, mas não disse nada. O estrago estava feito. Era impossível saber o que isso custaria a Agnes Sowerbutts. Imaginei que fossem matá-la de qualquer jeito.

No crepúsculo, os gritos começaram.

CAPÍTULO

9

ELA TAMBÉM É COVARDE?



Uma feiticeira não deve temer a própria morte.

Apenas o pôr do sol e a promessa da escuridão que é nosso verdadeiro lar.

Estavam torturando Agnes e não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar. Thorne cobriu as orelhas e começou a gemer.

— Pobre Agnes! — exclamou. — O que ela fez para merecer isso?

— Nada, criança. Mas você não precisa escutar. Desça para o túnel e assumo o posto de Slake. Trocarei de lugar com você logo após o amanhecer.

Passei o resto da noite nas ameias observando ao lado das irmãs lâmias. Wynde afiava suas garras nas pedras em frustração. Logo após o amanhecer os gritos cessaram. Então, da direção das árvores jogaram um corpo, que aterrissou na borda da clareira. Mesmo desta distância pude ver que era Agnes.

— Vou buscá-la — disse Wynde.

— Cuidado, pode ser uma armadilha! — alertei, ao mesmo tempo desejando poder fazer alguma coisa, qualquer coisa que não fosse ficar só olhando. Estava me coçando para lutar e vingar a morte de Agnes. Mas era muito provável que os inimigos estivessem esperando na entrada do bosque. Se o mago utilizasse a arma de crânio e fizesse Wynde cair, dúzias deles poderiam cercá-la em segundos.

Mas, com sua impetuosidade habitual, a lâmia voou das ameias e pegou o corpo. Retornou até nós e o colocou gentilmente aos meus pés.

Agnes estava morta, seus olhos arregalados. As roupas em trapos e os torturadores tinham deixado suas marcas no pobre corpo envelhecido.

— Não tiraram o coração dela — disse Wynde. — Eu poderia levá-la até o vale. É isso que ela queria?

Eu não sabia o que Agnes queria, pois nunca conversáramos sobre isso. Caçar no Vale das Feiticeiras como uma feiticeira morta era uma opção atraente para algumas. Outras, como Thorne, consideravam a possibilidade um horror e preferiam ir direto às trevas. Eu não sabia ao certo, mas tinha que tomar uma decisão e optei pelo vale. Torci para ter feito a coisa certa.

— Sim, por favor, leve o corpo dela até lá e o enterre perto do centro. Faça uma cova rasa e cubra com folhas.

Batendo forte suas asas, Wynde subiu pela torre em uma espiral lenta, depois voou para o norte em direção ao Vale das Feiticeiras, um ponto escuro contra o céu cinzento, diminuindo lentamente à distância. Em menos de uma hora, ela voltou e me contou que havia enterrado Agnes ao lado de um grande carvalho no coração do vale.

Agradei, depois desci em direção aos túneis para assumir o posto de Thorne.

— Eles mataram Agnes — contei gentilmente. — Pelo menos agora ela está além de qualquer coisa que nossos inimigos possam fazer.

Thorne não falou nada. Ela simplesmente fez que sim com a cabeça, mas, ao passar por mim para voltar à torre, vi que estava com os olhos cheios de lágrimas.

Depois disso passei um longo dia de vigia. O tempo correu muito lentamente. Em determinado momento, fui até o pequeno lago que um dia fora guardado pelo espectro. Mas não houve qualquer sinal de incursões inimigas. Talvez tivessem percebido o quão fácil seria, para nós, defender a torre. Poderíamos matar muitos deles em um espaço restrito como este. E o kretch era grande demais para caber no túnel.

Contudo, não podíamos permanecer aqui sob cerco eternamente. Em algum momento teríamos que deixar o confinamento para prosseguir com a luta contra nossos inimigos.

Mais uma vez, ao voltar para a masmorra, parei sob a força de lâminas e fiquei pensando sobre seu propósito. Decidi que perguntaria a uma delas quando houvesse uma oportunidade adequada.

Logo Slake desceu para ficar no meu lugar, e subi na torre outra vez. Estava sem apetite, mas comi algumas fatias de carne fria para me manter forte antes de sair para as ameias novamente.

Uma lua convexa preenchia a clareira com uma luz prateada. Tudo parecia quieto, mas farejei mais algumas bruxas espreitando nas árvores, e o kretch estava com elas. Bowker, o mago, também estava lá e logo caminhou até a clareira, olhando em nossa direção. Notei que ele parou a apenas seis passos das árvores. Poderia voltar facilmente para o abrigo caso Wynde tentasse alcançá-lo.

— Disseram que você era corajosa, Grimalkin! Disseram que era a maior feiticeira assassina que jamais viveu! — debochou, sua voz provocadora ecoando pela clareira. —

Mas como pode ser verdade, quando se acovarda entre estas paredes? Você é covarde e não ousa se apresentar para enfrentar alguém mais forte que você. Veja! Eis a sua morte!

O kretch veio até a clareira como um lobo gigantesco, mandíbulas largas, sua pelugem se avolumando como uma sombra escura contra a grama iluminada pela lua. Parecia ainda maior e mais poderoso do que da última vez em que o tinha encarado. Ele parou perto do fosso e se empinou, de modo a ficar equilibrado sobre as poderosas patas traseiras. Então a mão esquerda alcançou uma bolsa no ombro, sacando uma longa lâmina fina. Não tinha mais a aparência de um lobo: de pé, com dentes brilhando e uma lâmina na mão, parecia demoníaco, uma criatura de pesadelos. E então, para meu espanto, ele falou. Eu não tinha imaginado que seus criadores malevolentes tivessem lhe dado o dom da fala.

— Venha me combater na grama se tiver coragem, Grimalkin! — esbravejou a fera em um rosnado profundo. — Dance comigo, lâmina contra lâmina. Seja meu par na dança da morte!

— Um dia eu vou matar você — gritei de volta. — Mas o momento não é este. Tenho coisas mais importantes a considerar. — Levantei o saco de couro. — Veja a cabeça do seu mestre! Conversamos todas as noites. Todas as noites o ensino algo novo sobre a dor. E, por causa da sua insolência, o sofrimento dele será triplicado esta noite!

Com minhas palavras, um rugido coletivo emergiu das bruxas escondidas na floresta.

— E a feiticeira com asas ao seu lado? — rosnou o kretch, sacando outra lâmina. — Ela também é covarde? Matou muitos de nós, pegando pelo ar, só porque tem asas. Mas será que ousa me encarar em um combate?

Ao meu lado Wynde rosnou furiosamente e bateu as asas.

— Não dê ouvidos — aconselhei gentilmente. — Devemos guardar nossas forças para o momento certo.

— Essas palavras não podem ficar sem resposta — sibilou a lâmia.

— Elas não passam disso, palavras — respondi com calma. — Não dê ouvidos. A criatura só está tentando nos provocar para atacarmos impulsivamente. “Covardia” e “coragem” são apenas rótulos, palavras inventadas por homens tolos para inflar seus egos e denegrir os inimigos. Na batalha temos que ser frias, calculistas e disciplinadas. É assim que se comporta uma assassina, e é esse o conselho que ofereço. Na hora certa, mataremos o kretch. Você vai beber o sangue dele e eu pegarei os ossos dos polegares para o meu colar.

— Por favor, Grimalkin, me deixe ficar com um dos ossos — implorou Thorne.

— Veremos, criança — falei, sorrindo tristemente. — Você receberá o que merecer.

— Sussurram entre si como seres fracos! — gritou o kretch, apontando as lâminas para nós. — Não passam de mulheres frágeis que não merecem o título de “feiticeira”.

— Eu mato essa criatura para você, Grimalkin! — chiou Wynde.

— Não se arrisque — alertei. — Ele é muito rápido, forte, e suas garras contêm veneno mortal. Além disso, tem ossos duros como armaduras. A cabeça é bem

protegida.

Mas então, antes que eu voltasse a falar, Wynde se lançou das ameias e começou a circular a clareira, batendo suas asas com força e de maneira uniforme. Ao se aproximar do ponto onde o mago se encontrava, ela parou e foi em direção a ele, com as garras esticadas. Pensei que o homem fosse utilizar sua arma misteriosa, mas em vez disso ela apenas recuou para as árvores, e Wynde virou e começou a ganhar altura, pronta para atacar o kretch. Percebi que ela só queria afastar o Bowker da clareira para poder cuidar da criatura sem interferência.

O kretch esperou, olhando para a lâmia, facas prontas para encontrá-la. Neste momento Wynde estava muito elevada, de longe não parecendo ser maior do que uma unha. De repente ela mergulhou como cai uma pedra, direto para o inimigo, e tudo aconteceu muito rápido: vi as lâminas brilharem, a lâmia atacar com suas garras, pelo e penas voando para todos os cantos. Em seguida as asas de Wynde desenrolaram e ela estava voando, ganhando altura outra vez.

Havia dois arranhões claros na testa do kretch, sobre os olhos. A lâmia tinha tirado sangue, mas eu sabia que o crânio abaixo dos pelos era duro. Lembrei-me de como bloqueara minha adaga. Eu lançara com precisão e força o suficiente para que penetrasse um crânio humano e se enterrasse no cérebro até o cabo. O osso espesso do kretch a repelira com a mesma facilidade que eu o faria com um capacete recém-fundido na oficina de um ferreiro experiente. A criatura também tinha rápido poder de recuperação. Wynde teria que matá-lo, depois cortá-lo em pedaços — e talvez comer seu coração para impedir que se regenerasse.

Olhei para a lâmia, que mergulhou até o kretch novamente. Tinha perdido algumas penas das asas naquele primeiro ataque, mas eu sabia que a parte baixa de seu corpo era bem protegida por escamas. Na batalha de Pendle minhas próprias facas não tiveram qualquer efeito, apesar das minhas habilidades de fabricação de armas só serem superadas por um dos deuses antigos, como Hefesto. As armas do kretch não conseguiriam cortar a barriga de Wynde. Ele teria que atacar alguma parte mais vulnerável, como a garganta. Mas este alvo seria difícil de acertar, e a criatura teria que correr riscos e aumentar a própria vulnerabilidade.

Desta vez o ataque de Wynde foi mais lento e ela chegou no kretch por um ângulo muito menos agudo; talvez algo próximo a 45 graus. Vi imediatamente que estava mirando a barriga dele. Ele também viu e ficou de quatro, girando para longe. Não escapou completamente; a lâmia arranhou sua lateral com as garras, abrindo cinco lesões claras. Mas ainda não eram ferimentos sérios, e a criatura se levantou outra vez, esperando com as lâminas a postos. Até o momento ninguém tinha provocado nenhum ferimento sério.

Eu estava muito ansiosa por Wynde. O que ela estava tentando fazer era arriscado demais. Gostaria de poder me juntar a ela no combate, mas levaria muito tempo para descer, e nada além da morte me aguardava lá embaixo. Minha missão era manter a cabeça do Maligno em segurança e não me sacrificar desnecessariamente.

O ataque seguinte da lâmia foi quase idêntico ao anterior. Isso foi um erro, pois o kretch estava preparado. Desta vez, quando Wynde o atacou com suas garras, ele se levantou e mirou sua garganta com a lâmina esquerda.

Wynde pareceu hesitar, como se estivesse incerta quanto ao que fazer. Então estremeceu e decolou novamente. Mas havia algo de estranho em sua subida.

— Ela está machucada! — exclamou Thorne. — Sofreu um corte terrível!

Minha aprendiz tinha razão. Vi sangue pingando da lâmia e manchando a grama. Achei que ela fosse voltar para as ameias. Mas, assim como Thorne, Wynde assumia riscos e atacou novamente de imediato.

Desta vez ela foi decidida a matar. Em vez de atacar rapidamente e depois voar para se salvar, ela colidiu contra o kretch com muita força, em seguida o arranhou e cortou com suas garras, lutando de perto. Estava segurando o ombro da criatura com a mão direita, mantendo-o perto enquanto atacava com a esquerda. Mas ele estava retribuindo, e pude ver suas lâminas brilhando ao luar, ambas vermelhas de sangue conforme ele as enfiava no corpo dela. Penas manchadas caíam ao redor. Rosnei por dentro, ciente de que a lâmia estava levando a pior no duelo.

Por que não soltava o inimigo e escapava enquanto ainda tinha forças? Melhor recuar e sobreviver para lutar outro dia. Algumas derrotas são temporárias. A vitória final é o que importa.

Então o mago barbado, Bowker, veio correndo das árvores em direção aos combatentes e, de uma distância de mais ou menos seis passos, apontou sua arma de crânio de roedor para a lâmia: vi o ar brilhar enquanto Wynde estremeceu.

Agora era tarde demais para ela voar e se salvar. O kretch a arrastou para a grama perto de si; uma de suas asas estava dobrada em um ângulo horrível, e eu sabia que, mesmo que ela quisesse decolar, não tinha mais como voar. Wynde continuou lutando por um tempo, e temporariamente o kretch pareceu ficar espantado, temendo os dentes e as garras da lâmia.

Mas então uma horda de feiticeiras correu do bosque para a batalha, gritando de prazer, empunhando suas facas. Três carregavam longos tacos aos quais facas estavam amarradas com cordas, e estas foram as primeiras armas utilizadas, atacando sem parar as partes vulneráveis da lâmia enquanto ela lutava por sua vida nas garras do kretch.

Aquelas eram as bruxas do clã Deane. Rapidamente farejei os nomes: Lisa Dugdale, Jenny Croston e Maggie Lunt. Eu não me esqueceria. Em breve faria com que pagassem com as próprias vidas.

Wynde estremeceu e estremeceu, mas apesar da agonia que sofria não emitiu nenhum ruído, em sinal de coragem. Eu e Thorne assistimos em silêncio das ameias. Pensei na irmã dela, Slake, vigiando os túneis, sem saber o que havia acontecido a Wynde. Ainda bem que ela não precisou testemunhar isso — certamente teria ido ajudar a irmã e morrido junto.

As bruxas estavam aglomeradas agora, as facas longas não mais necessárias porque a lâmia estava imobilizada — provavelmente já morta. Mas não correram riscos e

continuaram cortando seu corpo. Em poucos instantes, vimos por quê.

O kretch se levantou sobre as patas traseiras. Suas mãos não seguravam mais lâminas, mas estavam vermelhas de sangue. Na esquerda, o coração ainda pulsante de Wynde repousava. Enquanto eu assistia, ele o cortou em dois e começou a comê-lo, o sangue manchando seus dentes e escorrendo de sua mandíbula aberta.

CAPÍTULO

10

O ESPÍRITO DELA AINDA VIVE



Alguns idolotram deuses das trevas; outros servem à luz, mas eu caminho só.

Eu sou Grimalkin.

Assisti em silêncio, impotente, a raiva começando a aumentar dentro de mim. O kretch garantiu que a lâmia não retornaria. Para Wynde não haveria pós-vida como bruxa morta. Ela foi enviada diretamente às trevas.

Ao acabar de devorar o coração da lâmia, o kretch gritou para nós: — Em breve, isto é o que farei com você! Seus dias estão contados! Seu coração será meu, Grimalkin. Este é o destino que aguarda os inimigos do meu mestre!

— Eu matarei todos vocês pelo que fizeram! — gritei. — Cada um de vocês morrerá pelas minhas mãos! Podem se espalhar e fugir, mas eu os caçarei até o fim do mundo. Eu juro!

O kretch e o mago simplesmente riram das minhas palavras, e as feiticeiras imediatamente os acompanharam, a cacofonia de risadas cacarejadas e gritos selvagens de alegria ecoando pela clareira.

Era hora de dar a eles uma resposta clara, então me abaixei, desamarrei o saco de couro, peguei a cabeça do Maligno e a ergui pelos chifres, de modo que ela estivesse olhando para frente das ameias.

— Agora machucarei aquele que mais amam; aquele a quem todos vocês servem! Isto é o que suas ações custaram ao seu mestre! Ele fará vocês pagarem por isso!

Saquei uma adaga e a cravei no olho direito do Maligno, girando a lâmina violentamente.

A cabeça não podia gritar porque a boca estava preenchida com a maçã verde e os espinhos de rosa. Mas mesmo assim houve um berro terrível que pareceu emergir do chão sob nossos pés. Então uma voz explodiu das entranhas da terra: — *Vocês falharam comigo! Sofrimento a todos! Uma eternidade de tormentos aguarda àqueles que falharem comigo uma segunda vez! O que eu sofro, cada um de vocês sofrerá mil vezes mais!*

A terra tremeu, a torre balançou, e um raio vívido e bifurcado cortou o céu de norte a sul, o ronco do trovão tão alto que abafou os gritos horrorizados das feiticeiras. Pude ver suas bocas abertas, no entanto, os olhos preenchidos pelo horror diante do que eu tinha feito e do que o Maligno havia dito. Elas correram em círculos como galinhas decapitadas enquanto uma grande ventania agitava as árvores, dobrando e sacudindo seus galhos.

Finalmente a calma se estabeleceu, e eu olhei para as bruxas, uma a uma, de modo que pudessem ver a morte esperando em meus olhos.

— Para longe daqui! Longe! — gritei. — Amanhã à noite voltarei às ameias neste mesmo horário. Se eu vir ou farejar a presença de vocês neste bosque, tirarei o outro olho de seu mestre! Fui bem clara?

Ninguém respondeu. Estavam todos em silêncio — até mesmo o mago barbudo e o kretch. Com as cabeças baixas, deram as costas para mim e voltaram lentamente ao abrigo das árvores.

Thorne me encarava, com os olhos brilhando.

— Você mostrou para eles! Calou a boca deles! — exclamou.

Assenti sombriamente.

— Mas por quanto tempo? — perguntei.

Sangue negro pingava da cavidade ocular destruída. Cuspi na testa do Maligno, depois devolvi a cabeça horrorosa ao saco de couro.

— Se ficarem longe amanhã à noite, sairemos daqui — falei.

— Não estamos mais seguras aqui do que em qualquer outro lugar? — perguntou Thorne.

— Esse não é o problema, criança. Sem a lâmia alada para caçar para nós, eventualmente morreremos de fome. Não só isso; nossos inimigos vão se reunir aqui em maior quantidade. Nenhum cerco pode durar eternamente.

Ela fez uma careta.

— Para onde iremos?

— Há muitas possibilidades, mas nenhuma melhor fortificada do que aqui. Deixe-me pensar um pouco. Enquanto isso, é melhor descermos para contarmos a Slake o que aconteceu com sua irmã.

Fomos até o depósito e passamos pela escotilha para a escada em espiral, para o frio úmido da parte inferior da torre. Quando chegamos à masmorra, senti a presença da lâmia. Ela já tinha deixado os túneis.

Encontramos Slake ajoelhada sob a força das lârnias. Os animais mortos estavam suspensos pelas correntes, mas não pingava mais sangue no balde, que agora estava cheio até a boca. Apenas uma tocha tremeluzia em um apoio na parede ali perto. Não senti nenhum perigo imediato. Somente alguns ratos se moviam na escuridão.

Slake murmurava para si mesma e se balançava de forma ritmada de um lado para o outro. Primeiro achei que estivesse entoando um feitiço, mas de repente sua voz se encheu de fervor, como se ela tivesse alguma necessidade desesperada de ser ouvida. Então ergueu os braços em direção à força e fez três reverências. Seria alguma espécie de idolatria? Será que estava rezando para o seu deus? Se fosse o caso, quem poderia ser?

Gesticulei para Thorne, e voltamos às sombras além dos pilares.

— Vamos deixar ela fazer o que precisa. Falaremos quando ela estiver pronta — sussurrei.

Após alguns minutos, Slake se curvou em uma enorme reverência antes de se levantar. Então se voltou para o balde de sangue, soltou um grito gutural, elevou-o aos lábios e bebeu profundamente. Gritou três vezes, bebendo imediatamente em seguida. No terceiro grito eu já tinha percebido que ela estava berrando uma palavra — talvez o nome de alguém.

Quando o balde ficou vazio, ela o recolocou ao pé da força, virou-se e se aproximou de nós. Percebi que, apesar da concentração no que estava fazendo, a lârnia soubera da nossa presença o tempo todo.

Slake fez uma reverência para nós, apesar de mais breve do que a que fizera diante da força. A frente do seu vestido estava cheia de sangue que havia entornado do balde. Estranhamente, seu rosto parecia menos humano do que na última vez em que a vira nas ameias. Os olhos estavam selvagens, a boca, vermelha como um ferimento que seus próprios dentes poderiam ter feito de dentro para fora.

— Sinto muito, mas trago más notícias — falei suavemente. — Sua irmã morreu corajosamente lutando contra o kretch. E depois a criatura comeu seu coração.

Não houve qualquer indício de emoção por parte da lârnia.

— Eu já sei — respondeu. — Senti o momento da morte dela. Por isso eu estava rezando.

— Para quem você reza? — perguntei. — Quem é o seu deus?

— A deusa de todas as lârnias, é claro.

Franzi o rosto.

— Não conheço.

— Nós a chamamos Zenobia. Ela foi a primeira, a ancestral de todas nós. Você esteve com ela na Grécia. É a mãe de Thomas Ward, o aprendiz de caça-feitiço.

— Mas ela foi destruída lutando contra Ordeen.

Apesar de eu não ter testemunhado o evento, Tom Ward me contou sobre como a forma alada de sua mãe tinha protegido Ordeen com uma garra mortal. Mas, enquanto lutavam, a cidadela foi consumida por um pilar de fogo e ela foi levada de volta às sombras.

— Não foi destruída; seu espírito vive. Ela falou conosco. Passou instruções agora mesmo, enquanto eu rezava.

Lembrei-me do quão próximo Tom Ward era da mãe. Se ela tinha falado com esta lâmia, certamente também teria se comunicado com ele?

— Instruções... a respeito de quê? — perguntei.

— Ela ordenou que eu fique aqui sem minha irmã e defenda a torre contra nossos inimigos. Acima de tudo, tenho que proteger o baú, que contém informações que podem ajudar seu filho a destruir o Maligno.

— Você já investigou aquele baú e leu os livros. O que aprendeu? Conte-me, e passarei a informação.

— Não é algo muito claro; longe disso. Há muito tempo Zenobia esteve em conflito com o Maligno. Ela tentou destruí-lo, em vão, mas conseguiu “diminuí-lo” utilizando magia negra, limitando assim o seu poder. Eis os termos desta diminuição: se ele matar Thomas Ward pessoalmente, então reinará em nosso mundo por cem anos antes de ser forçado a retornar para suas origens. Mas se ele encarregar esta missão a um de seus filhos, o filho ou filha de uma feiticeira, então o Maligno poderá governar nosso mundo por tempo indefinido. Há também uma terceira alternativa: se ele conseguir converter o menino para as trevas, sua dominação irá durar até o fim do mundo.

“Se analisarmos a forma como o poder do Maligno foi diminuído, então podemos ter uma ideia de como avançar, de como ele poderá finalmente ser destruído — prosseguiu Slake. — Zenobia acredita que seu filho pode encontrar alguma coisa que ela deixou escapar. Pode muito bem haver alguma exceção, alguma brecha na qual algo novo e eficaz possa ser inserido.”

Eu já tinha ouvido falar em diminuições antes, de Alice Deane. Esta era a primeira confirmação de que a mãe de Tom fora responsável. Essa limitação no poder do Maligno foi vital — do contrário ele já teria destruído Tom Ward há anos. Eu desconfiava de que ainda almejasse converter o rapaz às trevas. O aprendiz certamente vinha caminhando lentamente naquela direção, sendo forçado a comprometer seus valores ao utilizar um jarro de sangue e ao se aliar a feiticeiras. Mas eu desconfiava que o ódio do Maligno por Tom e sua necessidade de vingança o levariam a matar o menino assim que se livrasse de suas correntes.

— Se permanecer na torre, como vai sobreviver sem comida? — indagou Thorne.

— Vou caçar — respondeu a lâmia. — Minha irmã e eu queríamos aprender o necessário e depois fugir deste abrigo em forma humana e levar as informações ao aprendiz. Agora tudo mudou. O que buscamos ultrapassa nossos poderes de compreensão. Muito em breve o menino deve retornar para cá para estudar os livros pessoalmente. Eu já iniciei o processo que me fará voltar à forma ferina. Durante algumas semanas, terei que sobreviver bebendo sangue e comendo carne de ratos, mas depois que minhas asas crescerem voarei aos céus e caçarei presas maiores, primeiramente animais, mas, eventualmente, aqueles que destruíram minha irmã.

Fiz que sim com a cabeça.

— Mas pode defender a torre sozinha?

— No começo será difícil, mas eu conseguirei. Depois, uma vez que eu estiver completamente transformada, não ousarão atacar. O kretch é grande demais para entrar nos túneis.

— Então acho melhor Thorne e eu irmos enquanto pudermos. Além disso, não compartilho do seu gosto por ratos.

Slake assentiu.

— Já estão partindo?

— Não, ficaremos até amanhã neste mesmo horário. Primeiro caminharei nas ameias com a cabeça do Maligno. Logo depois da morte da sua irmã, em vingança, eliminei um dos olhos dele com a minha adaga. Se nossos inimigos estiverem por perto, eliminarei o segundo olho, exatamente como prometi. Como eles sabem que seu mestre os culpará pelos sofrimentos que lhe forem impostos, imagino que o bosque fique livre de feitiças para que possamos percorrer uma boa distância antes de sermos perseguidas novamente.

— Aonde iremos? — perguntou Thorne.

— Acho que Clitheroe provavelmente é a nossa melhor opção — falei a ela.

— Dizem que agora é uma cidade em ruínas, cheia de bandidos e assassinos.

— Então que lugar poderia ser mais adequado? — respondi com um sorriso fino.

Por um bom tempo o Castelo de Clitheroe conteve forças invasoras. Quando finalmente sucumbiu, arrasado pelo cerco, o inimigo se vingou e abateu os defensores pela espada, incendiando a cidade. Agora era uma ruína, mas a fortificação permanecia.

O inimigo tinha sido destruído e conduzido ao sul, mas poucos habitantes originais retornaram a Clitheroe para reconstruir suas casas. Em vez disso, tornaram-se ladrões e assassinos que saqueavam as terras a oeste de Pendle. Sem dúvida, com o tempo, tropas seriam enviadas para encerrar tantas atividades anárquicas; mas, no momento, era exatamente do que precisávamos. Poderíamos conseguir entrar no castelo, tomá-lo dos atuais ocupantes e nos refugiarmos lá.

Mas antes disso tínhamos que deixar a Torre Malkin sem sermos detectadas e escapar para o norte pela floresta.

CAPÍTULO

II

UM PRESENTE DO INFERNO!



Um verdadeiro cavaleiro segue um código rígido de cavalaria, pelo qual vive sua vida: não pode recusar um desafio e sempre cumpre sua palavra.

Eu também tenho um código de honra, mas ele é flexível.

Passamos o resto do tempo na torre descansando para recuperar as forças para a missão que nos aguardava, mas comemos poucos dos pedaços de cordeiro que Wynde havia trazido. Slake precisaria deles mais do que nós; em breve teria que sobreviver a uma dieta à base de ratos.

Enquanto Thorne guardava os túneis e Slake vigiava das ameias, decidi conversar com o Maligno mais uma vez. Minha intenção era pressioná-lo um pouco e garantir que a nossa fuga da torre fosse menos incerta, então tirei a cabeça do saco de couro e a coloquei sobre uma mesa baixa. Em seguida, após remover a maçã e os espinhos, sentei-me com as pernas cruzadas diante dela de modo que nossas faces estivessem na mesma altura.

— Se for capaz, converse com seus servos agora. Ordene que se retirem! Se não saírem do bosque, eu arrancarei o olho que lhe resta.

— O que é o mal? — perguntou o Maligno, ignorando totalmente o que eu disse.

— Diga-me! — retorqui. — Você que deve saber!

A boca sorriu, revelando pedaços de dentes quebrados.

— O único mal é negar a si mesma o que deseja — respondeu ele. — Então eu não provooco mal nenhum, porque sempre imponho minhas vontades sobre outras. Sempre levo o que quero!

— Você distorce tudo — acusei. — Não é à toa que o chamam de Pai da Mentira.

— O que é melhor: utilizar o poder ao máximo e se testar, ou conter seus impulsos naturais? — questionou. — A primeira opção é a melhor: expandir e crescer ao fazê-lo. E você, Grimalkin? Qual a diferença entre você e eu? Isso também é o que você faz!

Balancei a cabeça.

— Gosto de me testar e crescer em força e habilidade, mas não à custa dos mais fracos. Você sempre machucou os outros pelo puro prazer que isso lhe proporciona. Qual o prazer que se pode ter nisso, machucar quem não pode se defender?

— É o maior de todos os prazeres! — gritou o Maligno.

Tinha uma pergunta que eu jamais havia feito a ele, porque achava muito difícil verbalizá-la. Mas perguntei agora, com a emoção travando minha garganta tão severamente que mal consegui me fazer audível.

— Por que matou meu filho? — quis saber, a dor ameaçando me assolar.

— Nosso filho, Grimalkin! Nosso filho. Matei porque podia. E também para ferir você! Matei porque não poderia suportar que vivesse! Quando virasse homem, aquele menino se tornaria meu inimigo mortal, muito perigoso. Mas agora outro o substituiu: o tal garoto Thomas Ward. Vou destruí-lo também. Não posso permitir que se torne um homem. Ele também tem que morrer. Em primeiro lugar, o farei porque posso. Em segundo, para evitar que me destrua. Em terceiro, para ferir você, Grimalkin. Porque sem ele, sua última esperança de vingança terá fim!

Sem mais uma palavra, enfiei a maçã e os espinhos na boca feiosa e o coloquei de volta no saco. Eu estava tremendo de raiva.

Mais tarde, Thorne e eu vasculhamos os livros do grande baú, mas não descobrimos nenhuma utilidade específica. De fato, eu li algo escrito em uma folha de papel — o relato da mãe de Tom sobre como havia diminuído o Maligno. Mas, ao contrário da tinta desbotada nos outros cadernos, este parecia ter sido escrito muito recentemente, de modo que não podia ser a letra dela.

• • •

O Senhor das Trevas queria que eu voltasse a seu grupo e lhe obedecesse uma vez mais. Por um longo tempo, resisti enquanto recebia frequentemente conselhos dos meus amigos e apoiadores. Alguns me disseram para gerar seu filho, o meio utilizado pelos feiticeiros para se livrar dele para sempre. Mas somente pensar na ideia já era horrível demais para mim.

Naquele momento, vi-me torturada por uma decisão que em breve terei que tomar. Inimigos me pegaram, surpreendendo-me. Fui amarrada por uma corrente de prata e presa a uma pedra para que, ao amanhecer, os raios feroces do sol me destruíssem. Fui resgatada por um marinheiro, John Ward, que me protegeu do sol e me livrou da prata.

Mais tarde nos refugiámos na minha casa, e logo ficou claro que meu salvador nutria sentimentos por mim. Eu tinha gratidão pelo que fez, mas ele era apenas humano e eu não sentia nenhuma grande atração física por ele. Contudo, quando descobri que era o sétimo filho de seu pai, um plano começou a se formar na minha mente. Se eu gerasse seus filhos, o sétimo teria poderes especiais para lidar com as trevas. Não só isso: a criança traria alguns atributos meus, dons que aumentariam seus outros poderes. Portanto, esta criança um dia poderia ter a capacidade de destruir o Maligno. Não foi fácil decidir o que fazer. Gerar seu sétimo filho poderia me oferecer o meio de finalmente destruir meu

inimigo. No entanto, John Ward era apenas um pobre marinheiro. Ele vivia do que plantava e pescava. Mesmo que comprasse uma fazenda para ele, eu teria que viver esta vida ao seu lado, o fedor de animais para sempre nas minhas narinas.

O conselho da minha irmã foi que eu o matasse ou o entregasse a eles. Recusei, pois lhe devia minha vida. A escolha era entre deixá-lo sair da minha casa para que encontrasse um navio que o levasse dali, ou voltar com ele.

Mas, para viabilizar a segunda opção, eu primeiro tinha que diminuir meu inimigo, o Maligno. Isto eu fiz por subterfúgio. Providenciei um encontro no Banquete de Lammis — apenas eu e o Maligno. Após escolher cuidadosamente o meu local, fiz uma grande fogueira e, à meia-noite, realizei a invocação necessária para trazê-lo temporariamente ao nosso mundo.

Ele apareceu bem no meio das chamas, e fiz uma reverência para fingir obediência — mas eu já estava murmurando as palavras de um poderoso feitiço e tinha dois objetos sagrados na mão.

Neste ponto me pareceu que Zenobia odiava o Maligno tanto quanto eu e tinha assumido um risco semelhante ao invocá-lo. Fora bom lutar ao lado dela na Grécia. E agora, apesar de não ser mais de carne e osso, ela permanecia como uma instituição perigosa. Era gratificante tê-la ao meu lado.

Continuei lendo: Apesar de todas as suas tentativas de me impedir, completei a diminuição com êxito, abrindo caminho para a próxima fase do meu plano, que começou com minha viagem até o Condado e a compra de uma fazenda.

E então me tornei a esposa de um fazendeiro e gerei seis filhos dele, e depois, finalmente, um sétimo, que chamamos de Thomas Jason Ward, o primeiro nome escolhido pelo pai, o segundo por mim, em homenagem a um herói da minha terra natal, de quem um dia gostei.

Nós, lâminas, somos acostumadas a mudar de forma, mas as mudanças provocadas pelo tempo nunca podem ser previstas. Com o passar dos anos eu comecei a aceitar minha terra e amar meu marido. Fui me aproximando gradualmente da luz e, eventualmente, me tornei uma curandeira e parteira, ajudando meus vizinhos sempre que podia. Foi então que um humano, John Ward, o homem que me salvou, me conduziu por um caminho que eu não pude prever.

Eu não conseguia enxergar como isso oferecia informações que pudessem ajudar Thomas Ward a destruir o Maligno, mas, somando aquele trecho a outros a serem encontrados no baú, podia ser que algo fizesse sentido. Era vital que o aprendiz de caça-feitiço viesse fazer a própria pesquisa no baú. Decidi entrar em contato com Alice novamente quando tivesse oportunidade para lhe instruir a trazê-lo à torre mais uma vez.

— Quem escreveu isso? — perguntei a Slake.

— É a minha letra — respondeu ela. — Foi escrito por Zenobia originalmente, em código, o texto espalhado pelos cadernos. Ela apareceu para nós em uma visão e me deu o código para decifrar este relato.

— Quais eram os objetos sagrados que ela falou?

— Um deles está no baú. O outro está em outro lugar.

— Onde?

— Não sei.

— O que é que está no baú? Mostre-me! — pedi.

Slake balançou a cabeça e me olhou de lado, de rabo de olho.

— Não posso mostrar. Ordem de Zenobia. Apenas Thomas Ward pode ver.

Fiz que sim com a cabeça.

— Então guarde-o bem até que ele possa voltar a este lugar. Você disse que ele deve vir em breve. Qual é a urgência?

— Ele tem de vir bem antes do Dia das Bruxas. Do contrário, pode ser tarde demais.

— Nossa necessidade de destruir o Maligno é urgente, de fato — respondi. — Mas por que neste Dia das Bruxas? Qual é o significado?

— Existe um ciclo destes banquetes. O mais propício ocorre a cada dezessete anos. E outubro completará trinta e quatro anos, duas vezes dezessete, desde que Z diminuiu o Maligno.

— Então até lá temos...

Slake fez que sim com a cabeça.

— É todo o tempo que nos resta.

Se não fosse o problema do kretch e dos outros inimigos que nos perseguiam, eu teria ido diretamente a Chipenden e trazido Tom Ward até a torre para começar sua pesquisa nos baús. Mas como poderia trazê-los até aqui e colocá-lo em perigo?

Tinha que destruir meus inimigos antes. E o tempo era curto. Já estávamos no fim de abril.

Finalmente chegou o momento de escaparmos para o norte, então, subi para as ameias, carregando o saco de couro, com Thorne e Slake ao meu lado. Olhei para baixo, para a clareira em direção à linha escura das árvores. Havia uma nuvem pesada acima e uma leve brisa do oeste. A luz fraca nos ajudaria a escapar sem que ninguém visse. Farei três vezes, rapidamente.

O kretch e o mago estavam ausentes, mas uma feiticeira permaneceu — talvez uma espia. Eu daria a ela o que relatar!

Desamarrei o saco, peguei a cabeça decapitada do Maligno e a segurei no alto, de frente para o ponto onde sabia que ela estaria se escondendo.

— Sinto cheiro do sangue de feiticeira! — gritei. — Não ouviu meu alerta ontem? A culpa pelo que vou fazer recairá sobre você e somente você. Imagine as torturas que ele vai lhe impor por isso!

Com estas palavras saquei uma adaga e a preparei para cravar a lâmina no olho remanescente do Maligno. Houve um grito de horror das árvores, e em seguida o som de pés correndo para longe.

Sorri e cuspi na cabeça do Maligno novamente.

— Pode ficar com seu segundo olho mais um pouco — falei, antes de devolvê-lo ao saco.

Feito isso, Thorne e eu agradecemos a Slake e saímos, sentindo sua tristeza. Ela havia compartilhado a vida com a irmã durante séculos e agora estava sozinha.

Escapamos pelos túneis. Não havia inimigos esperando na entrada, então fomos para o norte, mantendo-nos perto da Colina Pendle e passando a oeste do Vale das Feiticeiras. Uma feiticeira morta só recobra a consciência quando a luz da lua cheia bate em sua cova

coberta por folhas. Ainda faltavam muitos dias para isso — do contrário eu teria entrado no vale para prestar minha homenagem a Agnes Sowerbutts.

Logo ao sul da vila de Downham, viramos na direção oeste e descemos a colina para Clitheroe. Não havia luzes na cidade, mas um fogo ardia das ameias do castelo, confirmando a sua ocupação.

De repente vi flashes, mas eles estavam dentro da minha cabeça, piscando como um alerta nos cantos dos meus olhos. Desta vez foi mais ou menos cinco minutos antes de os sintomas começarem.

Perdi o equilíbrio, tropecei e caí de joelhos. Senti uma dor aguda no peito e tive dificuldades para respirar.

Thorne tentou me ajudar a levantar, mas a empurrei para longe.

— Não, criança, me deixe; já vai passar.

Porém, uma longa hora se passou até que o mundo parasse de girar ao meu redor e uma Thorne ansiosa pudesse me ajudar a levantar de novo. Teria sido melhor descansar mais antes de entrar nas ruínas da cidade, mas não podíamos nos permitir o luxo do atraso. Não demoraria muito até que meus inimigos farejassem a direção que tomei; logo o kretch estaria seguindo nosso rastro mais uma vez.

Respirando com dificuldade, conduzi Thorne para os contornos da cidade. Os prédios que cercavam o castelo continuavam na escuridão, e podia haver assaltantes à espreita. Parei e me ajoelhei na grama, indicando para Thorne se abaixar ao meu lado.

— Ouvi rumores de que Clitheroe foi ocupada por mais de um grupo — comentei. — O bando mais forte de bandidos controla o castelo em si e os grupos mais fracos se abrigam onde podem nas ruínas da cidade.

— Sem dúvida estarão brigando entre si — observou Thorne.

— Sim, e isso é muito vantajoso para nós, porque não conseguirão reunir sua força total com eficiência.

Farejei as partes mais baixas da cidade em busca de perigo e só encontrei homens adormecidos. Avançamos cautelosamente, passando pelas construções no contorno e entrando em ruas estreitas. A maioria das casas não tinha telhado e o local fedia a sujeira e podridão. Começamos a subir a colina onde o castelo se erguia, atravessando cuidadosamente as ruas sem qualquer desafio, e finalmente chegamos ao muro externo da fortificação. Não havia fosso e o portão estava escancarado. Do lado de fora, um homem se sentava em um banco ao lado de uma brilhante pilha de carvões em brasa. Ele se levantou cambaleante, me olhando com espanto. Então, uma figura grandiosa surgiu das sombras atrás dele.

— Vejam, rapazes! Mulheres! — gritou o grandalhão. — Que presente dos céus!

Abri a boca em um sorriso largo, mostrando meus dentes pontudos.

O sorriso dele minguou.

— Existe um velho ditado: de cavalo dado não se olha os dentes. Mas é melhor saber a verdade — continuou, balançando a cabeça, incrédulo.

— Sim — respondi suavemente —, somos um presente do inferno.

Thorne se aproximou de mim e sacou duas adagas.

— Vocês são meros homens! Que chances podem ter contra nós? — falei, sacando minhas próprias lâminas, com a esperança de provocar os dois bandidos a arriscarem um ataque impetuoso. Eu havia pressentido outros se escondendo por perto também.

O homem levantou sua lança pesada e a apontou para nós, enquanto outros correram das sombras em seu auxílio, reunindo-se atrás dele. Formavam um grupo unido às costas do líder e traziam uma variedade de armas. Alguns pareciam ter feito parte do exército; provavelmente eram desertores, porque a guerra ainda estava em curso no sul do Condado. Um inclusive vestia um uniforme maltrapilho com uma ombreira de rosa vermelha. No total havia apenas nove deles, e o grandalhão com a lança era obviamente o líder.

— Fique perto de mim, criança, e cuide da minha retaguarda — sussurrei ao ouvido de Thorne. — Vou matar primeiro o da lança.

Corri direto para ele. O homem era grande e forte, porém desajeitado, e desviei sua lança com facilidade. Quando minha lâmina o atingiu no coração, seus olhos se arregalaram em um espanto doloroso, e ele tombou aos meus pés. Thorne despachou dois atrás de mim enquanto eu me concentrava em ferir o máximo possível dentre os outros. Tinha matado o líder, e isso bastava. Eu simplesmente queria afastá-los do castelo. Todos fugiram em instantes, a maioria sangrando.

— Agora para as ameias — falei a Thorne.

Entramos no castelo e subimos os degraus estreitos em espiral cuidadosamente, atentas a qualquer perigo. As ameias pareciam desertas, mas o fogo ainda ardia nelas, e pude farejar a presença de alguém — uma pessoa jovem; sexo masculino.

Estaria esperando em uma emboscada? Na medida em que nos aproximamos do fogo, percebi que ele não era capaz disso. Estava contra a parede, amordaçado e amarrado da cabeça aos pés — um menino de não mais do que quinze anos. Ajoelhei ao seu lado e ele se encolheu enquanto eu cortava as cordas que o prendiam, olhando-me com olhos arregalados e apavorados.

Devolvi minha lâmina à bainha, em seguida o puxei para uma posição sentada e tirei a mordaça. O rosto dele estava sujo e coberto por ferimentos, o olho esquerdo inchado. Apesar das evidências de maus-tratos, porém, ele era bonito, com olhos azuis e cabelos claros.

— Qual é o seu nome, menino? — perguntei.

Ele se encolheu novamente quando eu falei. Estava olhando para a minha boca, provavelmente assustado com os meus dentes.

Eu não pretendia fazer nenhum mal a ele, mas tinha satisfação em ver o medo nos olhos alheios. Tratava-se de uma confirmação de quem eu era. Gostava de provocar terror e respeito.

— W-Will — respondeu ele, gaguejando levemente.

— Bem, Will, o que você fez para merecer este tratamento?

— Meu pai é um cavaleiro. Fui sequestrado por estes bandidos, e meus acompanhantes foram mortos. Estão tentando pedir resgate por mim, mas meu pai não pode pagar o que querem. Ele tem grandes terras, mas elas são mantidas por muitos fazendeiros pobres e ele tem pouco dinheiro. Amanhã planejavam cortar um dos meus dedos para mandar para ele.

— Seus pais devem estar muito chateados. É uma coisa horrível, ter um filho sequestrado assim.

— Minha mãe morreu há três anos com uma praga que assolou as terras do norte. Mas sim, meu pai me ama muito.

— Bem, você está livre para voltar para ele, menino. — Mas deixar esta fortaleza não é uma boa ideia no momento. Há homens lá embaixo que cortariam sua garganta assim que o vissem. Onde você mora?

— Ao norte, na fronteira do Condado. Não mais do que cinco horas a pé.

— Seu pai sabe onde estão te prendendo?

— Talvez, mas disseram que iam me matar se ele ou seus homens tentassem me resgatar.

Fiz que sim com a cabeça, depois espiei pelas ameias para o portão aberto. Havia um grupo de homens armados logo além, olhando na nossa direção. Era hora de fechar o portão e deter quem fosse tolo o bastante para entrar.

— Fique com o menino, Thorne — ordenei.

Desci os degraus e atravessei o jardim, passando por cima dos corpos dos três que matáramos. Palavras seriam um desperdício com estes homens. Apesar da perda do líder, sem dúvida se embebedariam e se encheriam de coragem para atacar antes do amanhecer. Contudo, eu talvez pudesse assustá-los; então, sem desacelerar, toquei os ossos no meu colar e comecei a entoar as palavras de um feitiço, baixinho.

Era uma pena gastar meu estoque mágico, pois precisaria dele mais tarde, mas era um feitiço de ilusão que não exigia tanto. Além disso, eu o conhecia bem, e o hábito encurta as coisas. O feitiço se chamava *Rexio*, e vi os olhos dos bandidos se arregalando e seus rostos se contorcendo de terror. A essa hora, para eles, meu rosto apareceria demoníaco, meu cabelo transformado em cobras com línguas venenosas e bifurcadas.

Eles fugiram antes de eu chegar ao portão, então o fechei e berrei para as costas deles, que desapareceram rapidamente. Não tinha como trancar, então o segurei firme com as duas mãos e fiz mais um feitiço curto para lacrá-lo, pelo menos por um tempo. Eu sabia que não suportaria a força do kretch ou de um bando de feiteceiras determinadas. Mas o kretch era grande demais para subir as escadas estreitas, enquanto as feiteceiras poderiam ser mortas, uma a uma, enquanto subissem.

Feito isso, voltei ao castelo. Esperava que o kretch chegasse antes do amanhecer.

CAPÍTULO
12

VAI SE REALIZAR PARA MIM



Tods as presas que caço, eventualmente matarei.

Se estiver vestida em carne, eu a cortarei.

Se respirar, sua respiração eu cessarei.

Não dormimos naquela noite, e eu estava completamente vigilante, farejando a escuridão, atenta a qualquer perigo. Porém, não passamos fome. Havia carcaças frescas de animais nas ameias. Assamos meio porco em um espeto sobre a fogueira e o dividimos entre nós três. Mas eu percebi que, a partir daquele momento, teríamos que racionar nossa comida e nos preparar para ficar sob cerco. No momento era difícil estimar quanto tempo teríamos que ficar por ali.

O menino se mostrava calado, nervoso e temeroso, mas isso não diminuiu seu apetite. Enquanto se mantinha em silêncio, ele ouvia nossa conversa com muita atenção — embora o pavor ainda contorcesse seu rosto. Seus olhos eram frequentemente atraídos pelo saco de couro, que parecia exercer um terrível fascínio sobre ele. Podia muito bem ser por causa dos estranhos sons que ocasionalmente escapavam do interior. Apesar da grande maçã verde e dos espinhos de rosas, o Maligno ocasionalmente soltava um fraco gemido ou um sibilo, como se estivesse respirando.

— Bem, Thorne, durante minha ausência, você continuou treinando? — perguntei.

Thorne sorriu para mim.

— Todos os dias sem exceção repito o mantra que você me ensinou. *Su a melhor, a mais forte e a mais mortal* — respondeu ela, a voz não mais que um sussurro. — Eventualmente vou acreditar nisso. Tornou-se verdade para você e um dia se tornará para mim!

— Continua praticando com as lâminas todos os dias? — prossegui, olhando para Will e me deleitando com o medo que piscou em seus olhos em resposta à minha pergunta.

Ela assentiu, em seguida engoliu um pedaço de porco antes de continuar.

— Recentemente tenho praticado arremesso de facas. Ainda estou a alguns anos de atingir minha força máxima. Até lá, continuarei matando meus inimigos de longe. Quando eu for mais alta e pesada, chegarei mais perto! Você também me ensinou isso.

— Isso é sábio. Você ouviu o que digo e age de acordo. Eu não poderia querer uma pupila melhor!

— Seu próprio treinamento inicial não foi tão feliz — observou Thorne, satisfeita com o meu elogio, coisa que eu só raramente concedia.

— É verdade.

— Então me conte a história outra vez. Tenho certeza de que Will gostaria de ouvir, não é mesmo?

O menino fez que sim com a cabeça. Desesperado, concordaria com qualquer coisa que ela dissesse.

— Bem, então, por que você não conta a história para mim? — sugeri. — Já me chateou para te contar tantas vezes; a essa altura já deve saber de cor!

Thorne deu de ombros e sorriu.

— Por que não? — perguntou-se, virando para encarar Will. — Para começar, é melhor explicar que a feiticeira assassina do clã Malkin normalmente é escolhida em um combate um contra um. As candidatas devem encarar a assassina em uma luta até a morte.

“Mas antes é preciso um longo período de intenso treinamento para aquelas que esperam conquistar a posição. Grimalkin tinha decidido se tornar a feiticeira assassina Malkin, mas se atrasou para os preparativos daquele ano. Ela se juntou a outras duas que já estavam treinando havia seis meses. Para piorar, só restava meio ano até os três dias de desafios. Então ela tinha muito pouco tempo para aprender o básico do ofício do assassino.

“Seu primeiro dia de treinamento foi um desastre. As outras duas postulantes eram fracas, fadadas a serem mortas por Kernolde, que era a assassina do clã Malkin na época. À medida que o dia passava, Grimalkin foi ficando mais e mais irritada. Finalmente, pouco antes de escurecer, ela expressou seus pensamentos. Estava sentada no chão olhando para Grist Malkin, seu incompetente treinador, que tagarelava sobre lutar com lâminas, suas palavras demonstrando o quão burro e ineficiente ele era; não sabia de nada. Atrás dele encontravam-se duas das velhas mais feias do nosso clã, ambas feiticeiras. Tão feias que tinham verrugas nas verrugas e mais pelos nos queixos do que o traseiro de um porco espinho!”

Thorne deu um profundo riso com a garganta ao dizer isso, e em resposta Will ofereceu um sorriso fraco e ruborizou até as raízes dos cabelos claros.

— As velhas estavam lá para se certificar de que as candidatas não utilizassem magia contra Grist Malkin — continuou Thorne. — Com a paciência finalmente esgotada, Grimalkin se levantou e gritou com ele.

Sorri quando Thorne se levantou e gritou as palavras como se ela realmente estivesse ali no meu lugar e Will fosse Grist.

— “Você é um tolo, Grist! Já preparou 27 desafiantes derrotadas antes de nós. O que pode nos ensinar além de como ser derrotado e morto?”

Sua explosão foi tão veemente que Will se encolheu.

Thorne exibiu um sorriso traçoeiro.

— Você precisava ver Grist agora. Ele se aposentou no final daquele ano e se tornou velho e gordo. Foi este confronto com Grimalkin que acabou com ele. Permaneceu calado por um tempo — prosseguiu ela, sentando novamente —, apenas olhando fixamente para Grimalkin e encarando-a, seu rosto tolo e roliço se contorcendo de raiva. Ele era um verdadeiro urso, pelo menos dois palmos mais alto que Grimalkin e muito musculoso. Mas ela não tinha medo e encarou seu olhar com calma. Ele desviou primeiro. No fundo estava assustado, apesar de ter tentado não demonstrar.

“Levante-se, criança!”, ordenou Grist. Grimalkin obedeceu, mas ela estava sorrindo e zombando dele com os olhos.

“Tire esse sorriso do rosto. Não olhe para mim!”, berrou ele. ‘Olhe para a frente. Respeite o homem que lhe ensina!’ Ele começou a cercar Grimalkin lentamente. De repente a agarrou em um abraço de urso, apertando com tanta força que uma das costelas dela estalou. Em seguida ele a jogou com força no chão, achando que era fim de papo.

“Mas o que Grimalkin fez? Ficou ali deitada gemendo de dor? Não! Levantou-se em um instante e quebrou o nariz dele com o punho esquerdo, e o soco o derrubou no chão. E depois disso ela lutou como uma assassina. Você jamais deve permitir que ninguém maior que você se aproxime; ela o manteve afastado. A luta acabou rapidamente. Cada golpe foi bem calculado e preciso. Em poucos instantes, Grist Malkin foi surrado! Um de seus olhos estava inchado e fechado, e a testa estava aberta; sangue escorria para seu outro olho. Grimalkin o deixou de joelhos com um soco.

“Eu poderia matá-lo agora!”, gritou ela. ‘Mas você é só um homem e não vale a fadiga.’

“Então Grimalkin foi forçada a se treinar. Claro, já era habilidosa nas artes florestais e na fabricação de armas. Então ela trabalhou duro, se alimentou bem e aos poucos foi acumulando forças, nadando diariamente para aumentar sua resistência, apesar de ter sido um inverno longo e amargo, o pior de muitos. Ela também fabricou as melhores lâminas que podia e as carregava em capas pelo corpo.

“Depois, em uma floresta fria do norte, no meio do inverno, ela encarou uma alcateia faminta. Eles a cercaram, aproximando-se lentamente, saliva pingando de suas mandíbulas, o brilho da morte em seus olhos famintos. Grimalkin preparou uma faca de arremesso em cada mão. Quando o primeiro lobo saltou, sua lâmina o encontrou na garganta. O segundo morreu com a mesma facilidade. Finalmente ela sacou sua espada quando o terceiro veio para cima. Com a mesma facilidade de quem arranca a cabeça de um dente-de-leão com um graveto, ela decapitou o animal. Quando o bando finalmente fugiu, havia sete corpos mortos e ensanguentados no chão, manchando de vermelho a neve branca.

“Ao finalmente chegar a hora de Grimalkin encarar Kernolde, ela voltou a Pendle. Kernolde venceu as primeiras oponentes com facilidade, em menos de uma hora, sem sequer suar. Finalmente chegou a vez de Grimalkin...”

— Se você é tão forte e corajosa, por que se refugiou neste castelo? — interrompeu Will. — Eu acho meu pai mais corajoso do que vocês duas!

Nós duas encaramos o menino com surpresa. Com o canto do olho, notei a raiva que passou pelo rosto de Thorne. Coloquei a mão em seu ombro para contê-la. Em seguida, respondi ao menino: — Claro que seu pai é corajoso — concordei, sorrindo sem abrir a boca. Afinal, que filho não pensaria isso de um pai bondoso? — Ele é um cavaleiro e isso deve ser parte de sua natureza. Menestréis cantam sobre suas façanhas?

— Cantam! Ele combateu e venceu muitos oponentes, mas seu maior feito foi derrotar a grande serpente do pântano que tomou nosso castelo.

— Serpentes do pântano são reais? — indagou Thorne. — Achei que fossem apenas histórias que se contam ao anoitecer para assustar crianças.

— São, sim — respondi. — Serpentes do pântano são criaturas perigosas cobertas de escamas pesadas e com mandíbulas cheias de presas poderosas. Muitas têm caudas longas como cobras, que utilizam para estrangular suas vítimas. Normalmente sugam sangue de gado, mas gostam de comer humanos inteiros: sangue, carne e osso — continuei. — São muito raras no Condado; eu só vi uma até hoje. Estava espreitando no gramado à beira de um lago, fiquei curiosa e quis olhar mais de perto. Ao me aproximar, ela deslizou para a água e logo nadou para longe. Não era maior do que um cachorro.

Mas algumas serpentes do pântano podiam ser maiores, ou pelo menos foi o que ouvi.

— Você a chamou de a **grande** serpente do pântano. Era excepcionalmente grande? — perguntei ao menino.

— Foi a maior que jamais se viu, muito maior do que um cavalo. Meu pai tinha uma armadura especial, coberta de espinhos afiados de metal. Quando a serpente do pântano se enrolou nele, teve o corpo perfurado, e meu pai a cortou em pedaços com a espada.

Sorri, exibindo meus dentes, e mais uma vez ele se encolheu.

— Você disse que seu pai é um cavaleiro sem riqueza. De quantos homens dispõe?

— Ele tem poucos homens, mas seus comandados são bem treinados, e ele tem oito arqueiros mestres muito habilidosos com o arco longo.

Eu estava gostando do que ouvia. Percebi que este cavaleiro com a armadura de espinhos e os arqueiros experientes poderiam facilitar bastante a morte do kretch.

— Ouça, menino — falei a Will. — Eu também sou corajosa, assim como Thorne. Procuramos refúgio nesta fortaleza porque estamos sendo perseguidas por muitos inimigos poderosos. Isso por si só não poderia me dissuadir de encará-los diretamente em combate, mas eles criaram, através de magia negra, uma terrível criatura que é parte lobo, parte homem. Até eu encontrar uma maneira de destruí-lo, preciso de um refúgio como este. Mas acho que o castelo de seu pai seria um lugar melhor. E não só isso, mas

seu corajoso pai e seus arqueiros poderiam me ajudar a destruir meus inimigos. Se eu ajudá-lo a escapar deste local e entregá-lo em segurança para seu pai, você acha que ele nos ofereceria abrigo em seu castelo? Será que emprestaria suas proezas de combate a nós e nos ajudaria a vencer?

— Com certeza sim! — gritou Will, seus olhos brilhando. — Se vocês me levarem em segurança, eu prometo que ele vai ajudar!

Virei-me para olhar para Thorne.

— Vimos para cá por desespero. Será muito difícil defender este castelo; os servos do Maligno podem nos cercar por semanas e morreríamos de fome. Agora temos a chance de um refúgio de fato. A viagem será arriscada, mas quando chegarmos ficaremos muito mais seguros do que aqui. O que você diz?

Thorne assentiu, então me voltei novamente para o menino, encarando-o nos olhos.

— Mesmo que o resgatem, ainda somos feiticeiras temidas e odiadas por muitos, principalmente homens, e não podemos ter a certeza de que seu pai irá honrar as promessas do filho.

— Dou a *minha* palavra — respondeu ele. — Meu pai é um homem honrado; ele terá *lxs* com o que eu prometi.

Pensei rapidamente. Será que o menino realmente poderia fazer seu pai cumprir a promessa? Era possível. Cavaleiros — como todos os homens — variavam em caráter: alguns eram bons, outros ruins, enquanto a maioria se equilibrava em uma linha entre essas duas condições. No entanto, muitos seguiam um código de cavalaria. Acima de tudo, acreditavam em honra e cumpriam suas palavras. Olhei para o portão. Logo o kretch chegaria. Apesar da minha magia, as dobradiças eventualmente cederiam, e os servos humanos do Maligno atacariam. Inicialmente iríamos contê-los, mas quantos mais viriam, invocados de todos os cantos do mundo, para recuperarem a cabeça? No fim, acabaríamos perdendo.

• • •

Cochilei um pouco enquanto Thorne vigiava, mas acordei com o murmúrio de vozes e abri um olho lentamente.

Thorne e o menino estavam sentados muito próximos, quase se tocando, e conversando animados, suavemente, perdidos no próprio mundo particular. Foi a primeira vez em que vi Thorne demonstrar interesse em um menino, mas ela já tinha chegado à idade em que o garoto certo poderia ser fascinante para ela. Claramente gostavam um do outro, e isso me fez pensar no meu primeiro encontro com o Maligno.

Eu era jovem, não mais do que dezesseis anos, quando o encontrei pela primeira vez. Claro, não sabia quem ele era. Eu estava passando por uma capela em ruínas — uma que fora abandonada pela Igreja depois que a população local diminuiu; o bispo secularizara o terreno dez anos antes, e ele na época era uma bagunça de covas vazias.

Um jovem se encontrava às sombras me observando. Fiquei incomodada ao me flagrar sendo encarada e me preparei para lançar um pequeno feitiço — nada muito forte;

algum que soltasse seus intestinos subitamente ou que o fizesse vomitar. Mas aí ele fez uma coisa que afastou todos estes pensamentos da minha mente.

Sorriu para mim.

Nunca tinham sorrido para mim daquele jeito, com tanto calor, claramente demonstrando afeto. Ele era bonito e alto — sempre gostei de homens altos —, e antes do fim da noite tínhamos nos beijado e deitado abraçados.

Foi Agnes Sowerbutts que me alertou. Eu tinha estado em companhia do Diabo, segundo ela. De início achei difícil acreditar. Certamente ele não poderia ser o Maligno! Como este jovem lindo e gentil poderia ter qualquer ligação com a temerosa fera que aparecia nas chamas da fogueira no Dia das Bruxas? E como eu pude ser tão tola e ter caído tão facilmente no charme dele? Estava ao mesmo tempo irritada e enojada de mim mesma — eu detestava tanto o Maligno que não queria acreditar no que Agnes me dizia.

Mas, uma vez tendo finalmente aceitado a verdade, soube o que fazer: carregar o filho dele para poder ser livre para sempre.

Olhei para Thorne, conversando alegremente com seu novo amigo. Ela não sabia que eu estava observando — do contrário, não teria se sentado tão perto dele.

Criança tola, não sabe que a maioria dos homens são demônios por dentro?

Mas não falei isso em voz alta. Temos que encontrar felicidade onde podemos. Eu não a privaria de alguns momentos de alegria.

O céu tinha clareado e, a leste, rapidamente se tornava mais vivo. O sol logo se levantaria. Melhor sair agora sob o pouco refúgio de escuridão que restava.

— Certo, menino, em troca do que nos prometeu, o levaremos para o castelo de seu pai! — anunciei subitamente.

Tanto Thorne quanto Will se encolheram com minha interrupção inesperada à conversa aconchegante deles. Ficaram espantados e rapidamente se afastaram um do outro, quase culpados.

Quando nos levantamos, eu olhei fixamente para o menino e mais uma vez exibí os dentes.

— Durante todo o tempo fique entre nós duas e obedeça a todos os meus comandos sem questionar. Fui clara?

Will fez que sim com a cabeça, e, puxando o saco de couro para o meu ombro, liderei o caminho pela escada, com Thorne no fim da fila. Corremos diretamente pelo jardim até o portão. Falei as palavras para desfazer o feitiço e o abri. Será que estávamos sendo observados? Farejei rapidamente, e minhas narinas foram agredidas por ondas de medo, embriaguez e uma crescente bravata. Os bandidos ainda não estavam prontos para atacar; estavam ocupados demais se embebedando para olhar o portão.

Corri para o norte, descendo a colina, com os outros atrás. Logo chegamos ao labirinto de ruas escuras e estreitas. A maioria delas estava deserta, mas em uma esquina um bêbado entrou em nosso caminho, abrindo a boca em demonstração de surpresa. Empurrei-o com força e ele caiu de volta em uma porta enquanto continuávamos correndo.

E então o farejei.

O fedor inconfundível do kretch. Ele já havia entrado na cidade.

CAPÍTULO
13

EM COMPANHIA DE FEITICEIRAS



*Aquele que corre com o Diabo precisa de uma colher longa.
Aquele que caminha com uma feiticeira também deve manter a distância.*

Parei e farejei novamente. A criatura estava se aproximando, vinda do sul, e seguia o nosso rastro.

Thorne farejou e logo depois sorriu.

— Os bandidos estão entre nós e nossos inimigos. Isso será interessante! Devem estar se borrando todos!

Continuamos correndo e logo ouvimos um rugido bestial distante, seguido de gritos e berros de medo e raiva. Os bêbados não teriam a menor chance contra nossos inimigos, mas talvez atrasassem um pouco a perseguição. Olhei para o menino; ele estava arfando com o esforço da corrida. Independente de seu preparo físico, o confinamento o havia enfraquecido.

Parei novamente, entreguei o saco a Thorne e peguei o menino. Ele se encolheu com a minha proximidade, mas não resistiu quando o levantei para o ombro. Continuamos na direção norte em um ritmo um pouco mais lento. Minha fraqueza não voltou, mas minha energia não estava tanta quanto de costume. Tentei me livrar de todas as dúvidas quanto à minha condição física, mas elas me incomodavam como cáries. Afastei-as e tentei me manter otimista. Até o momento, minhas ondas de fraqueza não tinham ocorrido em momentos de perigo imediato. Apesar das preocupações de Agnes de que meu corpo poderia estar permanentemente prejudicado, eu ainda esperava me recuperar por completo.

Até o fim da manhã desaceleramos nosso ritmo, reduzindo-o a uma caminhada veloz. Parecíamos ter deixado o kretch para trás, apesar de ele, sem dúvida, ainda estar nos seguindo. Agora havia uma ameaça à frente. Estávamos seguindo uma trilha de terra através de um vale estreito e sem árvores com colinas baixas de cada lado. Por duas vezes enxerguei figuras no alto. Estávamos sendo observados.

Parei e coloquei Will novamente no chão.

— Quanto falta para o castelo, menino? — perguntei.

— Menos de uma hora. Os homens do meu pai já providenciaram uma escolta — disse ele, apontando para os cumes das colinas.

— Já os vi — respondi. — Sem dúvida já avisaram que você está em companhia de feiticeiras.

Dez minutos mais tarde, vimos poeira no horizonte logo a frente. Era um homem montado, galopando na nossa direção. Farejei preocupação, mas pouco medo.

— É meu pai! — exclamou Will quando o cavaleiro se aproximou.

O homem trajava uma cota de malha leve e estava montado em uma égua malhada. Não usavam capacete, mas trazia uma espada na cintura e um escudo pendurado sobre o ombro. Ele parou o cavalo na nossa frente, bloqueando a passagem, e sacou a espada, apontando diretamente para nós.

— Fiquem para trás e permitam que meu filho avance! — ordenou.

O cavaleiro era de meia-idade, e, na minha concepção, estava um pouco acima do peso. Não representava qualquer ameaça real a mim ou a Thorne. Sem dúvida tinha declinado fisicamente desde os feitos de sua juventude, mas ainda era corajoso. Poucos homens ousariam encarar duas feiticeiras com uma mera espada.

— Ele é livre para fazer o que quiser — respondi. — Abaixei a espada!

— Não tente me dar ordens, feiticeira! — rebateu.

— Mas elas me libertaram, pai, e me ajudaram a fugir dos sequestradores — intercedeu Will. — Estão sendo perseguidas, e eu ofereci refúgio em nossa casa. Falei que você ajudaria no combate aos perigosos inimigos que as perseguem. Dei a minha palavra.

Raiva passou pelo rosto do cavaleiro. Senti que ele era um homem justo, mas não pareceu nem um pouco satisfeito com o acordo de seu filho.

— Agradeço por terem libertado meu filho — respondeu ele, abaixando a espada e colocando-a de volta na capa. — Por isso, estou em dívida com vocês. Mas a dificuldade que se apresenta a mim não é pouca. Sou um homem temente a Deus; no meu castelo existe uma capela onde os fiéis rezam todo domingo. O próprio bispo visita duas vezes ao ano para benzer o altar e rezar pelos doentes. Meu capelão vai ficar furioso.

— Dei minha palavra, pai! — gritou Will, sua voz se tornando estridente. — Minha palavra de honra!

O cavaleiro fez que sim com a cabeça.

— O que está feito, está feito. Vou na frente com meu filho. Minha casa fica logo ali. Os portões serão abertos para vocês. Eu sou Sir Gilbert Martin. Como se chamam?

— Eu sou Grimalkin e esta é Thorne — disse a ele. Observei o temor em seu rosto e fiquei feliz em notar que minha notoriedade me precedia. Eu queria que ele sentisse medo, porque assim provavelmente seria mais cooperativo. — Vá com seu pai, menino — falei, voltando-me para Will. — Em breve nos juntaremos a vocês.

Com isso, o menino avançou, e seu pai se abaixou, o pegou pelo braço e o ajudou a montar no cavalo de trás. Então, sem mais conversa, partiram a galope.

— Acha que vão nos deixar entrar no castelo? — perguntou Thorne.

Dei de ombros.

— Tenho minhas dúvidas. Logo saberemos quanto a honra vale para este homem. Mas acho que o que nos aguarda adiante é melhor do que o que deixamos para trás.

Continuamos pela trilha empoeirada até o castelo aparecer; diante dele havia um rio estreito que corria veloz. A fortificação era modesta, com apenas um guarda dentro, mas tinha um fosso e uma ponte levadiça, sobre a qual se encontrava uma pequena torre de defesa com ameias. Ao redor do castelo viam-se os campos cultivados dos fazendeiros que moravam ali, marcados por pequenas casas, mas não havia ninguém trabalhando neles. Notei que duas das habitações estavam queimadas e escurecidas. Pelo visto, a guerra tinha chegado até este pedaço isolado do Condado.

Atravessamos o rio, a água batendo em nossos joelhos. Ao passarmos pela primeira casa, espiei pela janela para confirmar minha suspeita.

Eu tinha razão: havia uma refeição pela metade sobre a mesa. Os ocupantes tinham saído às pressas. Em tempos de perigo, os moradores, trabalhadores e servos de um cavaleiro como este se refugiam no castelo. Mas o que o cavaleiro considerava perigoso? Será que temia as duas feitiças ou aquilo que as perseguia? Talvez ambos? Logo descobriríamos.

À medida que nos aproximamos, vi figuras nos olhando da plataforma. Ouvei batidas e estalos de correntes sobre o cabrestante, e a ponte levadiça desceu lentamente. Porém, quando subimos nela, vimos que a porta pesada de ferro atrás continuava fechada.

Então uma voz nos chamou do alto. Não a do cavaleiro — era apenas um de seus capangas. Farejei e soube que ele era um fanfarrão, mas um que podia matar a sangue-frio e que ganhava a vida usando violência.

— Tirem suas armas das capas! Coloquem-nas aos seus pés! — gritou.

Balancei a cabeça.

— Minhas lâminas ficam ao meu alcance!

Farejei novamente e senti cheiro de perigo. Havia homens armados em estado de alerta. Mas também senti disciplina. Eram obedientes e aguardavam ordens.

Não obtive resposta, mas ouvi murmúrios do alto. Minha recusa estava sendo debatida.

Segundos depois, ouvi as batidas de correntes e a porta começou a subir. Thorne se inclinou e sussurrou ao meu ouvido.

— Pode ser uma armadilha — sugeriu ela.

Fiz que sim com a cabeça, mas não a respondi. Será que podíamos confiar neste cavaleiro? Fiquei imaginando. Farejei — desta vez uma farejada longa, tentando ler o futuro, principalmente uma ameaça de morte. Farejei por Thorne. Ela não iria morrer aqui. Tive certeza.

A porta pesada de ferro balançou para dentro, rosnando nas dobradiças. A mais ou menos dez passos encontrava-se o cavaleiro; atrás de mim, havia mais uma grade fechada. Ele ainda trajava a cota de malha, mas não carregava mais a espada. Assinalou para que entrássemos, e Thorne e eu atravessamos a porta, avançando cinco passos. Ao pararmos, a porta atrás de nós começou a descer. Olhei para trás e vi que a porta interna permanecia aberta.

— São bem-vindas à minha casa — disse Sir Gilbert, com a voz suave e cortês. — Não utilizo armas dentro destas paredes e peço que façam o mesmo. Removam suas lâminas e coloquem-nas aos seus pés.

— Seus costumes não são os meus — respondi. — Meu hábito é manter minhas lâminas ao meu alcance o tempo todo.

— Ofereço refúgio, mas devem seguir os meus termos!

Saquei uma lâmina de arremesso e a apontei para ele. Assim que fiz essa ameaça, dois arqueiros se posicionaram atrás dele, com as flechas apontando através das barras da grade. Olhei para a esquerda e para a direita. Havia pontas de flechas nas fendas das paredes de pedra. Éramos alvejadas por três lados. Setas disparadas por arcos longos tinham grande velocidade e força. Podiam até perfurar armaduras. Apesar do extremo perigo, no entanto, permaneci muito calma enquanto analisava a situação e considerava minhas opções.

— Antes que uma flecha me atinja — ameacei —, minha lâmina estará na sua garganta.

Era verdade. Matar o cavaleiro seria tão fácil quanto espantar uma mosca da minha testa. Ele estava a menos de um segundo da morte. Também podíamos matar os arqueiros atrás dele. Mas eu não poderia ter certeza de que mataria os homens atrás das fendas. Mesmo que eu conseguisse, ficaríamos presas nesta entrada com uma grade de cada lado e nenhum meio de escapar.

— Aí nós três morreríamos — constatou o cavaleiro. — Seria um desperdício, completamente desnecessário. Vocês salvaram meu filho, e por isso sou grato e vou cumprir a palavra dele. Ofereço refúgio entre estas paredes. Comida, bebida e roupas limpas as esperam. Apenas repousem suas armas, eu imploro, e tudo ficará bem.

Nossos olhares se encontraram, e eu li suas intenções — ele foi completamente sincero — então, em resposta, ajoelhei-me e comeci a retirar minhas lâminas e repousá-las no chão. Após um instante de hesitação, Thorne fez o mesmo. Quando me levantei outra vez, Sir Gilbert sorria.

— Isso é tudo? — perguntou ele. — Tenho sua palavra de que não há armas na bolsa em seu ombro?

— Não contém armas, dou a minha palavra — respondi.

— O que contém?

— Algo que deve permanecer comigo o tempo todo. Se quiser, posso lhe mostrar mais tarde. Mas vai desejar nunca ter visto.

O cavaleiro ergueu a mão e os arqueiros atrás dele na porta interior foram para o lado; a grade começou a subir. Ele gesticulou para que o seguissemos e entramos pelo jardim do castelo. À esquerda, na área ampla mais longe da torre interna, os trabalhadores da propriedade se encontravam reunidos com suas famílias, cozinhando sobre brasas. Estavam acompanhados por ovelhas, vacas e cabras; evidentemente tinham trazido todo o gado para os confins da segurança.

Havia poucos soldados a serem vistos, mas os oito arqueiros permaneceram perto do portão, com as flechas guardadas nas respectivas aljavas. Então notei uma figura ao longe: trajava a batina preta de um padre e franzia o rosto ao olhar para nós. Tratava-se de alguém que certamente não nos receberia de braços abertos.

Ele seguiu Sir Gilbert para a torre interna. Uma serva esperava na entrada. Ela tinha um ar matronal, adquirido ao longo de anos. Vestia trajes cinzentos, e os cabelos estavam presos em um coque.

— Está é Mathilde — anunciou o cavaleiro. — Ela vai levá-las aos seus aposentos. Quando terminarem de se banhar e estiverem vestidas adequadamente, ela as trará para o salão de banquetes.

Com estas palavras, ele sorriu, fez uma reverência e nos deixou.

— Por aqui, por favor — disse Mathilde, apressando-se pelo corredor. Notei que ela evitava nossos olhos, sem dúvida temendo o mau-olhado. Abriu a porta para os nossos aposentos e nos deixou depressa.

Os olhos de Thorne se arregalaram impressionados com a opulência de nossos arredores; ela não conhecia nada além de covis de bruxas e vales de pobres. O recinto era amplo e cheio de tapeçarias que pareciam contar uma história: um cavaleiro combatia uma grande criatura com presas enormes no meio de um rio veloz. Sem dúvida era Sir Gilbert derrotando a serpente do pântano. Rapidamente olhei ao redor: havia duas camas, duas poltronas e uma mesa com um grande jarro de água. Sobre cada cama um vestido verde-claro.

— Vestidas adequadamente! — falei, erguendo as sobrancelhas e sorrindo para Thorne. — Já usou um vestido como este antes?

Thorne balançou a cabeça. Não estava sorrindo.

— Abrimos mão de nossas armas e agora temos que nos vestir feito bobas da corte. Não há arqueiros aqui que imponham a vontade de Sir Gilbert. Por que deveríamos obedecer?

— Não fará mal nenhum, criança, aprender como os outros vivem. Devemos lavar o fedor dos nossos corpos e nos vestir com roupas limpas por um tempo. Logo o kretch chegará, então vamos aproveitar esta breve folga. Seja como for, não tenho dúvidas de que o menino aprovará o vestido!

Thorne ruborizou completamente, mas estava envergonhada demais para responder, então virei e coloquei minhas alças e capas ao lado da cama. Tirei as roupas sujas e me limpei enquanto Thorne reclamava. Em seguida, peguei o vestido que parecia mais

comprido. Quando terminei, Thorne iniciou o seu processo, contrariada. Finalmente olhou para mim, com o vestido verde.

— Que bela dama você é — zombei —, e mais do que pronta para assumir o seu lugar na corte!

O rosto de Thorne se contorceu em fúria, e ela correu para mim, com as unhas prontas para me dilacerar.

Dei um passo para trás e sorri, estendendo a mão para contê-la.

— Só estou brincando, criança. Não se ofenda. Vista seu melhor sorriso para que possamos encantar este cavaleiro e fazê-lo cumprir nossas vontades.

Ao deixarmos os aposentos, Mathilde nos esperava nervosa no corredor; ela nos conduziu diretamente ao salão de banquetes. Então, olhou para a bolsa de couro, que eu carregava com a mão esquerda. Percebi que ela se assustou. Talvez tivesse sentido o mal ali contido. Algumas pessoas eram sensíveis a essas coisas.

O salão era enorme, com um teto alto, e provavelmente podia acomodar umas cem pessoas. Havia seis mesas longas, uma oval na ponta, oposta à porta principal. Era a única ocupada. Duas pessoas se encontravam sentadas ali: Sir Gilbert e seu filho. Estavam bem vestidos com seda azul, como fidalgos de uma corte. Mas o pai teria ficado melhor com a cota de malha — sua barriga redonda agora estava exposta aos nossos olhares: claramente era um homem confortável com a meia-idade e agora acostumado a uma vida fácil.

Na medida em que nos aproximamos, ambos se levantaram e sorriram, mas notei que os olhares desviaram para o saco de couro, que coloquei ao lado da minha cadeira. Fiquei imaginando onde o kretch e os outros apoiadores do Maligno estariam agora. Poderiam chegar ao castelo a qualquer momento.

— Sejam bem-vindas. Sentem-se — convidou Sir Gilbert; ele e o filho esperaram até que Thorne e eu estivéssemos sentadas antes de voltarem a seus lugares.

Servos se aproximaram e colocaram pratos de carne e pães na mesa.

— Temos muito a discutir, mas vocês devem estar com fome. Então vamos comer primeiro e conversar depois.

Não precisei de um segundo convite. Enquanto comíamos, grandes taças de vinho eram servidas, mas eu e Thorne apenas bebericamos. Precisávamos de mentes limpas para negociar com este cavaleiro. Ele havia nos concedido abrigo — mas por quanto tempo? Ainda havia muito a se decidir.

Quando terminamos, os servos recolheram os pratos, mas deixaram as taças. Sir Gilbert levantou os dedos e olhou para nós duas alternadamente antes de falar.

— Mais uma vez tenho que agradecer por salvarem meu filho e o trazerem para casa. Ele me contou que estão sendo perseguidas por uma estranha criatura que desconheço. Gostaria de saber mais.

— A criatura se chama kretch e é um híbrido de homem e lobo: foi criado por magia negra especificamente para me caçar. É inteligente, feroz e dispõe de muita força. Consegue utilizar armas como lâminas e suas garras são cobertas por veneno mortal.

Além disso, sua cabeça e tronco são armados com ossos resistentes, e, se ferido, consegue se regenerar.

— Como pode ser morto? — quis saber ele.

— É possível que através da remoção do coração e sua destruição por fogo ou ingestão. Mas, para ter certeza, ele tem que ser desmembrado e cortado em pequenos pedaços.

— Ele está sozinho?

— Está acompanhado por um bando de feiticeiras e um poderoso mago chamado Bowker. A força deles combinada os torna formidáveis.

— E o que você fez para ser perseguida desta forma?

Estiquei o braço e levantei o saco para a mesa.

— Neste saco está a cabeça do Maligno — falei. — Ele foi contido temporariamente enquanto procuramos uma maneira de destruí-lo. Nossos inimigos querem reunir a cabeça e o corpo para libertá-lo.

— Acho difícil de acreditar — respondeu o cavaleiro, com uma expressão de incredulidade no rosto. — Está dizendo que a cabeça do Diabo em pessoa está dentro deste saco? É isso que está me falando?

— Ele foi invocado para a terra pelos clãs de Pendle. Agora está preso pela carne e com muita dor. Não acredita? Quer provas? — perguntei.

Um gemido fraco e uma respiração afiada foram emitidos de dentro do saco. Will e seu pai se assustaram, mas o cavaleiro rapidamente recobrou a postura.

— Sou um homem de paz e fico feliz em cuidar dos meus próprios assuntos. Só peço em armas quando a causa justifica. Sei pouco sobre feitiçarias e magia negra e acredito que muito do que parece estranho pode ser reduzido a superstições e ignorância. Mas tenho a cabeça aberta e gostaria muito de ver o conteúdo deste saco.

— Então concederei seu desejo — falei, desamarrando as cordas. Levantei a cabeça do Maligno pelos chifres e a segurei diante do cavaleiro e seu filho.

Ambos se levantaram em choque. O menino parecia prestes a sair correndo. A cabeça gemeu fracamente mais uma vez, e a carne ao redor do olho arruinado estremeceu. Havia uma crosta espessa de sangue correndo desse olho para a boca aberta. A cabeça estava ainda mais horrorosa do que antes, se é que isso era possível.

CAPÍTULO
14

ATAQUE



Sua magia não me assusta, porque tenho a minha própria.

E bichos-papões, fantasmas e monstros não me ameaçam mais do que ameaçam a um caça-feitiça.

— Está vivo! Como é possível? — perguntou Sir Gilbert, cujo rosto de repente empalideceu.

— A carne é só uma cobertura — respondi. — Para o Maligno, a forma que ele assume é como se fosse uma roupa que veste. Ele pode ter muitas formas, e seu espírito pode sobreviver a mutilações extremas; agora ele habita as duas metades de seu corpo. Por isso, deve permanecer preso. Se seus servos devolverem a cabeça ao corpo preso, ele estará livre e sua vingança será terrível, tanto nesta vida quanto no além.

“Recentemente ele caminhou sobre a terra e as coisas se tornaram mais sombrias do que em qualquer outra época que já existiu. Uma das manifestações foi a guerra que passou pelo Condado, trazendo consigo morte, fome e crueldade. O fato de que ele está temporariamente preso já melhorou as coisas. Mantê-lo preso também lhe interessa.

Sir Gilbert encarou a cabeça do Maligno.

— Guarde esta coisa horrorosa no saco, eu imploro. Não é uma visão que olhos mortais devam ter.

Fiz o que ele me pediu, e nós quatro nos sentamos novamente.

— Você lutou na guerra? — perguntei.

O cavaleiro balançou a cabeça.

— Não sou mais jovem, então não fui convocado para lutar. Fiquei e tentei proteger meu povo. Tivemos sorte. E, por causa do nosso posicionamento isolado, só recebemos a visita de uma patrulha, e isso foi mais para o fim. Inicialmente meu povo se refugiou no castelo, mas, quando o inimigo começou a queimar suas casas, deixei o castelo liderando um pequeno, porém determinado, grupo. Perdemos dois dos nossos, mas matamos todos os inimigos; onze estão enterrados em túmulos não marcados. Portanto, nenhum escapou para reportar.

— Temos um bom estoque de mantimentos? — perguntei.

— Dentro destas paredes temos muitas bocas para alimentar, mas poderíamos aguentar um sítio de muitas semanas antes de começarmos a passar fome. Contudo, não seria agradável e traria sérias dificuldades quando a vida voltasse ao normal. A forragem para o gado é limitada e teríamos que começar a abatê-los. O pós-guerra dificultaria a reposição.

— Acho que podemos terminar relativamente rápido — falei a ele. O plano foi se formando na minha mente no caminho para o castelo, e agora eu o colocaria em palavras. — Com a sua ajuda, podemos levar a batalha aos nossos inimigos. Algumas são feiticeiras, mas seu filho me disse que seus arqueiros são mestres na arte, e magia negra certamente não consegue desviar todas as flechas. Quanto ao kretch, talvez você mesmo possa cuidar dele pessoalmente, da mesma forma como derrotou a grande serpente do pântano.

Will sorriu, seu rosto brilhando de orgulho.

— Veja as tapeçarias do seu quarto — comentou ele. — Elas contam a história do que aconteceu há quinze anos. Mostram meu pai derrotando a grande serpente do pântano que tinha assolado os campos ao redor. O que ele conquistou uma vez pode fazer de novo, com os mesmos recursos.

Thorne virou-se para Will e sorriu também. Quando seus olhares se cruzaram, pude ver que um laço se formava entre eles.

O pai assentiu, mas desconfeei de que estivesse menos entusiasmado com a ideia do que o filho.

Já tinha escurecido quando Thorne e eu voltamos para o nosso quarto. Velas piscavam em seus suportes ao lado da nossa cama. Peguei uma e a levei até a primeira tapeçaria; eram cinco ao todo.

A representação da grande serpente do pântano estava arrasando uma fazenda — carcaças de ovelhas espalhadas por um campo. Ela segurava um homem com a mandíbula; dele, só as pernas eram visíveis. A figura da serpente era enorme. Eu nunca tinha ouvido falar em uma tão grande. Sem dúvida o artista exagerara no tamanho para provocar um efeito.

Na segunda tapeçaria, a criatura avançava para o castelo e o cavaleiro vinha a galopes encontrá-la. O rio estava entre eles. Na terceira, ele havia saltado do cavalo e caminhava pela água a pé, com a armadura completa; a serpente do pântano vinha para cima, de boca aberta.

A quarta tapeçaria mostrava os dois em combate, e a forma da eventual vitória do cavaleiro agora estava clara. As figuras em combate preenchiam toda a tapeçaria, e dava para ver que a armadura de Sir Gilbert era coberta por espinhos. A serpente havia se enrolado em volta dele com força, sendo perfurada pelos espinhos e feita em pedaços, sangrando em dezenas de lugares enquanto o cavaleiro a cortava com a espada, que brandia com as duas mãos. Na última tapeçaria, Sir Gilbert segurava a cabeça da criatura em triunfo, e os pedaços da serpente do pântano eram carregados pela corrente do rio.

— Será que ele realmente poderia lidar com o kretch do mesmo jeito? — indagou Thorne.

— Talvez, criança. Vale a pena tentar. Se nós e alguns dos soldados do cavaleiro cuidarmos dos outros, a armadura pode permitir que ele o corte em pedaços. Sob a pressão do filho, ele parece preparado para tentar, e estou inclinada a encorajá-lo a tal.

Nossos inimigos chegaram na manhã do dia seguinte — cerca de vinte bruxas, acompanhadas pelo kretch e por Bowker. Não atravessaram o rio, mas, após encararem o castelo por um tempo, se ajoitaram perto da maior fazenda ao redor e acenderam fogueiras.

Por toda a tarde mantiveram sua distância enquanto assistíamos das ameias. Mas novos grupos de feitiças chegavam a cada hora. Até o anoitecer estimei que nossos inimigos estivessem em mais de cem. Além da ameaça externa, as tensões cresciam no castelo.

— É o padre. Eu o vi lá, provocando confusão — disse Thorne, apontando para onde os fazendeiros acampavam perto de seus animais. — Eu estava perto do portão, e ele não parava de apontar para mim.

— Ele é um religioso, criança, é o mínimo que se pode esperar. E aquelas pessoas foram forçadas a procurar refúgio dentro destas paredes por nossa causa. É claro que haverá ressentimentos.

Jantamos com o cavaleiro e seu filho mais uma vez naquela noite, e Thorne contou para nosso anfitrião sobre o padre.

— Não precisam se preocupar com ele — respondeu Sir Gilbert. — O Padre Hewitt já veio falar comigo e pedir que eu as expulsasse do castelo. Recusei, e o assunto está encerrado. Ele é meu capelão e está conosco há muitos anos. De fato, se eu morresse antes da hora, ele se tornaria guardião do meu filho até que Will atinja a maturidade. Ele é um padre, e vocês são feitiças, então existe uma animosidade natural entre vocês. Mas Padre Hewitt pode fazer pouco além de exaltar os ânimos dos congregados. Eu sou o soberano, e eles me obedecem acima de tudo. Vocês estão perfeitamente seguras aqui.

— Somos muito agradecidas por isso — disse a ele. — Examinei as tapeçarias do nosso quarto com grande interesse. Presumo que você ainda tenha aquela armadura?

— Tenho sim. Mandei fazer especialmente para mim, e ela se provou muito eficiente contra a serpente do pântano. Na verdade, a criatura não era tão grande quanto o bordado sugere — relatou com um sorriso. — Mas era uma fera perigosa e matou muitos homens e animais.

— Papai é inteligente e corajoso — elogiou Will, com orgulho. — Menestréis ainda cantam sobre suas conquistas.

— Você deve ter muito orgulho do seu pai — falei, sorrindo para o menino. Mas então me virei novamente para Sir Gilbert. — Esta armadura talvez não seja tão eficiente contra o kretch. Ele tem a própria armadura de ossos. Se o atrairmos, devemos trabalhar em equipe, e devemos fazer isso logo, antes que outros seguidores do Maligno cheguem.

A quantidade aumentará a cada dia. Mas basta destruímos o kretch que o resto irá embora. E vocês poderão retomar a rotina de suas vidas.

— Faremos amanhã, então — disse o cavaleiro. — Temos que encontrar uma maneira de atraí-los mais para perto do castelo, ao alcance dos meus arqueiros.

Fiz que sim com a cabeça.

— Pensarei em alguma coisa. E amanhã acabaremos com eles. Você vai devolver nossas lâminas?

— Claro. Deixaremos o castelo juntos com as armas necessárias para a vitória.

Mas eu estava enganada, e os eventos não decorreram como eu esperava.

CAPÍTULO

15

UMA LUTA ATÉ A MORTE



É melhor lutar do que ser um mero espectador.

Uma feiticeira assassina tem sede de combate.

Tomamos café da manhã antes do sol nascer e depois, para alívio de Thorne, abandonamos os vestidos verdes e voltamos aos trajes de assassina. Eu estava ansiosa pela batalha que viria e me senti confortável por estar mais uma vez com as vestes da minha vocação.

Não podia arriscar levar comigo a cabeça do Maligno, então ela teria que ficar escondida. Utilizei um pouco mais da minha preciosa magia remanescente para conseguir isso. Utilizando muitos fios de algodão que peguei da aba do vestido, pendurei o saco na viga do teto no canto mais escuro do quarto. Depois de fazer isso, o encobri cuidadosamente. Somente uma feiticeira poderosa ou um mago poderiam encontrá-lo agora; e mesmo para estes não seria fácil.

Sir Gilbert, vestido com sua armadura de espinhos, esperava por nós no jardim, cercado por seus homens. Assim como nossas lâminas. Foi uma boa sensação devolvê-las às suas bainhas.

Era uma manhã cinzenta e nebulosa, e o ar estava frio e úmido. Olhei para nosso pequeno grupo de guerreiros cogitando nossas chances de vitória. Os homens pareciam confiantes e disciplinados. Além do cavaleiro na armadura mortal, estavam lá os oito arqueiros mestres e mais quinze homens armados. Todos a pé. Sir Gilbert me disse que não iriam arriscar os cavalos. Nossos números eram infinitamente menores, mas tínhamos boas chances de vitória.

Expliquei meu plano para o cavaleiro e ele aprovou. A intenção era destruir o kretch e matar o máximo possível de feiticeiras antes de voltarmos para o castelo. Mais tarde, sob o véu da escuridão, Thorne e eu fugiríamos; as sobreviventes viriam atrás de nós, deixando os habitantes do castelo e dos arredores em paz para viverem suas vidas.

Mas as coisas começaram a dar errado. Um soldado vigilante nas ameias deu o alerta. O inimigo se aproximava.

Daquele ponto alto eu estimei a quantidade de inimigos. De fato havia mais de cem, liderados pelo kretch e pelo mago das sombras. Pararam a mais ou menos duzentos metros do fosso, e o kretch avançou sozinho. Uma vez diretamente abaixo de nós, levantou-se sobre as patas traseiras, sacou uma lâmina e lançou um desafio com sua voz explosiva.

Meu coração afundou. O desafio não foi dirigido a mim, mas ao cavaleiro.

— Sir Gilbert Martin, eu o convoco! Você é o destruidor da grande serpente do pântano e famoso por toda esta terra pelo que conquistou. Almejo um combate pessoal com uma pessoa tão reconhecida. Derrote-me, e os que estão comigo vão dispersar e não mais o incomodarão.

— E se eu perder a luta? — o cavaleiro respondeu. — Quero saber os termos do combate.

— A derrota custará sua vida e continuarão sitiados. Isso é tudo. Aceita meu desafio?

— Aceito. E lutarei um combate pessoal com você diante destas paredes. Concorda? Tenho sua palavra?

— Tem a minha palavra. Lutaremos à beira da água onde você derrotou a grande serpente. Seus seguidores devem permanecer nos confins do castelo. Os meus ficarão longe do rio.

— De acordo! — respondeu Sir Gilbert.

Com isso, o kretch inclinou a cabeça suavemente, mostrou os dentes em um sorriso maligno e virou para correr para o rio.

Quase fiz o meu próprio desafio para o kretch, mas o cavaleiro deu sua palavra: eu não podia intervir. Contudo, fiz uma tentativa de dissuadi-lo.

— É uma armadilha! — alertei. — Esta criatura não pensa como você. Nem aqueles que o acompanham. São servos do Maligno, o Pai da Mentira. Não fazem ideia do que é honra. Vá sozinho e morrerá! Eles querem a cabeça do Diabo e não têm qualquer intenção de dispersar até que ponham as mãos nela.

— Pode ser — disse Sir Gilbert, virando para me encarar. — Mas como um cavaleiro não tenho a liberdade de recusar um desafio para um combate pessoal. É o código pelo qual vivo. E mesmo que essa criatura acabe comigo, nem tudo estará perdido. Quando eu sair, fechem o portão principal, mas não o tranquem. Deixem a ponte levadiça abaixada também. Ao primeiro sinal de traição, venham me ajudar. Isso é muito pouco diferente do que pretendíamos.

— Não posso concordar — alertei. — Iriamos sair daqui como uma unidade compacta e protegeríamos suas laterais enquanto você atacava o kretch. Agora lutará

sozinho e longe de nós. Se houver traição, talvez não possamos chegar a tempo para ajudá-lo.

Ele inclinou a cabeça em reconhecimento, mas permaneceu resoluto, e sem mais uma palavra desceu para esperar o portão se abrir e a ponte levadiça abaixar.

Quando isto foi feito, Sir Gilbert deu as mãos para o filho em uma breve despedida. Will parecia muito orgulhoso, mas seu lábio inferior tremia, e eu sabia que ele temia pelo pai. O cavaleiro abaixou o visor do capacete e foi em direção ao rio. A porta atrás dele foi fechada, porém não trancada. Os arqueiros e os homens armados esperaram atrás, com as armas preparadas. Mas eu levei Thorne de volta para as ameaças, de onde tínhamos uma visão melhor da luta.

Sir Gilbert se aproximava do rio, e observei o kretch esperando na margem mais afastada. Não havia sinal do mago ou das feiteiras, mas uma parede espessa de bruma apareceu a mais ou menos cem metros de distância, cobrindo as duas margens do rio. Sem dúvida tinha sido conjurada por magia: poderiam estar se escondendo facilmente ali — muito mais próximos dos combatentes do que nós. Farejei e imediatamente senti perigo. Era uma armadilha — eu tinha certeza. Mas o que poderia fazer? Alertara o cavaleiro, mas ele não me dera ouvidos.

Assim que ele deixou a margem lamacenta e entrou na água rasa a pé, o kretch pulou para cima dele, correndo sobre as quatro patas como um lobo gigante, levantando uma cortina de água. Sir Gilbert não tinha imaginado a sua velocidade e demorou muito para sacar a espada. A fera imensa mordeu seu braço direito com força. Mesmo àquela distância ouvi o cavaleiro gritar de dor.

E o kretch? Havia espetos metálicos que cercavam o braço de Sir Gilbert. Certamente deviam estar cortando a mandíbula da criatura. Ele gradualmente se transformava e se tornava mais poderoso. Será que agora era imune a dor? Ou capaz de superá-la e exercer sua vontade apesar da agonia que devia estar sentindo? Isso o tornava de fato muito perigoso. Só a morte o conteria.

Com grande esforço, o cavaleiro soltou o braço. Ao fazê-lo, sangue pingou da boca aberta da fera, manchando a água. Havia também sangue na armadura, mas será que era de Sir Gilbert ou da criatura?

Mesmo de longe dava para ver que o metal cobrindo os braços do cavaleiro estava afundado, e ele se esforçou para levantar a espada enquanto o kretch atacava novamente. A criatura parecia ainda maior e se ergueu sobre duas patas para se impor sobre ele. Tornava-se mais poderoso a cada dia.

Apesar de ferido, Sir Gilbert foi bravo e não se esquivou, mantendo-se firme, transferindo a espada para a outra mão. A arma era pesada e deveria ter sido manejada pelas duas mãos. Mesmo com a mão esquerda — sem dúvida a mais fraca — ele enfiou a ponta na barriga da criatura. Desta vez o monstro sentiu dor e soltou um grito estridente, imediatamente seguido por um urro de fúria.

O grito me fez sentir muito melhor. O kretch ainda podia ser ferido. Sim, eu queria que o cavaleiro desse um fim àquilo, mas queria muito destruí-lo pessoalmente. Fazia

tempo que eu não queria tanto machucar ou matar alguma coisa assim. E, no entanto, não podia ir até lá enquanto o cavaleiro estivesse vivo. Era um homem corajoso, e eu não lhe negaria a chance de vencer.

Cavaleiro e kretch colidiram violentamente; engajados na batalha, caíram na água rasa do rio e rolaram várias vezes até chegaram à margem oposta onde continuaram lutando na lama. Era exatamente o que Sir Gilbert queria: agora a fera estava sendo espetada pela armadura, de preferência prestes a sofrer o mesmo destino da grande serpente do pântano. Enquanto se sacudiam, no entanto, me parecia que era o cavaleiro que estava perdendo.

Sir Gilbert tentava usar a espada contra o kretch, mas estava muito próximo dele, e seus golpes não eram eficientes contra a coluna armada da criatura. Não era mais um jovem. Seu vigor estaria falhando. Os espetos da armadura tampouco teriam a eficiência de outrora. Para aumentar meu desespero, vi a boca do kretch se fechar sobre a cabeça do cavaleiro, mordendo-a com força, e ouvi a armadura estalar. Sua mandíbula era poderosa e lhe dava grande vantagem; agora os dentes penetravam seu crânio. Ouvi gritos de desespero dos homens do cavaleiro e soube que Will estaria assistindo angustiado a situação do pai.

Foi então que o que eu temia e esperava aconteceu. As bruxas, conduzidas por Bowker, surgiram da bruma e, gritando e berrando, correram para a margem do rio, onde os combatentes ainda lutavam. A maioria carregava facas. Assim como antes, as três da frente vinham armadas com lâminas presas na ponta de longos tacos de modo que pudessem cortar e golpear de longe. O cavaleiro estava diante do mesmo destino da lâmia; a diferença neste caso era que uma força considerável e determinada podia intervir. Nem tudo estava perdido.

Um guarda fez um alerta para os que estavam embaixo e ouvi o rugido do portão ao se abrir.

— Fique perto de mim e não seja imprudente — alertei Thorne.

Quando chegamos ao portão ele já estava aberto e os homens do cavaleiro já corriam para o rio. Will estava ao lado da passagem com outros dois homens, olhando triste para a batalha. Como único herdeiro do castelo e das terras, ele tinha sido proibido de participar do combate.

Chegamos perto rapidamente, mas gesticulei para Thorne que deveríamos ficar atrás. Quando os dois grupos se juntassem, poderíamos julgar como e onde seria mais eficiente lutar.

Olhei para a frente e vi que mais feiticeiras tinham surgido da bruma no nosso lado do rio e vinham correndo para nos interceptar, brandindo suas armas. As da margem oposta cercaram o cavaleiro e o kretch — sem dúvida tentavam acabar com ele enquanto a fera o segurava pela cabeça com a boca, repetindo o que fizeram com Wynde. Por duas vezes não tive como impedir mortes, mas talvez ainda houvesse tempo para ajudar Sir Gilbert. Teriam que remover a armadura para matá-lo. Isso levaria tempo, o que nos permitiria resgatá-lo.

Os homens do cavaleiro pararam subitamente. Por um instante achei que fossem virar e fugir: as hordas que se aproximavam produziam uma visão assustadora, e eles estavam em números infinitamente inferiores. Mas a nossa força era disciplinada e ouvi uma voz ordenar: — Atirar!

Os oito arqueiros manejaram os arcos e soltaram as flechas, que voaram aceleradas para seus alvos. Cada flecha acertou uma feiticeira. Vi ao menos três caindo e outras duas cambalearem. E os arqueiros já tinham armado seus arcos com novas flechas e começavam a se preparar para atirar outra vez.

A ordem de tiro veio novamente, e com um chiado outra onda de flechas atingiu nossas inimigas com um efeito ainda mais mortal. Já estavam quase em cima de nós, a menos de trinta metros de distância, mas uma terceira leva de setas interrompeu o ataque e as feiticeiras dispersaram.

Contudo, não fugiram e começaram a nos cercar, espalhando-se para se tornarem alvos mais difíceis. Os primeiros tiros foram simultâneos, mas agora a ordem foi: — Atirem como bem quiserem!

Com isso, cada arqueiro começou a escolher seu próprio alvo — uma tática menos eficaz porque as feiticeiras já estavam utilizando magia negra contra nós. Entoavam feitiços na língua antiga, e o principal entre eles foi o *Ræxi*. Seus poderes eram desperdiçados em mim e em Thorne, pois tínhamos defesas contra isso, mas para os arqueiros e soldados seus inimigos apareceriam em formas pavorosas, os rostos se contorcendo em caricaturas demoníacas, os cabelos lamacentos parecendo ninhos de cobras venenosas.

O feitiço já estava funcionando muito bem: vi os olhos do arqueiro mais próximo se arregalarem de medo e seu arco tremer violentamente de modo que ele soltou a flecha no chão, sem qualquer perigo. Eu tinha que agir depressa ou tudo estaria perdido. Era hora de usar toda a minha força e continuar com a luta até o inimigo. O kretch e o mago precisavam morrer!

CAPÍTULO

16

TEREMOS QUE CORRER PARA SEMPRE?



Com uma lâmina afiada na mão, uma feiticeira assassina morre combatendo seus inimigos.

Por que deveria ser diferente para mim?

Tocando meu colar de ossos, utilizei um feitiço em latim chamado *Imperium*, mas conhecido como Balanço pelo clã Mouldheel, que sempre gosta de fazer as coisas de forma diferente. É em parte uma privação da vontade, e é importante realizar o comando com certa inflexão na voz. Mas, se for bem feito, os outros obedecem instantaneamente.

Havia medo e caos ao meu redor, e isso ajudava. Minha voz se sobrepôs à incerteza, e eu a dirigi aos mais próximos de mim: três arqueiros, dois soldados e Thorne.

— *Sgam-me!* — comandei, com o tom perfeito de voz.

Todos se viraram de forma uníssona e olharam para mim. Apenas Thorne apresentou resistência, mas ela me obedeceria sem magia. Os outros ficaram alertas, solícitos e muito obedientes.

Então comecei a correr em direção ao rio, onde o cavaleiro ainda lutava contra o kretch na margem oposta. Os demais seguiram de perto, mas, quando alcancei a primeira feiticeira que nos cercava, Thorne veio para o meu lado. Lutamos juntas como uma entidade única por um mesmo propósito; quatro pernas e quatro braços guiados por uma única mente. Tinha uma lâmina na mão esquerda e a manejei em um pequeno arco letal — o que matou as inimigas mais próximas. Com o canto do olho, vi Thorne despachar outra.

Éramos uma força mortal e rompemos o fino círculo com facilidade. Porém, quando atravessamos a água, havia no mínimo nove feiticeiras acumuladas no local do combate,

golpeando o cavaleiro. Lisa Dugdale se apoiava no taco, tentando enfiar sua faca no espaço entre o capacete e o pescoço, sempre um ponto fraco nestas armaduras. Mas havia outro revestimento por baixo, e Sir Gilbert estava duplamente protegido. No entanto, a maior ameaça à sua vida vinha do kretch, que ainda o mordida pela cabeça; o metal da armadura havia se curvado para dentro. Sir Gilbert gemia de dor e ainda lutava para se libertar. Sua espada havia caído, mas ele socava a cabeça da criatura repetidamente com o punho armado.

Eu sabia que precisávamos agir depressa, pois as feitiças atrás de nós se reagrupariam e bloqueariam o caminho ao castelo.

— *Utilizem seus arcos!* — ordenei, e os três arqueiros obedeceram instantaneamente, disparando três flechas na batalha. Uma se enterrou na feitiçeira mais próxima, jogando-a para trás sobre a lama. Após uma segunda leva, o kretch sacudiu o corpo do cavaleiro, como um cão faria com um gato, antes de soltar sua presa e correr direto para nós. Encontrei o seu olhar e vi que eu ainda era o alvo principal.

Selecionei uma adaga de arremesso e a atirei contra a fera; ela se enterrou até o cabo no olho direito da criatura. Duas flechas também encontraram seus alvos. Uma desviou inofensivamente de seu ombro, mas a outra foi direto para sua boca aberta e perfurou a garganta. Foi Thorne quem aplicou o golpe final. Ela lançou sua própria lâmina com grande precisão para acabar com o olho esquerdo da criatura. Agora ele estava cego.

O kretch desviou de nós e correu para as árvores, ganindo como um cão ferido. Segundos depois alcançamos Sir Gilbert, e dois soldados o levantaram da lama e começaram a carregá-lo. Não havia tempo para checar suas condições, que não pareciam boas. Sangue vazava do capacete amassado. Atravessamos o rio e nos juntamos aos nossos companheiros sobreviventes. O sargento deu uma ordem e os soldados formaram um pequeno quadrado defensivo ao redor dos arqueiros e soldados que carregavam o cavaleiro ferido. Mas Thorne e eu lutamos fora da formação enquanto recuávamos lentamente para o castelo.

Não havia sinal do mago, e isto, somado à fuga do kretch, pareceu desorganizar as inimigas. Apesar de ainda nos superarem em número, poucas nos combateram diretamente, e as que o fizeram ou morreram pelas minhas mãos ou pelas de Thorne, enquanto as que acompanhavam de longe foram atingidas pelos quatro arqueiros sobreviventes.

Finalmente chegamos ao castelo; a grade estava fechada atrás de nós e a ponte levadiça, abaixada. Perdêramos, talvez, um terço das nossas forças, e dentre os sobreviventes muitos estavam feridos. Mesmo assim, nossa prioridade era a segurança de Sir Gilbert, que foi levado ao grande salão e cuidadosamente colocado sobre uma mesa, onde seus atendentes começaram a remover a armadura de espetos. Will assistiu agoniado enquanto seu pai gemia de dor; de seu capacete continuava vazando sangue. O braço também estava péssimo, e retirar a cota de malha se provou uma tarefa muito difícil.

Deixando-o vestido com a proteção, tentaram em seguida remover o capacete, mas ele gritou em agonia. Ergui a mão para alertá-los a pararem e abri caminho para examiná-lo mais de perto. Então balancei a cabeça.

— O capacete não pode ser removido — avisei. — Ele está morrendo. Tudo que podem fazer é lhe dar alguma coisa para aliviar a dor.

A mandíbula do kretch amassara o metal profundamente contra o crânio do cavaleiro. Haveria pressão no cérebro, que incharia e o mataria. Estimei que ele estivesse morto em algumas horas.

— Não! Não! Não pode ser! — gritou o filho, começando a chorar.

Thorne atravessou o recinto e colocou a mão em seu ombro para consolá-lo, mas ele a afastou furiosamente, encarando-a com olhos cheios de ódio. Ela recuou, dor e surpresa contorcendo seu rosto.

Avancei então e coloquei meu próprio braço em seu ombro, falando com ele suavemente.

— Seu pai foi um homem corajoso, Will, e seus feitos sempre serão lembrados. Você precisa ser forte. Eventualmente governará este lugar.

O menino se afastou de mim e pude ver a raiva voltar ao seu rosto.

— Queria nunca ter trazido você aqui! — gritou. — Você fez meu pai morrer!

— Gostaria que isso nunca tivesse acontecido — disse gentilmente a ele. — Mas não podemos mudar o passado.

Virei e chamei Thorne para sairmos do salão, de volta ao nosso quarto. No corredor encontramos o padre, escoltado por dois soldados. Sem dúvida tinha sido chamado para rezar por Sir Gilbert. Encarou-me com grande ódio ao passar, mas mal olhei para ele.

De volta ao nosso quarto, expliquei a nova situação para Thorne.

— Estamos em perigo — alertei —, e em breve é possível que tenhamos que lutar por nossas vidas contra aqueles que há poucos instantes eram nossos aliados.

— Will pareceu muito furioso. Achei que fôssemos amigos — confessou ela amargamente. — Acha que ele se voltará contra nós?

— Pouco importa o que ele gostaria de fazer, Thorne. Ele é menor de idade e, portanto, jovem demais para assumir o papel do pai. Não se lembra do que Sir Gilbert disse? Se morresse, o padre se tornaria guardião do menino até ele atingir a maioridade. O guardião governará o castelo. Então é hora de fugirmos antes que o refúgio se torne uma prisão da qual só sairemos mortos.

“E temos mais um motivo para irmos agora — prossegui. — Cegamos o kretch. Acredito que ele vá se curar, mas isso vai demorar. Então devemos ir agora para nos distanciarmos dele.”

— Mas para onde podemos ir? — insistiu Thorne; ela parecia quase desesperada. — Teremos que correr para sempre? Will foi o primeiro menino de quem já gostei. É difícil ir embora com raiva. Talvez eu devesse tentar falar com ele depois que se acalmar um pouco.

— Seria perda de tempo, Thorne. Não é seguro para nenhuma de nós duas ficar aqui mais um minuto. E uma vez em segurança fora deste castelo, é melhor nos separarmos — sugeri. — Nossos inimigos são muito numerosos e jamais vão desistir. Eventualmente vão me pegar e me matar. Mas por que você deveria morrer junto? O clã vai precisar de uma boa assassina para me substituir. E essa assassina será você, criança.

Thorne balançou a cabeça.

— Não, não vou deixá-la. Se você morrer, serei a guardiã da cabeça. Não era isso que queria?

Fiz que sim, percebendo que ela estava decidida. Preparei-me para recuperar o saco de couro, mas imediatamente senti perigo. O alerta veio tarde demais. A porta se abriu e quatro arqueiros, com as flechas preparadas, entraram. Atrás deles mais quatro soldados e o capelão, Padre Hewitt.

— Larguem as armas ou morram aqui! — comandou.

Ela era grande, tinha os ombros largos e a pele corada. Fisicamente, parecia mais um fazendeiro do que um padre, mas a batina que usava era nova, com botões prateados e brilhantes na frente, e seus sapatos eram feitos do melhor couro.

De repente houve flashes de luz nos cantos dos meus olhos, o aviso da fraqueza que estava por vir outra vez. Eu tinha que sair rápido do castelo.

— É assim que se fala com aliadas que acabaram de lutar ao seu lado? — perguntei.

— Sir Gilbert acabou de morrer, e agora quem comanda sou eu. Nenhuma aliança pode ser feita com feiticeiras. ~~Não tolero a vida de uma feiticeira!~~ — gritou ele.

— Então, se largarmos nossas armas, morreremos mais tarde? Que espécie de escolha é essa? Prefiro morrer aqui, e digo mais, nem todos vocês vão sobreviver. Eu sou Grimalkin, e já escolhi quem vou matar!

— Rendam-se agora — disse o padre, com a voz de repente mais suave e ponderada — e receberão um julgamento justo na Santa Igreja.

As luzes piscantes nos meus olhos cresciam em intensidade. Eu tinha que agir agora se quisesse escapar.

— Já ouvi falar nestes “julgamentos justos” — desdenhei. — O que farão? Esmagarão nossos corpos com pedras ou nos afogarão no lago mais próximo? Esta é a minha resposta!

Com isso, saquei duas lâminas e as apontei para o padre. Mas ele apenas sorriu sombriamente e pareceu confiante.

E disse apenas uma palavra: — Atirar!

Os quatro arqueiros miraram em nós e soltaram as flechas.

CAPÍTULO

17

TRAZ GRANDE DESONRA



Minha velocidade em combate não é magia negra; é a magia do meu ser, a magia de quem sou.

Eu sou Grimalkin!

Uma feiticeira assassina deve ser rápida. E eu sou veloz. Mas será o suficiente contra arqueiros mestres em um espaço tão pequeno? E Thorne, que ainda está a alguns anos de atingir força total?

Todos estes pensamentos fúteis correm pela minha mente enquanto meus membros agem por instinto.

Treinei meu corpo para ser uma arma: cada sinapse, músculo e osso é coordenado; em uma situação como esta, não é necessário que o cérebro dê o comando.

O pensamento é lento demais.

Estou mergulhando para a frente, embarcando em uma onda. Paro meu coração. Ergo a lâmina na minha mão esquerda e com ela desvio uma flecha. O tempo parece correr muito lentamente. Penso em Tom Ward, que tem o poder de desacelerar o tempo, e rio! Uma feiticeira assassina também pode fazer isso — mas de outro jeito. Uma assassina se move tão depressa que parece que os movimentos alheios são mais lentos.

Não é magia negra. É a magia do meu ser; a magia de quem sou; a magia do quanto treinei. Eu sou Grimalkin!

Existo no “agora” e distribuo morte.

Desvio outra flecha e olho para a direita. As ações de Thorne refletem as minhas. Nós nos dividimos, convergimos e dividimos novamente, como água correndo sobre pedras

afiadas. Eu a treinei bem e não poderia querer uma aluna melhor. Quando eu morrer, ela vai me substituir. Nenhuma Malkin será capaz de vencê-la em combate.

Agora estou entre meus inimigos e começo a cortá-los. Um arqueiro grita e morre. Preciso me esquecer de que lutei ao lado destes homens há tão pouco tempo. Estamos próximos demais agora e eles não podem usar os arcos. A situação mudou. É a vida deles ou a nossa. Eles também sabem disso. Assim é o combate. Temos que matar ou morrer. Então eu mato. Mato, e mato de novo, e os gritos dos que morrem parecem muito distantes.

Permito que meu coração bata uma vez; sangue corre em minhas artérias.

Giro, corto, e giro e corto novamente. Sangue inimigo esguicha por todos os lados; em poucos segundos alcançarei o padre. Uma vez que passarmos pelo corpo dele, correremos para o portão. É possível. Podemos vencer. Podemos escapar.

Mas então, cedo demais, minha respiração falha e sinto uma dor súbita no peito. A fraqueza logo me faz cair de joelhos. É o veneno do kretch. Tento combatê-lo, mas tudo fica escuro.

Será a morte?

Meu último pensamento é Thorne. Ela é tão jovem, e agora vai morrer também. Sinto um instante de arrependimento por tê-la trazido ao perigo. Então a escuridão retorna e me esqueço de tudo.

Mas não morri ali. Acordei com gosto de sangue na boca, amarrada em um local escuro.

Algemas de ferro prendiam minhas mãos; o metal era doloroso e eu podia senti-lo queimando minha pele. Eu estava deitada com as costas contra uma parede úmida. Rolei para a esquerda, mas meia-volta me fez parar. Havia outra corrente se esticando dos meus pés até um anel de ferro no chão de pedra.

Consegui sentar e apoiar as costas na parede. Estava muito escuro, mas com meus olhos de feiticeira eu conseguia enxergar até os cantos mais sombrios daquela masmorra. Fedia a morte. Ao longo dos anos uma dúzia ou mais morreram ali. Sir Gilbert parecia bondoso, mas claramente havia feito prisioneiros, alguns dos quais terminaram seus dias nesta prisão subterrânea. Fiquei imaginando quais teriam sido seus crimes.

Pouco importava. Meu crime era ser feiticeira. Nas mãos de um padre eu não podia esperar nada além de dor e morte. A profetisa um dia previu minha morte, mas na visão dela eu morria em combate, com uma faca na mão, e não acorrentada e desamparada. Só que profetisas nem sempre são completamente precisas — há sempre a possibilidade de erro.

Tentei me consolar pelo menos com o pensamento de que não encontrariam a cabeça do Maligno. Estava muito bem escondida. Apenas praticantes de magia negra muito poderosa poderiam descobrir sua localização, mas para isso teriam que entrar no castelo primeiro. Conforme o cavaleiro me havia dito, este lugar podia suportar semanas de sítio. Cada dia que a cabeça fosse mantida longe das mãos inimigas significava mais tempo para Tom Ward encontrar uma forma de acabar com o Maligno para sempre.

A fraqueza parecia ter passado, mas pouco importava agora. Presa por correntes de ferro, eu tinha poucas chances de escapar. Ainda estava com minhas alças de couro, mas as bainhas estavam vazias; minhas armas tinham sido levadas. Contudo, ainda me restava uma arma — e o restinho da minha magia. Estava guardando-as como último recurso. O momento de utilizá-las deveria ser escolhido com extremo cuidado. Depois disso não adiantaria nada.

Foi então que ouvi o primeiro grito, fino e agudo, pairando pelo ar: um grito feminino — o grito de alguém sofrendo uma dor insuportável.

Aconteceu de novo, e todos os cabelos da minha nuca se arrepiaram de pavor. Alguém estava sob tortura.

Seria Thorne?

Um segundo mais tarde meu coração afundou quando ouvi a confirmação de que sim.

— Por favor! Por favor! — implorou. — Não faça isso, tudo menos isso!

Thorne era corajosa e destemida. Que espécie de tortura poderia fazê-la implorar assim, com a voz tão aguda e trêmula?

Eu não podia ficar quieta e deixá-la sofrendo assim, mas primeiro eu precisava averiguar exatamente qual era a situação. E eu tinha como fazer isso sem utilizar muito do meu poder armazenado que ainda restava. Utilizaria magia xamanística e projetaria minha alma para fora do corpo mais uma vez.

Entoiei as palavras necessárias, acertando a cadência, e me concentrei no exercício da minha vontade. Por um segundo tudo se tornou escuro, e logo depois eu estava flutuando sobre o meu corpo acorrentado, em um mundo no qual tudo se apresentava em tons de verde. Olhei para baixo, para mim mesma, para os olhos fechados e a respiração profunda e firme, em seguida flutuei para a porta da masmorra; meu espírito atravessou-a.

Emergi no corredor além e foi fácil encontrar o local onde Thorne estava sendo torturada. Era a próxima cela à esquerda. A porta estava escancarada, e um guarda, cujo corpo brilhava em verde de tanta força vital, encontrava-se do lado de fora, com as costas para a parede. Uma vez lá dentro, assimilei a situação com uma olhada.

Thorne estava deitada sobre as costas, presa a uma mesa de metal com cordas grossas. Havia sangue em seus ombros e braços nus. Um homem corpulento estava sobre ela, sem camisa, com o tórax peludo e a pele brilhando de suor. Na mão direita ele segurava um furador — espetando a ponta fina e longa várias vezes no corpo de Thorne. Estavam tentando encontrar o local onde ela supostamente fora tocada pelo Maligno; o ponto em que não sentiria dor; o ponto que provava que ela era uma feiticeira.

Tudo isso era completamente desnecessário: claramente éramos feiticeiras; não negávamos. Mas o padre pairava por perto, com um sorriso em seus lábios finos. Estava gostando daquilo.

E então entendi o que fez Thorne gritar e implorar daquele jeito. Não tinha nada a ver com o trabalho do furador em seu corpo; nada a ver com a extrema dor que devia

estar sentindo. Não — o que lhe causara tanto pavor foi o objeto que o padre estava segurando.

Um par de tesouras que pertencia a mim; aquela que eu utilizava para cortar os ossos dos polegares de meus inimigos mortos. O resto das minhas armas estava alinhado em uma fileira sobre uma pequena mesa de madeira no canto da sala. Mas o padre deveria saber alguma coisa sobre feiticeiras, porque escolhera justamente as tesouras.

Fervidos em um caldeirão junto com os rituais corretos, os ossos de polegares trazem poderes mágicos sombrios a quem os possui. Mas perder os ossos dos polegares é uma das piores coisas que pode acontecer a uma feiteira. Traz grande desonra: tudo que se conquistou ao longo da vida instantaneamente se torna nulo e vazio. E tal destino é ainda mais cruel para uma feiteira assassina. Após ser exaltada, temida e respeitada por seu clã, ela imediatamente se torna um mero objeto de zombaria e ridicularização.

Apesar de ser possível para uma feiteira continuar vivendo sem os ossos dos polegares, a maioria morre de choque após o procedimento de retirada. E mesmo que eles sejam removidos após a morte, pode haver consequências. Acredita-se que uma feiteira ferida assim não pode renascer; não pode voltar para caminhar na terra mais uma vez. Deve permanecer nas trevas por toda a eternidade.

Não fora à toa que Thorne gritara em desespero com tal ameaça. Para ela a pior coisa seria a vergonha e a perda do respeito. Ela não pretendia apenas se tornar a maior feiteira assassina Malkin de todos os tempos; ela queria que sua reputação permanecesse após sua morte. E com dois cortes daquela tesoura o padre ameaçava tirar tudo isso dela.

Rapidamente assimilei a situação, notando os outros dois guardas na parede oposta. Então havia quatro homens com os quais lidar na sala e um no corredor.

Voltei depressa, mergulhando meu espírito de volta ao corpo o mais rápido possível. Abri os olhos e comecei a utilizar o resto dos meus recursos mágicos, girando o pescoço e esticando a língua o máximo possível. Curvei-a ao redor do colar e manipulei o último osso potente para a boca. Em seguida suguei, extraindo lentamente o restante do poder armazenado. Feito isso, soltei e me concentrei muito, focando no guarda solitário do lado de fora da cela.

Meus restos de magia certamente não eram fortes o bastante para fazer com que ele entrasse na minha cela e me livrasse das correntes. Mas eu podia trazê-lo a mim de outra forma — colocando um elemento de dúvida em sua mente. Sua obrigação era guardar a passagem, bloqueando a entrada para a cela de tortura, ao mesmo tempo em que garantia que eu estava seguramente confinada. Utilizei um feitiço simples que o deixou ansioso em relação a mim.

Segundos depois ele inseriu uma chave na fechadura, girou, abriu a porta, e entrou na minha cela. Deu dois passos para a frente e me encarou de maneira intensa. Prendi a respiração. O que eu estava prestes a tentar era difícil e eu só teria uma chance.

Meu siso inferior esquerdo é oco. Eu mesma fiz o buraco fino e profundo com uma ferramenta que fabriquei especificamente com esse objetivo. Aquele dente contém uma agulha fina coberta por um veneno que ataca de acordo com a vontade da pessoa,

tornando-a maleável o suficiente para obedecer aos comandos de outra. É um veneno ao qual desenvolvi imunidade ao longo dos anos, tomando doses muito pequenas e aumentando-as progressivamente; por isso posso armazenar uma agulha envenenada sem sofrer efeitos adversos.

Tirei a tampa falsa do dente com a ponta da língua e suguei a agulha para fora da cavidade. Um segundo mais tarde ela estava posicionada entre meus lábios. Já tinha treinado essa manobra muitas vezes, mas a agulha era pequena e o guarda ainda estava um pouco distante de mim: o sucesso estava longe de ser garantido.

No último segundo ele começou a virar as costas. Algum instinto de preservação deve tê-lo feito sentir o perigo. Mas foi tarde demais. Cuspi a agulha em direção a ele com grande força e ela se enterrou na lateral do seu pescoço, logo abaixo da orelha direita. Cambaleando e quase caindo, um olhar de espanto se fixou em seu rosto.

— Olhe para mim — ordenei. — Ouça o que digo e obedeça cada palavra sem questionar!

O guarda me encarou. O veneno já tinha produzido efeito. Ele respirava ruidosamente e com a boca aberta, sua saliva pingando da boca para o queixo.

— Solte-me destas correntes! — ordenei.

Ele veio e fez o que pedi, mas o veneno desacelerava seus movimentos, e ele se atropalhou com as chaves. A qualquer instante o padre retiraria os ossos dos polegares de Thorne. Mas eu precisava me manter calma e ser paciente, aguardar pela soltura.

Por fim, ele me libertou. Peguei as armas do guarda — duas adagas e um pesado cassetete. Poderia tê-lo matado ali, mas não havia necessidade. Em vez disso mandei que deitasse e caísse no sono. Antes de eu deixar a cela, ele já estava roncando.

Atravesei então o corredor nas pontas dos pés, torcendo muito para não ouvir Thorne gritar. Assim que apareci na entrada da cela, ataquei. O padre estava agarrando a mão esquerda de Thorne, com a tesoura aberta, enquanto se preparava para cortar o primeiro dedo.

Mais rápido do que pensei, lancei a adaga da minha mão esquerda. Minhas próprias armas, particularmente minhas lâminas de arremesso, são perfeitas para este objetivo, pois são cuidadosamente equilibradas e calibradas. E também treino com frequência com elas. Mas esta era uma arma estranha, feita para combate mano a mano — não para arremessos. Então não me arrisquei.

Normalmente eu teria mirado a garganta ou o olho; qualquer das opções teria matado o padre quase imediatamente. Porém preferi enterrar minha lâmina profundamente em seu ombro; era um alvo fácil e o fez derrubar a tesoura. Além disso, eu tinha outros planos para o homem; sempre poderia matá-lo mais tarde se necessário fosse.

Com a outra lâmina e o cassetete, ataquei os dois guardas. Não pensei; meu corpo simplesmente agiu, guiado por meus longos anos de treinamento, enquanto minha mente vibrava com o êxtase do combate. Minha velocidade era tanta que o primeiro morreu antes de poder gritar; o segundo provavelmente sobreviveu, mas o golpe em

sua cabeça o apagou. Isso tudo não durou nem dois segundos. Ainda tinha o torturador corpulento, que continuava com o furador usado para torturar Thorne. Tentou me golpear com ele, mas desviei com o cassetete e o matei enfiando a adaga sob as costelas, no coração.

O padre agora estava de joelhos, gemendo de dor. Joguei o cassetete de lado e, quando puxei a lâmina da carne dele, ele gritou; usei a faca para cortar as cordas que atavam Thorne à mesa. O berro do padre não me alarmou; foi agudo e alto, poderia muito bem ter sido o grito de uma menina sendo torturada. Não faria ninguém vir investigar.

Tínhamos que sair do castelo, e eu pretendia utilizar o padre como refém. As principais barreiras para a nossa fuga eram os arqueiros remanescentes. Poderiam nos matar de longe.

— Você está a salvo — falei para Thorne, ajudando-a a sair da mesa. — Sei que está machucada e que passou por uma experiência que poderia ter acabado com a sanidade de uma feiticeira forte. Mas é importante que se recomponha e se prepare para o perigo. Está pronta, ou precisa de mais algum tempo para se recuperar?

— Estou pronta — respondeu Thorne, exibindo um sorriso corajoso, apesar de voz um pouco falha. Senti orgulho dela naquele momento; a garota tinha se tornado mais do que eu imaginava.

— Então, em primeiro lugar, temos que recuperar a cabeça do Maligno.

Após guardar minhas lâminas e minha tesoura nas respectivas capas, cortei uma tira da bainha da batina do padre e a utilizei para amordaçá-lo. Enquanto o arrastava dali, ele não fez qualquer esforço para resistir; parecia apavorado. Chegamos aos nossos aposentos sem incidentes, e logo o saco de couro estava seguro sobre meu ombro mais uma vez.

Empurrando o padre na nossa frente, chegamos ao jardim do castelo. Estava escuro lá fora, com nuvens pesadas, e ainda faltavam três horas para o amanhecer. Isso dificultaria a vida dos arqueiros.

Havia um soldado de guarda, de costas para a grade. Ele segurava uma tocha enquanto nos aproximamos. Iluminou a figura do padre primeiro, e eu vi a expressão de deferência e obediência no rosto dele mudar para incredulidade e medo ao ver o padre apavorado com a manga da batina ensopada de sangue.

Segurei uma lâmina sobre a garganta do padre.

— Estamos de saída. Prepare nosso caminho ou ele morre!

Com as mãos trêmulas, o soldado começou a abrir a grade, girando a manivela. Os estalos e batidas das correntes soaram muito alto na escuridão. Isso chamaria atenção. Outros ficariam imaginando por que alguém estaria entrando ou saindo do castelo a essa hora.

Uma voz gritou das ameias: — Quem está aí? Mostre-se!

Aproximamo-nos da parede e nos encolhemos nas sombras. A grade se levantava lentamente. Ao menos estava aberta o bastante para desviarmos por baixo.

— Basta! Agora abra essa porta! Depressa! — ordenei, segurando o padre pelo cabelo e pressionando a lâmina contra sua garganta.

O soldado apavorado se apressou em obedecer. Destrancou a porta rapidamente e puxou-a para dentro até que estivesse escancarada, revelando a grade externa e a ponte levadiça além. Ele não esperou que eu mandasse abrir a segunda, e a grade se abriu mais depressa desta vez.

Mas agora eu podia ouvir gritos distantes de comando e passos correndo em nossa direção pela escuridão do jardim. Não fomos para a entrada, temendo ser alvejadas pela lateral, como fizeram quando entramos aqui. Preparamo-nos para o ataque e eu os focalizei com meus olhos afiados. Não eram arqueiros; apenas três homens armados com lanças.

— São todos seus, Thorne! — sibilei. Eu sabia que, após passar por dor e tortura, voltar a agir o mais rápido possível seria bom para ela.

— Os três?

— Sim, mas seja rápida!

Thorne girou para encontrá-los exatamente como eu ensinei. Ela foi veloz; suas habilidades de combate eram quase perfeitas. Ela tinha treinado muito, mas certas coisas não podiam ser ensinadas; Thorne tinha nascido com o dom. Muito habilmente ela evitou as lanças que se precipitaram da direção dos guardas enquanto as lâminas dela brilhavam, acabando com os três em questão de segundos.

Pude ver que em dois anos Thorne seria igual a mim.

E depois disso?

Eventualmente ela seria capaz de me derrotar, assim como fiz com Kernolde. Este pensamento me trazia alegria, não medo. Eu não desejaria continuar vivendo quando meus poderes começassem a declinar. Era bom saber que eu teria uma sucessora digna.

O soldado estava abaixando a ponte agora, mas outros passos corriam para nós através da escuridão. Desta vez não ordenei que Thorne atacasse. Um dos que se aproximava era menor do que o resto. Era Will, o filho do cavaleiro morto.

O grupo parou a mais ou menos vinte passos de nós — cinco homens; os dois que ladeavam o menino eram os dois arqueiros mestres restantes.

— Soltem o Padre Hewitt! — gritou Will. — É pecado ferir um padre!

— Ordene que seus homens abaixem as armas e eu permitirei que ele viva — respondi suavemente. — Se recusar, matarei este padre infeliz e você será o responsável.

— Vocês provocaram a morte do meu pai! — respondeu Will, histérico. — Agora vocês também morrerão!

Ele pôs as mãos nos ombros dos arqueiros que o cercavam.

— Mirem baixo! — berrou. — Elas vão tentar desviar para baixo das flechas!

Os arqueiros ergueram os arcos e atiraram.

CAPÍTULO

18

VOCÊ É SÓ UMA MENINA



*Escolhi gerar o filho do Maligno para me livrar dele para sempre; e, uma vez que decidi seguir este caminho, nada poderia ter me contido.
Minha intenção é destruí-lo.
Nada irá me conter agora!*

Mais depressa que o voo da flecha, puxei o padre para a minha frente, fazendo-o ajoelhar, como um escudo. Eles atiraram baixo, conforme instruídos, e uma flecha se enterrou em seu peito. O padre soltou um gemido de dor e caiu, morto, no chão. Olhei para a esquerda e vi que Thorne tinha desviado a outra flecha com a lâmina.

Antes que os arqueiros pudessem pegar mais setas em suas aljavas, nossas adagas de arremesso já tinham atingido o olho esquerdo de cada um, e os arcos caíram de seus dedos mortos conforme eles sucumbiam aos pés do menino.

Ele deu um passo para trás, o terror tomando conta de suas feições. Mas o que ganharíamos se o matássemos? Ele era apenas uma criança cujo mundo tinha sido virado de cabeça para baixo. Pude ler diversas emoções no rosto de Thorne. Havia fúria e indignação em relação a Will, que tentara nos matar, mas também tristeza e arrependimento. Eu sabia que ela se sentia traída.

— O padre está morto, Will — falei com um sorriso triste. — Seu guardião foi aposentado de suas obrigações. Você é o encarregado agora. Governe com sabedoria e governe bem!

Will olhou para Thorne e tentou falar, mas a ponte levadiça já estava quase abaixada agora e não podíamos esperar. Com Thorne logo atrás, corri pelo adivo escorregadio de

madeira e saltei sobre o buraco estreito para aterrissar na terra macia à beira do fosso. Flechas assobiaram das ameias em nossa direção, mas corríamos depressa, de um lado para outro, e estes arqueiros não dominavam a própria arte. Em poucos segundos, estávamos perdidas na segurança da escuridão.

O verdadeiro perigo agora se encontrava em algum lugar à frente. Será que o kretch já tinha se regenerado? Será que o mago e as feiticeiras sabiam que tínhamos deixado o castelo?

A resposta à primeira pergunta era incerta, mas era provável que espíãs estivessem de olho. Teriam ouvido os gritos e visto a ponte levadiça descendo. Neste exato momento estariam alertando as irmãs.

Então corremos muito em uma direção que era mais ou menos leste, para o sol nascente. Eu pensava desesperadamente: *onde podem ir? Que obrigações nos resta?*

Minha mente girou primeiro para um lado, depois para o outro, procurando o que não existia. Era verdade que havia um lugar que poderíamos utilizar em nosso favor, apesar da possibilidade de encontrarmos mais inimigos do que aliados lá. Mudei a direção e acelerei.

— O Vale das Feiticeiras é logo à frente! — disse Thorne, correndo ao meu lado.

— Sim. É para lá que vamos, criança. Pode ser um bom lugar para ficarmos e lutarmos.

Em pouco tempo a Colina Pendle dominou a paisagem. Tinha a forma de uma baleia gigante — o grande mamífero marinho que vi em uma de minhas jornadas pelo grande mar do norte além das fronteiras do Condado.

Descansamos um pouco em um bosque, confiantes de termos nos distanciado bastante de nossos perseguidores. Não nos aproximávamos do Vale das Feiticeiras até o anoitecer.

Virei-me para Thorne.

— Como está se sentindo, criança? — perguntei. Fiquei imaginando se suas experiências na masmorra poderiam afetar sua capacidade de combate.

— Sentindo? — disparou ela. — Sentindo em relação a que, ao menino?

— Sim, ao menino, e também ao abuso físico que sofreu.

— O menino não é nada para mim agora. Todos os homens são idiotas desse jeito?

— Nem todos os homens são idiotas, só que há muitos deles por aí para mulheres que os querem. Mas não pense tão mal do Will. Ele perdeu o pai, e foi o acordo feito conosco que desencadeou os eventos que levaram à morte dele. Esqueça isso agora. Ele faz parte do passado e, de qualquer jeito, nunca poderia ter feito parte da sua vida. Você é uma feiticeira e logo se tornará uma assassina. Ele será um cavaleiro. Vocês pertencem a mundos diferentes.

— Sim, vou tentar esquecê-lo. Deixá-lo fora da minha mente.

Thorne caiu em silêncio. Então, após algum tempo, falei outra vez: — E a tortura? — perguntei.

— No começo a dor de ser espetada com o furador foi horrível — respondeu Thorne —, mas depois minha sensibilidade diminuiu e consegui enfrentá-la melhor. O padre percebeu, então ameaçou tirar meus ossos dos polegares. Ele estava se deliciando com meu medo e realmente pretendia cortá-los comigo viva. Vi nos olhos dele. Foi insuportável. Nunca senti tanto pavor e desespero. Tudo que fui e que poderia ser teria sido tirado de mim. Eu não seria nada, uma criatura vergonhosa a ser ridicularizada para sempre.

— Bem, mas não aconteceu, criança. Você foi corajosa e suportou bem a dor. O padre está morto e você está viva para lutar um novo dia. Nós vamos destruir nossos inimigos e prevalecer.

— Estaremos seguras no vale? Encontraremos aliados lá?

— Nenhum lugar nesta terra é seguro para nós agora, criança. Mas tudo depende de quem encontrarmos primeiro. Algumas das mortas podem ter boa vontade conosco; a maioria só vai querer o nosso sangue. Mas vão proteger o próprio território. Se conseguirmos chegar ao coração do vale, elas o defenderão da ameaça maior daqueles que nos perseguem.

— O Vale das Feiticeiras é o lugar onde você combateu Kernolde e se tornou a feiticeira assassina, não é?

— É sim, criança. Anos se passaram, mas parece que foi ontem.

— Conte como foi — pediu Thorne.

— Você conhece bem a história. Já ouviu da minha boca mais de uma vez.

Ouvi o vento assobiando pelas árvores e chequei nossos arredores para ver se havia perigo. Estava tudo limpo. Nossos inimigos ainda estavam longe.

— Então, por favor, conte mais uma vez. Histórias mudam um pouco a cada novo relato. Um bom contador de histórias se lembra de coisas novas e se esquece do que é menos importante.

Suspirei e, em seguida, comecei meu conto. Por que não? Seria uma distração para nós duas enquanto o perigo que nos aguardava ainda estava para trás.

— O desafio sempre ocorreu ao norte das três vilas dos Malkin, dos Deane e dos Mouldheel; o local normalmente é escolhido pela assassina em exercício.

“Kernolde escolheu o Vale das Feiticeiras como seu território de morte, onde frequentemente utilizava estas coisas mortas como aliadas, a única feiticeira que já conseguiu fazer isso com sucesso. Mais de uma candidata teve o sangue drenado pelas mortas antes de Kernolde retirar seus ossos dos polegares como prova da vitória.

— Isso não é trapaça, utilizar feiticeiras mortas para ajudar? — indagou Thorne.

— Alguns acham que sim, mas ela era a assassina Malkin havia muito tempo. Era temida. Quem ousaria questioná-la?

— Ouvi dizer que algumas das feiticeiras mortas são muito fortes e conseguem percorrer quilômetros procurando presas. Quantas assim existem no momento? — quis saber.

— Até o outono existiam cinco, mas como você já sabe nem feiticeiras mortas sobrevivem para sempre. Gradualmente elas enfraquecem e partes dos corpos entram em decomposição e começam a cair. Soube através de Agnes que o inverno foi violento; agora só existem três muito fortes.

— De que lado elas ficarão? Do seu ou dos nossos inimigos?

— Isso é incerto, criança. Mas, se ao menos duas lutarem conosco, o equilíbrio do poder estará em nosso favor.

Thorne fez que sim com a cabeça, mergulhada em pensamentos.

— Conte mais sobre Kernolde — pediu.

— Kernolde constantemente se provava vitoriosa sem os aliados mortos. Era habilidosa com lâminas, cordas, armadilhas e lanças cheias de espetos, mas sua especialidade era o estrangulamento. Uma vez que derrotava suas rivais, invariavelmente as estrangulava. Ela gostava de impor essa morte lenta aos que venciam.

“Eu sabia disso muito antes do meu desafio começar: tinha pensado muito a respeito e visitado o vale muitas vezes nos meses anteriores. Normalmente ia lá durante o dia, quando as feiticeiras mortas estavam adormecidas e Kernolde estava caçando presas. Já tinha farejado cada centímetro do bosque; conhecia cada árvore, cada folha de grama; a localização de cada armadilha. E havia muitas. Alguns dos que combatiam Kernolde morriam antes mesmo de chegar até ela.

“Então eu estava pronta: estava fora do vale, à sombra das árvores logo antes da meia-noite, a hora marcada para o início do combate. À minha esquerda, no alto, erguia-se a grande massa da Colina Pendle, as curvas ao leste banhadas com a luz da lua cheia, que tinha subido alto ao sul. Em poucos momentos, um farol iluminou seu cume; faíscas lançadas ao ar para indicar o início do meu desafio.

“Imediatamente fiz o que nenhuma desafiante jamais havia feito. A maioria se esgueirava ao vale com medo, nervosa, apavorada com o que iam encarar. Outras eram mais corajosas, mas mesmo assim entravam com cuidado. Eu era diferente. Anunciei minha presença em alto e bom som”.

— Deixe que eu diga para você, Grimalkin. Por favor! — interrompeu Thorne.

Fiz que sim com a cabeça, e Thorne se levantou, fazendo uma cara séria, e usou as palavras que eu dissera tantos anos antes: — “Estou aqui, Kernolde! Meu nome é Grimalkin e eu sou a sua morte!” — gritou a plenos pulmões. — “Estou indo a você, Kernolde! Estou indo a você! E não existe nada, vivo ou morto, que possa me conter!”

Ela se sentou e nós duas rimos por um tempo.

— Falou sério? — perguntou-me. — Realmente acreditava nas próprias palavras?

— Até certo ponto, sim. Não era só bravata, apesar de ter sido um pouquinho. Meu comportamento foi resultado de muita reflexão e muitos cálculos. Eu sabia que meus gritos trariam as feiticeiras mortas em minha direção, e era isso que eu queria. Agora eu saberia onde estavam. É sempre importante espiar os locais de quaisquer perigos que nos aguardem.

“A maioria das feiticeiras mortas é lenta, e eu sabia que seria mais rápida do que elas. Eram as poderosas que eu tinha que temer. Uma delas se chamava Gertrude, a Cruel, por causa de sua aparência intimidadora e repulsiva, e ela era forte e rápida para uma feiticeira morta havia mais de um século. Ela vagava muito além do vale, à procura de sangue. Mas naquela noite estaria ali, pois era a cúmplice mais forte de Kernolde, muito bem-recompensada em sangue por sua ajuda.

“Esperei por cerca de quinze minutos, o bastante para permitir que a feiticeira mais lenta chegasse perto de mim. Eu já tinha farejado a velha Gertrude. Ela estava perto da beira do vale fazia um tempo, mas optou por não se aventurar pela clareira; tinha se locomovido entre as árvores para que suas irmãs mais lentas pudessem me intimidar primeiro. Pude ouvir o ruído das folhas e estalos ocasionais dos gravetos. Elas não são velozes, mas jamais subestime uma feiticeira morta. Elas têm muita força e, depois que a agarram, não é fácil se livrar delas. Logo começam a sugar seu sangue, até você enfraquecer e não conseguir mais lutar. Algumas estavam no chão, escondendo-se entre as folhas mortas e a lama, prontas para esticarem o braço e agarrarem meu calcanhar enquanto eu corria.

“Corri para as árvores. Já tinha farejado Kernolde e ela estava exatamente onde eu esperava, aguardando sob os galhos do mais velho carvalho do vale. Esta era a árvore dela; a árvore onde armazenava toda a sua magia; seu local de poder.”

Eu gostava de contar as histórias para Thorne e, conseqüentemente, de reviver minha luta para me tornar a feiticeira assassina. Ganhei muitas batalhas desde então, mas aquela primeira vitória me trouxe meu maior prazer, porque foi ali que Grimalkin de fato começou.

— Uma mão saiu das folhas para me alcançar. Sem perder o ritmo, peguei uma adaga da bainha na minha coxa esquerda e prendi a bruxa morta à raiz nodosa de uma árvore. E aqui vai um bom conselho para você, Thorne. Nunca prenda uma feiticeira pela palma da mão, ela pode simplesmente se livrar. Sempre enfie a lâmina no pulso e não na palma. Foi isso o que eu fiz.

“Outra feiticeira correu da direita em minha direção, seu rosto horroroso iluminado por um raio de luz da lua. Rios de saliva pingavam por seu queixo e caíam nos trapos que vestia, cobertos por manchas escuras. Ela me xingou, doída pelo meu sangue. Mas em vez disso recebeu minha lâmina, que retirei da bainha no meu ombro direito e arremessei contra ela. A ponta a atingiu na garganta e a jogou para trás. Corri ainda mais rápido.

“Mais quatro vezes as minhas lâminas acertaram carnes mortas, e a essa altura as outras feiticeiras tinham ficado para trás; tanto a lenta quanto as outras que atingi. Mas Kernolde e a poderosa ainda estavam por vir. Eu usei oito bainhas naquele dia; cada uma continha uma lâmina. Agora só restavam duas.

“Saltei sobre uma armadilha escondida; depois sobre outra. Apesar de cobertas por folhas e lama, eu sabia que estavam ali. Finalmente Gertrude, a Cruel, bloqueou o meu caminho. Parei e esperei o ataque. Deixei que viesse até mim! Seus cabelos emaranhados

caíam sobre os joelhos. Ela era de fato cruel e tinha um nome apropriado! Uma minhoca se contorceu e caiu da sua narina esquerda. Larvas e besouros andavam sobre a fina cortina que cobria todo o seu rosto, exceto por um olho maléfico; isso e um velho dente, preto e longo, que subia do lábio inferior e quase alcançava a narina esquerda.

“Ela correu para mim, chutando folhas, com as mãos esticadas para agarrar meu rosto ou me sufocar. Ela era veloz para uma feiticeira morta; muito veloz. Mas não o bastante. Com a mão esquerda, saquei a maior das minhas adagas do meu quadril. Como você sabe, essa faca não foi feita para arremessos; parece mais um espadim, com pontas afiadas. Então dei um pulo, encontrei Gertrude e, com um golpe, cortei sua cabeça.

“A cabeça dela bateu em uma raiz e rolou para longe. Continuei correndo, olhando para trás para vê-la procurando entre a pilha de folhas apodrecidas onde tinha ido parar.”

— Gertrude ainda está no vale? — interrompeu Thorne.

— É pouco vista agora — respondi. — Está falhando, a mente caducando mais rápido que o corpo. Sem dúvida eu acelerei sua derrocada. Mas voltando à história... Uma vez que Gertrude foi tirada do caminho, eu estava pronta para encarar Kernolde. Ela estava esperando sob a árvore; cordas penduradas nos galhos, prontas para me amarrar e prender meu corpo. Ela esfregava as costas no tronco, extraíndo força para a luta. Mas eu não tive medo; para mim, ela era como uma velha urso coçando pulgas, não a feiticeira assassina temida por todos. Correndo a toda velocidade em direção a ela, peguei minha última adaga e lancei em sua garganta. A faca girou, minha mira foi precisa, mas ela a desviou com um golpe desdenhoso de punho. Inabalada, acelerei e me preparei para usar a lâmina longa. Mas então o chão se abriu sob meus pés, meu coração saltou e eu caí em um buraco oculto.

“Eu me lembro da sensação de choque naquele instante. Estava tão confiante, mas enquanto caía percebi que tinha subestimado minha adversária. Uma rápida vitória tinha sido roubada de mim — porém, eu era insistente e estava determinada a sobreviver e continuar lutando.

“A lua estava alta e, enquanto caía, vi os espetos afiados esperando para me matar. Girei desesperadamente, tentando evitá-los, mas era impossível. Tudo que pude fazer foi me contorcer, de modo que meu corpo sofresse o mínimo possível.

“O mínimo, eu disse? O espeto me machucou bastante. Muito. Furou minha coxa e tenho a cicatriz até hoje. Deslizei sobre seu comprimento até atingir o chão com força e todo o ar me deixar. A lâmina voou da minha mão e caiu longe do meu alcance. Fiquei caída, agonizando, lutando para respirar e controlar a dor horrível na minha perna. Os espetos eram afiados, finos e muito longos, mais de um metro e oitenta, então eu não tinha como levantar a perna e me soltar. Xinguei a mim mesma. Achei que estava segura, mas Kernolde tinha cavado outra armadilha, provavelmente na noite anterior. Sem dúvida sabia das minhas incursões pelo vale e esperara até o último momento para acrescentar esta armadilha extra.

“Uma feiticeira assassina deve se adaptar constantemente e aprender com seus erros. Enquanto estava ali caída, encarando a morte iminente, reconheci minha burrice. Fui confiante demais. Se eu sobrevivesse, jurei que controlaria minha atitude com mais cuidado.

“A cara grande de lua da Kernolde apareceu acima de mim, e ela olhou para baixo sem falar uma palavra. Eu era rápida e muito habilidosa com as lâminas. E também forte, mas não tão forte quanto Kernolde. Não era à toa que alguns a chamavam de Kernolde, a Estranguladora. Como lhe disse, quando vencia, ela normalmente pendurava suas vítimas pelos polegares antes de asfixiá-las lentamente. Mas não desta vez. Ela viu o que eu já tinha conquistado e não se arriscaria. Eu morreria ali mesmo.

“Ela começou a descer pelo buraco, preparando-se para colocar as mãos no meu pescoço e me enforcar até me tirar o fôlego e a vida. Eu estava calma e pronta para morrer, se necessário fosse, mas já tinha pensado em algo. Tinha uma pequena chance de sobreviver.

“Quando Kernolde chegou ao fundo do buraco e começou a abrir caminho em minha direção através dos espetos, flexionando suas mãos grandes e musculosas, eu me preparei para lidar com a dor; não a dor que ela me causaria, mas a dor que eu mesma escolhi. Minhas mãos, braços e ombros eram muito fortes. Os espetos eram finos, porém resistentes; flexíveis, mas não frágeis. Mas eu precisava que tentar. Alcançando o que furou minha perna, comecei a dobrá-lo. Para frente e para trás, para frente e para trás, dobrei e girei o espeto, cada movimento machucando a minha perna e meu corpo. Mas cerrei os dentes e manipulei o espeto com ainda mais força, até ele finalmente ceder e quebrar, soltando em minhas mãos.

“Rapidamente levantei a perna para livrá-la do pedaço e me ajoelhei para encarar Kernolde, meu sangue correndo e molhando o solo do buraco da morte. Segurei o espeto como uma lança e o aponte para ela. Antes que suas mãos pudessem alcançar a minha garganta, eu furaria o seu coração.

“Ao ver que eu tinha me libertado e estava pronta para continuar lutando, Kernolde pareceu atônita, mas rapidamente se recuperou e me atacou de outra maneira. Ela tinha extraído boa parte de sua magia armazenada da árvore, então parou e se concentrou, lançando cacos de escuridão para cima de mim. Primeiro tentou o *Rexio*, e o temor tentou me dominar. Meus dentes começaram a bater, como os dos mortos no sábado de Halloween. A magia dela era forte; mas não o bastante. Preparei-me e afastei o feitiço. Logo os efeitos retrocederam e não me incomodaram mais do que o vento frio que soprava do gelo ártico quando matei os lobos e deixei seus corpos sangrando na neve.

“Em seguida, ela usou o feitiço de despertar os mortos, lançando contra mim os espíritos que havia prendido no Limbo. Eles se prenderam ao meu corpo, apoiando-se violentamente no meu braço para derrubá-lo, e precisei de toda a minha força para conseguir segurar o espeto.”

— Você já prendeu espíritos no Limbo? — perguntou Thorne.

— No passado, mas não mais. Por isso não lhe ensinei esta habilidade. Como assassinas, somos melhores do que feiticeiras comuns. Usamos magia, sim, mas nosso grande poder está nas habilidades combativas que adquirimos e na força de nossa mente. Foi isso que me permitiu afastar os espíritos de Kernolde. Eles eram fortes e fortalecidos por magia negra: um deles era estrangulador e agarrou minha garganta com tanta força que podia ser a própria Kernolde me enforcando. O pior foi um espírito ab-humano, o fantasma de um dos filhos do Maligno com uma bruxa. Ele escureceu meus olhos e enfiou seus dedos longos e frios nas minhas orelhas. Eu achei que minha cabeça fosse explodir, mas lutei e gritei sobre a escuridão e o silêncio: “‘Ainda estou aqui, Kernolde! Ainda tem que me combater. Eu sou Grimalkin, o seu fim!’”

“Minha visão clareou e os dedos saíram das minhas orelhas com um estalo, então pude voltar a escutar. O peso deixou meus braços e lutei para levantar, mirando com o espeto. Kernolde então correu para mim, aquela mulher urso horrível com suas mãos de estranguladora. Mas minha mira foi certa. Enfiei a lança em seu coração e ela caiu aos meus pés, seu sangue ensopando a terra para se misturar ao meu. Ela estava engasgando, tentando falar, então me curvei e levei o ouvido para perto de seus lábios.

“‘Você é só uma menina’, resmungou ela. ‘Ser derrotada por uma menina depois de todo este tempo... Como pode?’”

“‘Seu tempo acabou e o meu está apenas começando’, eu respondi. ‘Esta menina tirou sua vida, e agora vai tirar os seus ossos.’”

“Fiquei olhando Kernolde morrer; depois, após retirar os ossos dos polegares dela, que eram muito poderosos e me alimentaram com magia por muitos meses, levantei seu corpo do buraco com as cordas dela mesma. Finalmente a pendurei pelos pés para que os pássaros da manhã pudessem limpá-la. Feito isso, passei pelo vale sem incidentes; as feiticeiras mortas mantiveram distância. Gertrude, a Cruel, estava sobre as mãos e os joelhos, ainda procurando a cabeça decepada. Sem os olhos isso seria difícil e a maneira ocupada por um bom tempo.

“Quando emergi das árvores, o clã estava esperando para me saudar. Ergui os ossos dos polegares de Kernolde e eles abaixaram as cabeças em reconhecimento do que eu tinha feito; até Katrise, a líder do clã das treze, se curvou. Quando olharam para mim, vi um respeito em seus olhos; e também medo.

“Com esta vitória, minha jornada para destruir meu inimigo, o Maligno, começou. Os espetos no buraco me deram uma ideia. E se eu fabricasse um espeto afiado de liga de prata e de algum jeito empalasse o Maligno?”

— Foi isso que fez com ele antes de cortar sua cabeça? — perguntou Thorne.

Fiz que sim com a cabeça.

— Sim, criança, com a ajuda de Tom Ward e seu mestre, John Gregory, empalei o Maligno com lanças de prata e preguei suas mãos e pés na pedra. Aí o aprendiz de caça-feitiço cortou a cabeça dele dos ombros e eu a coloquei neste saco de couro. Enchemos o buraco de terra e depois o selamos com uma grande pedra lisa, colocando enfim um

pedregulho em cima. Até a cabeça ser devolvida ao corpo, o Maligno está seguramente contido.

— A cabeça nunca será devolvida ao corpo — disse Thorne. — Mesmo que uma de nós morra, a outra continuará aguardando. E um dia o Maligno será destruído para sempre!

Ouvimos um gemido profundo do saco. O Diabo tinha escutado nossa conversa e não gostou do que ouviu. Durante o longo silêncio que se seguiu, quase pude ouvir Thorne pensando. E ela finalmente falou. Foi uma pergunta investigativa.

— Você já tirou os ossos de polegares de algum inimigo ainda vivo? — perguntou.

Sem dúvida a ameaça que sofreu estava fresca em sua mente, mas, antes que eu pudesse me controlar, soltei um sibilo de raiva.

— É que alguns dizem que é isso que você faz com quem mais odeia — continuou Thorne rapidamente.

— Meus inimigos devem me temer — respondi. — Com minhas tesouras corto a carne dos mortos; os inimigos do clã que derrotei em combate. Depois corto os ossos dos polegares, que visto no pescoço como um alerta aos outros. O que mais eu faria? Sem ser impiedosa e selvagem, eu não sobreviveria nem uma semana na vida que levo.

— Mas *ds vivos*? Já fez isso com os vivos? — persistiu. Ela era corajosa em insistir no assunto quando eu estava claramente irritada; a coragem era uma de suas melhores qualidades. Mas também mostrava outro lado dela; um defeito. Podia ser inconsequente. Não sabia a hora de recuar.

— Não quero falar sobre isso — respondi quietamente. — Assunto encerrado.

CAPÍTULO
19

VALE DAS FEITICEIRAS



Já olhei para na escuridão, para a maior das escuridões, e agora não temo nada.

Uma hora depois do anoitecer, aproximamo-nos do vale, mas paramos sob os galhos largos de um carvalho solitário a menos de cem metros das árvores mais próximas.

— Chame-a — sussurrei.

A noite da lua cheia já tinha chegado e partido. Em algum lugar naquelas árvores, Agnes Sowerbutts já teria despertado para um novo existir como uma feiticeira morta. Com o tempo, à medida que o corpo se decompõe lentamente, uma feiticeira pode se tornar amarga e perturbada, detestando todos aqueles de quem gostou ou foi amiga durante sua vida. Mas as que eram levadas para o vale não mudavam seus amores, ódios ou alianças imediatamente. Até certo ponto, ela continuaria sendo a mesma Agnes, e eu torci para que pudéssemos confiar nela para entrarmos em segurança no vale — ou ao menos para nos informar sobre a situação local.

Thorne soltou um longo grito de lamento — algo próximo do som que emite uma galinha ao ser degolada, mas sutilmente modificado para o sinal que ela sempre utilizava quando se aproximava da casa de Agnes. Eu tinha apresentado Thorne à velha feiticeira logo depois que começara a treiná-la, e Agnes tinha assumido a criança como sua pupila, ensinando-a sobre poções e, ocasionalmente, quando eu estava longe de Pendle, oferecendo-lhe abrigo.

Esperamos em silêncio. Havia ruídos fracos nas árvores distantes, mas nada vivo ou morto se aventurou pela clareira. Após cerca de cinco minutos, instruí Thorne a tentar novamente. Mais uma vez, esperamos enquanto o vento soprava pelos galhos do carvalho. Era uma noite de chuvas repentinas, e naquele momento caía uma particularmente pesada; por um instante, tudo o que conseguíamos ouvir eram os pingos de chuva batendo no solo. O cair das gotas se foi tão depressa quanto veio e a lua surgiu brevemente. Foi então que vi a forma escura se arrastando para a clareira em nossa direção. Sem dúvida, era uma feiticeira morta. Pude ouvi-la farejando e cheirando, o nariz quase tocando a grama molhada, seu vestido se arrastando como uma sombra. Só

quando ela levantou o rosto para a lua que a reconheci como Agnes. A morte já lhe havia mudado para pior.

Ela veio a nós sob a cobertura dos galhos, engasgando e chiando, e se colocou em uma posição sentada, apoiando as costas no tronco da árvore. Por um instante ninguém falou, e eu escutei as gotas pingando de folha para folha em sua longa jornada até o chão.

Olhei para Agnes penetrantemente, e ela, de fato, era uma visão terrível. Algumas feiticeiras mortas são fortes e conseguem correr por vários quilômetros, caçando presas humanas; outras são fracas, e a existência destas é miserável: vivem se arrastando pelo lodo gosmento, procurando pequenas criaturas como ratos e camundongos. Se esta realmente fosse a existência atual de Agnes, eu tinha pena dela. Ela sempre fora uma mulher orgulhosa; apesar de à primeira vista sua cabana parecer uma bagunça, suas garrafas e jarras eram posicionadas em perfeita ordem nas prateleiras e tudo era perfeitamente limpo — não se via um único floco de poeira. Pouquíssimas bruxas se preocupavam com limpeza; Agnes era exceção. Ela trocava de roupa todos os dias e seus sapatos pontudos eram tão brilhosos que dava para enxergar seu reflexo neles.

Thorne pareceu chocada e momentaneamente cobriu o rosto com as mãos. Eu também fiquei arrasada ao ver a mudança que se abatera sobre Agnes em tão pouco tempo. Seu vestido maltrapilho estava coberto de sujeira. Sem dúvida ela tinha se arrastado na sujeira em busca de presas. Quanto a seus cabelos, antes tão limpos e brilhantes, agora estavam oleosos e infestados por larvas brancas, enquanto seu rosto esguio trazia manchas de lama e sangue.

Não havia razão para tentar fingir que as coisas estavam melhores do que pareciam. Agnes sempre foi gentil, porém direta, então não medi as palavras, mesmo ela estando morta.

— Fico triste em vê-la neste estado, Agnes — falei gentilmente. — Tem alguma coisa que possamos fazer para ajudar?

— Nunca pensei que fosse chegar a esse ponto — confessou ela, sacudindo a cabeça de modo que as larvas caíram do cabelo para o colo. — Fui forte em vida e imaginei que fosse ser igual na morte. Mas tenho sede! Tenho tanta sede, e nunca consigo sangue o suficiente. Não sou forte o bastante para caçar criaturas maiores ou humanos. Tudo que consigo são pequenos roedores. Coelho são velozes demais.

— As outras mortas não ajudam você? Os mais fortes não ajudam os mais fracos do mesmo grupo? — perguntou Thorne.

Agnes balançou a cabeça.

— Feiticeiras mortas caçam sozinhas e não se importam com nada além de si mesmas.

— Então ao menos esta noite sua sede será saciada — falei. Voltei-me para Thorne: — Traga alguma coisa grande para Agnes.

Em um instante a menina saiu correndo.

— Ainda estou com a cabeça do Maligno — continuei. — É do interesse de todos que ela permaneça longe do corpo. Você pode nos ajudar? Nossos inimigos estão se

aproximando e precisamos de refúgio no vale. Precisamos de algumas de nossas irmãs mortas para lutar ao nosso lado.

— Outras governam este lugar — disse Agnes, com a voz rouca. — Sou fraca e minha palavra vale muito pouco neste local sombrio.

— As que vivem aqui estão *antia* ou *afør* do Maligno? — perguntei.

— Feiticeiras mortas, fortes ou fracas, não ligam para nada além de sangue. Se é que pensam, só pensam em sangue. Espero nunca ficar como elas. Minhas lembranças de vida são preciosas e quero mantê-las pelo máximo tempo possível. Mas você não precisa tentar conquistá-las para sua causa. Elas matarão qualquer coisa viva que entre no vale, inclusive você, se conseguirem pegá-la.

— Quantas fortes estão por perto? — quis saber, ouvindo os ruídos e sons de arranhões do vale, o que me alertou de que algumas das mais fracas estavam por perto.

— Só duas. A terceira está longe há mais de duas noites, mas pode voltar a qualquer momento.

— Foi o que eu havia imaginado. Então se conseguirmos alcançar o coração do vale antes da chegada dos nossos inimigos, as mortas serão efetivamente nossas aliadas, querendo ou não.

Levantei o olhar e vi que Thorne atravessava a clareira em nossa direção, trazendo dois coelhos ainda vivos, um em cada mão. Chegou até nós e entregou um a Agnes. A morta pegou o animal assustado, enterrou imediatamente os dentes em seu pescoço e começou a sugar seu sangue. Em instantes ele parou de se mexer; estava exangue e morto. Foi a vez de partir para o segundo.

— Você é uma boa menina, Thorne! — gritou Agnes ao terminar. — Foi o sangue mais doce que tomei desde que cheguei aqui neste vale miserável.

— Gostaria de poder fazer mais por você — disse Thorne. — Você sempre foi boa amigo, Agnes, e me dói vê-la assim.

De repente senti perigo e farejei o vento. Nossos inimigos estavam próximos.

— Não estão a mais de dez minutos de distância — falei para Thorne. — É arriscado, mas temos que nos refugiar no vale agora, antes que seja tarde. — Virei-me para Agnes: — Siga-nos da melhor maneira que conseguir.

Conduzi Thorne até a beira do vale.

— Ainda há armadilhas e buracos, aqueles armados por Kernolde há tantos anos. Alguns eu irei evitar; outros saltarei. Temos que andar depressa, mas siga-me de perto.

Então avancei para o vale, seguindo a mesma rota de anos atrás quando combati Kernolde. Mas desta vez nenhuma mão morta tentou me agarrar pelos calcanhares. Na última vez eu havia proposto um desafio e atraído as bruxas em minha direção; desta vez contávamos com o elemento surpresa, e as mortas estariam espalhadas entre as árvores. Só as duas mais fortes e rápidas poderiam nos interceptar. E estávamos com sorte, considerando que a terceira tinha deixado o vale para caçar. Ela poderia vagar por muitos quilômetros e passar muitas noites fora antes de voltar. Ou poderia reaparecer a qualquer instante.

Eu ainda tinha a localização exata de cada armadilha clara na mente, e logo saltei sobre a primeira. Nunca nem olhei para trás para ver se Thorne estava segura. A menina era tão firme quanto eu e tinha reflexos tão rápidos quanto os meus.

Logo saltei sobre a segunda e depois sobre a terceira, mas em certo momento desviei para a esquerda para evitar um buraco estreito que era impossível de saltar: um tronco de árvore formando uma barreira na borda extrema. Lembrei-me de como Kernolde havia me enganado e quase me derrotado — cavando um buraco a mais que eu desconhecia e enchendo-o com estacas para me furarem. Um pensamento súbito me ocorreu.

E se ela tivesse cavado outros? E se houvesse buracos que eu não conhecia?

Acalmei-me, apertando o passo pelo vale. Tais armadilhas podiam existir ou não. Mas tanto que eu o fizesse o mesmo caminho da outra vez, nada nos aconteceria.

Logo avistei a árvore de Kernolde; era um carvalho antigo, a árvore na qual ela armazenava sua magia. Apesar da ação dos elementos durante os anos que se passaram, algumas das cordas ainda estavam penduradas nos galhos — onde anteriormente ela suspendera seus inimigos derrotados.

Fiz um sinal para Thorne e paramos. Apontei para a armadilha com o indicador. Ainda estava parcialmente coberta por galhos e samambaias, onde muitos outonos haviam preparado uma cama de folhas marrons. Mas na beira vi o grande buraco em que caí e fui empalada. Andamos em volta do buraco e viramos, apoiando as costas no grande tronco, como Kernolde outrora fizera. Era estranho retornar a este local após tantos anos. Minha vida tinha me trazido de volta ao mesmo lugar, e de alguma forma eu senti que em breve enfrentaria uma crise semelhante.

Ouvi ruído de folhas à direita. Alguma coisa se aproximava. Sem dúvida era uma das feiticeiras mortas mais fracas — nenhuma ameaça. Após alguns momentos ouvi outros sons mais altos: gravetos estalando sob pés, os passos pesados e confiantes de alguém que não temia trair a própria presença.

Uma feiticeira morta apareceu. Ela era alta, mas mesmo que eu a tivesse conhecido em vida seria uma estranha agora. No lugar do seu olho direito havia uma cavidade vazia, e não tinha carne naquele lado do rosto; o crânio e a maçã do rosto estavam expostos. O olho remanescente, contudo, me encarava com ódio. Havia algo de incomum nesta feiticeira morta. No cinto de couro que prendia sua saia suja de sangue havia uma longa lâmina com cabo curto em forma de chifre de cordeiro, e ela trazia uma longa lança.

Feiticeiras mortas normalmente não se armavam daquele jeito. Sua força extrema, garras e dentes bastavam.

De repente a reconheci e tudo se tornou instantaneamente claro. Aquela era Agulha, uma das minhas antecessoras, a assassina que foi derrotada por Kernolde. Uma irmã do clã poderia ter sido aliada, mas o olhar hostil no único olho que tinha me informava o contrário. Ela estava carregada de loucura.

— Você atravessou a fronteira! — sibillou Agulha. — Eu governo aqui. Este é um lugar para mortos, não vivos. Veio me desafiar, Grimalkin?

— Por que os vivos desafiarão os mortos? — perguntei. — Seu tempo acabou. Kernolde a derrotou, e eu a derrotei. Um dia meu tempo também vai acabar, e assumirei o meu lugar aqui ao seu lado. Deveríamos ser aliadas. O perigo se aproxima.

— Kernolde trapaceou. Ela utilizava os mortos em sua causa. Se tivesse lutado justamente, eu a teria derrotado, e com o tempo você também teria morrido por minhas mãos. Então vamos testar isso agora. Vamos lutar só nós duas!

— Primeiro me ajude a derrotar nosso inimigo em comum — pedi. — O que me diz?

— Quem é este inimigo?

— Os apoiadores do Maligno. Querem o que eu carrego aqui.

Desamarrei o saco, ergui a cabeça do Maligno e mostrei para Agulha.

Ela exibiu um sorriso grotesco e seu osso branco brilhou ao luar.

— Não tenho nenhum amor pelo Maligno. Mas também não ligo para você! Dizem que você é a maior das assassinas Malkin. É mentira!

Devolvi a cabeça ao saco e estava me preparando para amarrá-lo quando a loucura piscou no olho de Agulha e ela correu em minha direção, com a lança apontando para o meu coração.

Derrubei o saco e a cabeça e me preparei para me defender. As mais poderosas das feitiças mortas eram rápidas e muito fortes; muito mais fortes do que as vivas sonhavam ser. Conseguiam arrancar membros usando apenas as mãos. Mas isto era pior: Agulha era uma feiticeira assassina treinada e com uma reputação assustadora. Não seria fácil superá-la.

Thorne sacou uma lâmina e veio para o meu lado, mas fiz um sinal para que ela ficasse para trás — meu orgulho exigia que eu cuidasse disso sozinha. No último segundo girei o corpo para o lado e a ponta da lança me errou por centímetros. Eu tinha uma das minhas facas na mão, mas não a utilizei. Uma vez cortei a cabeça de uma bruxa morta neste mesmo vale. Para conter Agulha eu teria que fazer algo semelhante — talvez até mesmo cortá-la em pedaços. Decidi tentar conversar com ela mais uma vez. Ainda tinha a esperança de que fosse nossa aliada.

— Ajude-nos a derrotar nossos inimigos e depois lutamos — ofereci.

— Vamos lutar agora! — gritou ela. — Vou matar você e cortar seu coração, depois mandarei você direto para as trevas! E também pegarei os seus ossos dos polegares. Será desonrada e esquecida da história das assassinas Malkin. Você será um nada!

Ela correu para mim, brandindo a lança novamente. Estava ensandecida, pois cultivara ódio durante todos os anos em que esteve morta. Eu estava de costas para a armadilha e sabia exatamente o que fazer. Mais uma vez evitei a lâmina e, desta vez, a golpeei com um soco na nuca. Ela caiu no buraco sem dar um grito. Assim que foi empalada pelas estacas de Kernolde, começou a berrar como uma alma penada.

— Pelo que eu sei uma feiticeira morta não sente dor — comentou Thorne, olhando para onde Agulha estava presa por estacas finas e longas; cada qual media mais de um metro e oitenta. Quatro delas perfuraram seu corpo, e ela deslizou sobre eles, até o fundo do buraco. Uma a atingiu no ombro esquerdo, outra na garganta, outra no peito, e a quarta no abdômen.

Notei o espeto quebrado que eu tinha arrancado para me libertar e me lembrei da dor que senti.

— O que você sabe está errado — falei para Thorne. — Ela está com muita dor, mas está gritando principalmente porque está frustrada por não ter conseguido me matar. Ela sabe que perdeu e, para piorar, foi derrotada com muita facilidade. Seu corpo pode ser forte ainda, mas a mente está se deteriorando, e ela enlouqueceu. Eu a superestimei: ela é uma sombra do que já foi.

Quase senti pena, porque Agulha tinha caído muito abaixo do patamar que um dia alcançara como assassina. Eu só podia torcer para jamais ser reduzida a este estado.

Agora outros ruídos eram ouvidos durante as curtas pausas entre seus gritos — algo se movia entre a vegetação rasteira. As outras feiticeiras mortas estavam se aproximando de nós, atraídas pela angústia de Agulha.

Mas então ouvi outra coisa. Thorne e eu farejamos juntas, mas desta vez não era magia de feiticeira — alguma tentativa de descobrir uma ameaça ou medir as forças de um inimigo. Era algo que qualquer humano teria reconhecido instantaneamente; algo que apavoraria um guarda florestal.

Senti cheiro de fumaça, de madeira queimando, e de repente soube o que nossos inimigos tinham feito.

— Atearam fogo ao vale! — gritou Thorne.

Puxei o saco para o ombro. Ao fazê-lo, um forte vento soprou do oeste, uivando através das árvores. Tinham conjurado uma ventania e um incêndio utilizando magia negra, e a folhagem úmida não seria qualquer empecilho. Agora as chamas varreriam o local, consumindo tudo pelo caminho.

Nossos inimigos não seriam forçados a entrar no vale para nos perseguir, nem a combater feiticeiras mortas que encontrassem. Estariam esperando na clareira ao leste do vale; esperando que saíssemos fugindo do incêndio.

CAPÍTULO 20

CRIMALKIN NÃO CHORA



Antevejo uma morte violenta, mas levarei muitos dos meus inimigos comigo!

Que alternativa teríamos a não ser fugir para o leste?

Mesmo com o vento uivando, dava para ouvir os estalos de madeira queimando e ver a fumaça preta que se acumulava acima de nós, bloqueando a luz da lua.

— Vamos avançar à frente das chamas, depois saímos do vale e passamos por cima dos que atravessarem nosso caminho — falei para Thorne.

Era fácil falar, mas se manter à frente da conflagração era bastante difícil. Para começar, a fumaça encheu de água os nossos olhos, o que provocou acessos de tosse em nós duas. Depois, o fogo estava se espalhando muito depressa, de árvore em árvore, de galho em galho com um rugido estalado; ameaçava nos assolar a qualquer momento, e nossa caminhada logo se tornou uma corrida.

Havia animais fugindo conosco: lebres e dezenas de ratos chiando, alguns com pelos queimados, outros em chamas enquanto fugiam. Pensei na pobre Agnes. Se fosse atingida pelo fogo, pelo menos sua agonia seria breve e aquela terrível existência no vale como uma decadente feiticeira morta chegaria ao fim. Mas eu sabia que algumas habitantes do vale sobreviveriam utilizando suas garras afiadas para construir abrigos sob as folhas e o solo molhado abaixo. Elas tinham os meios e a inteligência adquirida após anos sobrevivendo aqui. Não era algo que nós poderíamos ambicionar; não tínhamos tempo.

As árvores estavam diminuindo, mas conseguíamos enxergar muito pouco através da fumaça. De repente senti algo se aproximando por trás de nós e me virei para encontrar a nova ameaça. Era uma feiticeira morta — a outra forte, com as roupas e os cabelos em chamas ao passar, ignorando nossa presença. Ela gritava enquanto corria: as chamas a consumiam e ela percebeu que seu tempo no vale tinha chegado ao fim. Logo sua alma cairia nas trevas.

Fiquei imaginando onde estaria o kretch. Sem dúvida esperava em algum lugar adiante. Enquanto deixávamos o bosque, uma feiticeira nos atacou pela esquerda; desta vez uma viva, da linha de frente dos nossos inimigos. Thorne a destruiu sem hesitar, e corremos para longe do perigo.

Em meio ao uivo do vento e o rugido do fogo, ouvi o som sinistro do kretch em algum lugar atrás de nós. Então ele começou a clamar pelo nosso sangue, um grito poderoso e rítmico, como se diversos cães de caça nos perseguissem.

— *Vocês são minhas!* — gritou ele, a voz explodindo pela noite. — *Não têm como fugir! Beberei o sangue e cortarei a carne de vocês em tiras! Comerei seu coração e arrancarei a medula de seus ossos!*

Estávamos fazendo uma curva para o sul agora; nosso caminho levaria a Crow Wood. Pensei na lâmia ainda na torre. Se ao menos ela tivesse tido tempo de recuperar sua forma alada, poderia nos ver e voar para nos ajudar. Mas era muito cedo para isso. Não havia esperança de conseguir ajuda com ela.

Então, enquanto corria, as luzes mais uma vez piscaram nos cantos dos meus olhos. Será que eu teria tempo de conduzir Thorne a um local seguro? Mas rapidamente a fraqueza me atingiu de novo; senti batidas no peito e minha respiração se tornou rasa e áspera. Comecei a desacelerar enquanto Thorne me olhava preocupada. Parei, com as mãos nos quadris, ciente das batidas irregulares do meu coração e da tremedeira nas pernas. Agora todo o meu corpo tremia.

— Não! Não! Agora não! — gritei, forçando meu corpo a avançar, extraindo minhas últimas reservas e cada gota de força de vontade. Mas não adiantava. Só consegui dar uma dúzia de passos cambaleantes antes de parar. Thorne parou e voltou para o meu lado.

— Continue! — gritei. — Você pode correr mais do que eles; eu, não. Estou debilitada pelo veneno.

Thorne balançou a cabeça.

— Não vou sem você!

Levantei o saco do meu ombro e o estendi para ela.

— Isso é o que importa. Pegue e corra. Mantenha isso longe das garras deles a qualquer custo.

— Não posso deixá-la morrer aqui.

— Pode, e deve — falei, colocando o saco nas mãos dela. — Agora vá!

Eu estava resignada a morrer ali. Não havia mais o que fazer. Estava acabada.

Thorne levantou o saco para o ombro — mas já era tarde.

Ouvimos um uivo muito perto atrás de nós, e então o kretch apareceu.

A fera tinha mudado de novo desde a última vez em que a encaramos. Havia algo diferente em seus olhos. Tinham se regenerado desde que eu e Thorne os atingimos com nossas lâminas, mas não do mesmo jeito. Havia um pequeno cume de osso branco sobre cada um.

Além disso, ele estava ainda maior. Os antebraços pareciam mais musculosos, as garras mais longas e mais afiadas. E também havia mais manchas cinzentas no pelo preto. Será que já estava envelhecendo? Kretches costumavam ter uma expectativa de vida baixa. Tibb, o último kretch criado pelos Malkin, só vivera alguns meses.

Com um movimento rápido, Thorne sacou uma lâmina da capa do ombro e a lançou no olho direito da fera. Foi um bom arremesso, exatamente no alvo. Mas antes de a adaga atingi-lo, o cume do osso se moveu. Piscou para baixo, cobrindo e protegendo o olho, de modo que a lâmina desviou sem causar qualquer dano.

Com o poder herdado de seu pai, a fera aprendia e melhorava a si mesma o tempo todo. Explore uma fraqueza e, na próxima vez que o encontrar, a fraqueza não existirá mais. Protegidos por armaduras de pálpebras, seus olhos não eram mais alvos fáceis para nossas lâminas.

Respirei fundo, tentei acalmar meu corpo trêmulo e lancei uma lâmina em sua garganta, mirando um ponto logo abaixo da orelha esquerda. O kretch pareceu mais rápido do que nunca: levantou a mão esquerda e desviou a lâmina para o lado. Novamente cambaleei, e os flashes passaram pelos meus olhos, a bile subindo na minha garganta. Então, vi o que Thorne estava tentando e gritei: — Não!

Não adiantou nada. Ela era corajosa, mas às vezes inconsequente, e esta última característica era um defeito perigoso que agora era a razão de sua derrocada. Era a menina de dez anos de idade correndo para cima do urso outra vez, com uma lâmina na mão esquerda. E era a mesma lâmina, sua primeira; a que eu dera a ela enquanto comíamos carne de urso perto da fogueira.

Hoje ela era mais rápida e mortal do que a criança que golpeou o urso na pata traseira. Contudo, o kretch era mais forte e mais perigoso do que qualquer urso que já caminhou pela terra. E eu não conseguiria repetir o arremesso que matou a fera antes que a fera a matasse. Eu estava de joelhos, o mundo girava, e minha mente era invadida pela escuridão.

A última coisa que vi foi o kretch abrindo a boca e mordendo violentamente o ombro esquerdo de Thorne. Ela reagiu, sacando outra lâmina de uma capa com a mão direita, esfaqueando o ombro e a cabeça da fera repetidamente.

Depois eu não soube de mais nada.

Por quanto tempo fiquei caída ali, não sei, mas imagino que tenha sido mais de uma hora. Então me ajoelhei lentamente e de imediato me senti enjoada. Vomitei várias vezes até só vir bile na boca.

O kretch se foi. O que aconteceu? Por que não me matou enquanto eu estava aqui caída, desamparada? Levanto-me grogue, e começo a procurar rastros. Não há qualquer

evidência de que as feiticeiras passaram por aqui — apenas um círculo lamacento onde Thorne e a fera lutaram, e depois as pegadas do kretch indo na direção norte.

Será que levou Thorne pela boca...?

Começo a seguir os rastros. Ainda estou cambaleante, mas minha força vai retornando gradualmente, e minha respiração, diminuindo para um ritmo mais normal. Sigo a trilha do kretch, quase de volta à beira do Vale das Feiticeiras. As árvores continuam queimando, mas não havia mais magia, e o vento mudou de direção. Agora está claro que talvez mais da metade do vale tenha permanecido intocado pelo fogo. Mas foi cortado em dois pelo cinturão espesso de árvores queimadas.

Então vejo algo caído no chão perto de um toco de árvore em chamas. Um corpo humano.

Será a feiticeira morta que fugiu do vale? Começo a caminhar naquela direção, desacelerando a cada passo. Não quero alcançá-lo de verdade, porque, no fundo, já sei de quem é o corpo. O solo está completamente lamacento. Muitas feiticeiras se reuniram aqui.

Instantes mais tarde, meus piores medos se confirmam.

É o corpo de Thorne.

Não há mais dúvida. Não há mais esperança.

Ela está deitada de costas para o chão, morta. Os olhos arregalados e fixos, uma expressão de horror e dor no rosto. A grama está molhada de sangue. As mãos, mutiladas. Levaram seus ossos dos polegares, cortaram-nos do corpo enquanto ainda estava viva.

Ajoelho ao lado dela e choro.

Grimalkin não chora.

Mas eu estou chorando agora.

O tempo passa. Quanto tempo, eu não sei.

Ajoelho-me diante de uma fogueira, assando carne em um espeto. Giro lentamente para que fique bem passada. Então a parto em duas com os dedos e começo a comer lentamente.

Existem duas maneiras de garantir que uma feiticeira não retorne ao reino dos mortos. A primeira é queimá-la; a segunda, comer seu coração.

Então me certifico duplamente de que os desejos de Thorne sejam respeitados. Já queimeei seu corpo. Agora estou comendo o seu coração. E continuo chorando.

Quando termino, começo a falar alto, minha voz levada pelo vento, girando pelas árvores para os quatro cantos do mundo.

— Você foi corajosa em vida; seja corajosa na morte. Não ligue para as zombarias de bruxas tolas. Seus ossos dos polegares não importam. Elas os levaram, mas não podem levar sua coragem; não podem negar o que você foi. Pois se tivesse vivido, teria sido a maior feiticeira assassina do clã Malkin. Teria assumido meu lugar; superado meus feitos; apavorado seus inimigos.

“Se reputação lhe preocupa, não se preocupe. Quem poderá dizer *nós pegamos seus ossos?* Não vai restar ninguém que possa dizer isso, porque nenhuma sobreviverá. Matarei todas. Matarei todas elas.

“Então, descanse em paz, Thorne, pois cumprirei o que digo.

“Tudo passará.

“Eu sou Grimalkin.”

CAPÍTULO

21

MINHA ÚLTIMA ALIADA



Sou caçadora e também ferreira, habilidosa na arte de fabricar armas.

Poderia fazer uma especialmente para você; o aço que certamente lhe tiraria a vida.

Ao amanhecer assimilei a situação e deixei de lado meu pesar e minha raiva. Tinha que ser fria e racional. Precisava pensar e bolar um plano.

Por que o kretch não me matara?

Talvez, mesmo enquanto morria, Thorne tivesse lutado furiosamente, ferindo-o terrivelmente e impossibilitando-o de cuidar de nós duas? Falei isso para mim mesma, mas sabia que não era verdade. Eu estava inconsciente. Ele poderia ter matado Thorne e me despachado sem qualquer esforço.

Não — a resposta era clara. Mais importante do que me matar, era recuperar o saco com a cabeça do Maligno. Esse era o grande objetivo. O kretch fora criado para matar, mas este era um meio para um fim — a recuperação da cabeça e a ressurreição do meu inimigo. Thorne estava carregando o saco sobre o ombro. Uma vez que o kretch a pegara pela boca, pegara também o saco.

Então ele tinha levado a cabeça do Maligno direto para seus criadores. Eles rapidamente cortaram os dedos dos polegares de Thorne e a deixaram para morrer. A essa hora estariam a caminho da costa. Precisavam voltar para a Irlanda para reunir cabeça e corpo.

Então o que eu poderia fazer? Tinha que segui-los. Tinha que tentar impedi-los. Mas enquanto me sentava à luz cinzenta da manhã, despida da raiva, soube que tinha poucas

chances de ser bem-sucedida. Minha magia estava esgotada; meus recursos, acabados. Não seria fácil repô-los. Minha saúde era incerta. Eu poderia sofrer outra onda de fraqueza a qualquer instante. E estava sozinha. Sozinha contra tantos.

Precisava de ajuda, mas a quem poderia recorrer agora? A resposta veio imediatamente: Alice Deane.

Era a última aliada em quem eu poderia confiar. Recentemente todos que haviam tentado me ajudar morreram. Eu procurara Agnes e Thorne, e com isso as duas morreram. Tantos outros haviam padecido, inclusive Wynde, a lâmia, e o cavaleiro que manipulei para servir minha causa. Será que poderia fazer isso de novo, colocando Alice em perigo? Será que tinha razão em pedir que mais uma amiga arriscasse a própria vida?

Grimalkin não deveria fazer essas perguntas. Pensar assim era uma demonstração de fraqueza. Eu precisava agir, sem pensar nas possíveis consequências.

Mas não buscaria a ajuda de Thomas Ward ou John Gregory. O aprendiz era valioso demais para se arriscar. Ele poderia ser aquele que finalmente destruiria o Maligno. Não, eu não podia arriscar a vida dele. Assim que a cabeça fosse recuperada e o kretch estivesse morto, eu o acompanharia até a Torre Malkin. Quanto mais cedo, melhor.

Quanto ao caça-feitiço, já não estava mais no auge e, independente disso, tinha escrúpulos demais. Não teria estômago para o que eu precisava fazer. Então eu simplesmente pediria a Alice. Duas feitiçeras juntas — seria melhor assim. Ela poderia se dispor a me emprestar um pouco mais de sua força.

Peguei meu espelho da capa e me preparei para contatá-la. Tentei três vezes, mas não consegui. Até esta pequena magia estava fora do meu alcance. Eu estava esgotada e precisava me refazer.

Teria que ir até ela. Viajaria a Chipenden, onde o Caça-feitiço estava começando a reconstruir sua casa.

Segui os rastros dos meus inimigos, passando ao norte de Pendle e caminhando em direção ao Vale Ribble. Neste ponto a trilha foi para oeste, mas não atravessou o rio; eles se mantiveram ao sul da corrente. Isso significava que não estavam indo para Sunderland Point. Iriam até Liverpool e lá pegariam um barco.

Indo o mais rápido possível, abandonei a trilha com relutância e atravessei Ribble, na direção noroeste. Tinha que ir a Chipenden antes. Isso significaria perder talvez meio dia, mas ainda poderia alcançar as feitiçeras antes que elas partissem.

Evitei passar pela vila e comeci a subir a estrada na fronteira da propriedade do Caça-feitiço. Em outros tempos não teria me arriscado a entrar no jardim. Mas Alice me contara que o ogro que o guardava não estava mais lá, seu pacto com John Gregory terminado quando a casa pegou fogo e o telhado desabou.

Mesmo assim, entrei no jardim a oeste lenta e cuidadosamente. Ao longe pude ver a casa do Caça-feitiço. Quando me aproximei, também vi armações de mesas, grandes tábuas e outros materiais de construção. Ao longe, alguém serrava madeira. O telhado já tinha sido reposto, e um fino espiral de fumaça emergia da chaminé. Então, de repente, ouvi vozes distantes; vozes familiares.

Apesar de a minha magia ter se esgotado, algumas habilidades de feiteceiras são inerentes — principalmente a capacidade de farejar. Eram Alice e Tom Ward, o aprendiz. O Caça-feitiço não estava com eles. Sem dúvida deveria estar aquecendo os velhos ossos perto da fogueira.

Então me aproximei sorrateiramente e me agachei atrás do tronco de uma árvore grande.

— Não está certo, Tom — ouvi Alice dizer. — Nada mudou. Independente do que eu faça, o Velho Gregory jamais vai confiar em mim. Por que não posso ir com você? Tente falar com ele de novo.

— Farei o possível — respondeu Tom —, mas você sabe como ele é teimoso. Ele quer partir amanhã cedo, mas provavelmente só ficaremos alguns dias fora, Alice. Você ficará confortável aqui.

— Provavelmente ficarei melhor aqui de qualquer jeito! — rebateu ela. — É melhor vocês irem e investigarem os velhos livros mofados. Enfim, volte para casa, Tom. Vou dar uma volta e pensar nas coisas. Vou me sentir melhor após uma caminhada.

— Não saia assim, Alice. Não é culpa minha, e você sabe.

Mas Alice não quis ouvir e veio na minha direção. Após um momento, Tom abaixou a cabeça e voltou para a casa. Quando passou por mim, Alice olhou em minha direção. Foi um choque ver seu cabelo branco — consequência de sua ida para as trevas, quando foi torturada pelo Maligno e seus servos. Ela sorriu e continuou andando, deixando o jardim, e então atravessou o campo em direção à estrada. Ela tinha farejado minha presença e manipulado a situação — sabia que eu não queria ser vista por Tom.

Segui-a pela estrada, onde ela se locomoveu sob as sombras de algumas árvores e esperou por mim. Antes de deixar a Irlanda, ela entrara em contato comigo para me contar sobre suas experiências quando foi levada para as trevas. Eu não conseguia me acostumar aos cabelos brancos.

Seus olhos se arregalaram quando me aproximei.

— Onde está a cabeça do Maligno? — perguntou.

— Está com nossos inimigos, Alice. Eles a recuperaram ontem e agora estão indo para a costa; para Liverpool, eu acho. Preciso da sua ajuda!

Alice pareceu assustada — e com razão. Se os apoiadores do Maligno conseguissem reunir cabeça e corpo, o Diabo voltaria a caminhar sobre a terra. Tom e Alice não tinham mais o cântaro de sangue para utilizar como defesa. A primeira coisa que ele faria seria pegá-los e arrastá-los para as trevas, onde então enfrentariam uma eternidade de tormentos.

— Que tipo de ajuda? O que posso fazer?

— Minha magia se esgotou, Alice. Usei tudo.

— Magia não é tudo — respondeu ela. — Você é Grimalkin. Pode usar suas lâminas. Caça-os um por um. O que houve com você? Nunca te ouvi falando assim. O que devo fazer?

— Minhas lâminas não serão suficientes. Eles são muitos. Preciso de magia para combater a deles, para conseguir me encobrir e manter um elemento-surpresa. E, além disso, há o kretch, que foi feito especialmente para me matar. Já deu cabo de uma das lâminas que guardavam a Torre Malkin. As garras dele são cobertas por um veneno mortal, que me feriu gravemente. Agora sofro colapsos de fraqueza.

— Minha tia, Agnes Sowerbutts, poderia ajudar. Alguns não concordam, mas eu a considero a melhor curandeira de Pendle.

— Ela tentou, Alice. Sua tia me recuperou da beira da morte, mas estou permanentemente danificada. Você não faz ideia do quão difícil as coisas têm sido. Agnes está morta. Eles a mataram. E também mataram Thorne, retiraram os ossos dos polegares dela enquanto ainda estava viva e...

Eu ia falar mais sobre a coragem de Thorne, sobre como ela me salvara, mas tive que parar, engasgada com emoções.

Enquanto Alice assimilava tudo que eu estava dizendo, seus olhos se arregalaram em horror.

— Então preciso de um pouco da sua magia, Alice. Você tem bastante. Basta me transferir um pouco.

— Não! — gritou Alice, cerrando os punhos nas laterais do corpo. — Não farei isso. Reconstrua sua própria magia outra vez, você consegue.

O que Alice quis dizer foi que eu deveria matar, pegar os ossos dos polegares das minhas vítimas e executar os rituais necessários. Sim, eu podia fazer isso, mas não havia tempo.

— Em um dia terão partido para a Irlanda com a cabeça do Maligno. Não há tempo para repor minha mágica pelos métodos tradicionais. Alice, me dê um pouco do seu poder. E me cure também. Você tem mais do que precisa. Você pode.

Alice era um tipo especial e raro de feiticeira. Apesar de não praticar os rituais de sangue, magia dos ossos ou familiar, ela tinha poder em si mesma. Algo tremendo e que fazia parte do seu ser; parte de ser Alice.

— Não posso mexer nisso, você sabe! — retorquiu Alice. — Se eu usar magia negra, vou acabar fazendo parte dela. E não quero isso, não é mesmo?

— Você já usou antes — acusei.

— É verdade. O que fiz na Irlanda foi para salvar o Tom, então não posso me arriscar a fazer de novo agora.

— Tem que se arriscar. Do contrário, o Maligno virá atrás de você, e muito em breve. Quanto tempo levarão para retirá-lo do buraco e reunirem cabeça e corpo? Mesmo considerando a viagem marítima da Irlanda a Kerry, ele poderia alcançar você em menos de uma semana. E Tom também! Esse é o tempo que tem, Alice, se não me ajudar agora.

Alice ficou quieta por um longo tempo; ao falar, a voz foi pouco mais do que um suspiro.

— Tudo bem, eu vou com você. Vamos segui-los e ver como andam as coisas, mas não prometo nada. Espere aqui, vou avisar o Tom.

— Não, isso seria um erro. Não queremos levá-lo ao perigo; nem o mestre dele. Além disso, eles vão para algum lugar amanhã. Ouvi a conversa no jardim. Passarão alguns dias fora e tudo terá acabado antes que eles voltem.

— Eles vão para o leste, para a fronteira do Condado. O Velho Gregory ficou sabendo de uma coleção de livros sobre as trevas. Está querendo conseguir alguns para refazer a biblioteca. Tem razão. Vamos deixá-los fora disso.

Então, sem dizer mais nada, partimos na direção oeste. Em poucas horas encontramos a trilha dos nossos inimigos e seguimos rumo à costa.

CAPÍTULO
22

UMA FEITICEIRA MALEVOLENTE



Alice Deane tem potencial para se tornar a feiticeira mais poderosa que já existiu.

Seguimos nossos inimigos com grande cuidado, inspecionando-os gradualmente; quando farejamos que eles haviam parado para acampar pela noite, já estávamos a poucos quilômetros de distância.

Então nos instalamos em um bosque e assistimos às suas fogueiras acendendo como vaga-lumes. Estávamos perto e, portanto, corríamos perigo. Se nós conseguíamos farejá-los, eles poderiam fazer o mesmo. E poderiam inclusive destacar um grupo para lidar conosco.

— Alice, você precisa usar um pouco da sua magia agora para nos esconder. O kretch conseguiu me encontrar apesar de todo o meu esforço para me encobrir, então o feitiço tem que ser o mais forte possível!

Alice fez que sim com a cabeça e então se ajeitou de costas para um tronco de árvore, fechou os olhos e começou a murmurar para si mesma. A lua estava alta, projetando sombras no chão. À luz do luar examinei o rosto dela. Mesmo sem levar em conta o cabelo branco, seu semblante parecia mais velho. Ainda era a face de uma menina, mas recentemente tinha adquirido uma maturidade que desmentia sua idade. Ela tinha visto coisas demais.

Quando abriu os olhos, fiquei momentaneamente chocada. Ainda eram jovens e belos, mas parecia que um ser poderoso e ancião me encarava; algo praticamente desumano que caminhava pela terra desde seus primórdios. Durou apenas um segundo, desaparecendo quando ela começou a sorrir, mas mesmo assim estremei.

— Pronto. Agora não poderão nos encontrar.

— Em seguida você deve tentar me curar — falei. — Agora. Primeiro me cure, depois me dê um pouco da sua magia.

O sorriso deixou seu rosto.

— Não sei se consigo — respondeu ela.

Transferir um pouco da sua mágica era factível. Feiticeiras de Pendle às vezes o faziam — mesmo que de má vontade; eram mais como agiotas, esperando receber o triplo no futuro. Mas era bem possível que Alice não pudesse me curar. Agnes tinha fracassado, e a especialidade dela era cura. Às vezes poder não bastava. Mas, no fim das contas, Alice não duvidava da própria capacidade; ela só temia as consequências.

— É uma magia muito negra e me custaria muito — avisou, e agora foi a vez de ela tremer. — Eu poderia acabar me transformando em uma feiticeira totalmente malevolente. É por isso que o Velho Gregory não confia em mim. Ele sempre achou que eu fosse acabar desse jeito.

Dei de ombros.

— Ser uma feiticeira malevolente não é tão ruim assim, Alice. É o que eu sou. Você não seria pior do que eu. Não se pode combater a própria natureza. Talvez você tenha nascido para isso.

— Existem feiticeiras piores do que você, Grimalkin. Você tem um código de honra. Não mata por esporte, mas elimina os que merecem morrer. Adora caçar inimigos poderosos que lutam bem, mas não tripudia dos mais fracos. Há feiticeiras que fazem o oposto; algumas se vangloriam do poder de caçar as outras. Não quero ser como elas. Se eu utilizar o poder que recebi, tenho medo de terminar exatamente assim. Melhor não me esquecer de que sou filha do Maligno!

— Você sempre será o que está destinada a ser, Alice. Como Tom Ward, você tem um caminho a seguir e deve dar os passos necessários, ou sempre será menos do que pode ser. Agora me cure e me transfira um pouco de magia. Por favor, ou o Maligno caminhará sobre a terra mais uma vez. Virá atrás de você, então de Tom.

Alice estremeceu, mas concordou.

— Não tenho escolha, não é mesmo? Ajoelhe em direção ao norte e farei o que for possível — ordenou ela.

Obedeci, ajoelhando-me e encarando o norte, que era a direção mais favorável tanto para a cura quanto para a transferência de poder.

Alice colocou as mãos sobre a minha testa.

— Primeiro tentarei curá-la — avisou, a voz pouco mais que um sussurro.

Não sei o que eu esperava que fosse acontecer. Com uma curandeira como Agnes Sowerbutts, o uso de ervas e extratos de plantas era tão importante quanto as palavras e o ritual. Eu sabia que Alice administrava estes medicamentos e os carregava em uma bolsa de couro, mas agora ela estava utilizando apenas as mãos na minha cabeça. Sequer entoou um feitiço.

— É muito difícil — declarou após um tempo. — O veneno está profundamente entranhado. Correu para todas as partes do seu corpo. Em certos lugares o dano foi sutil; em outros, manifesto e severo. Terei de utilizar mais magia, mas tenho medo de machucá-la. Existe até o risco de o processo matá-la — alertou.

— Não se preocupe com isso — respondi. — Prefiro morrer a ser menos do que fui.

— A escolha é sua. Mas, se morrer, quem vai recuperar a cabeça do Maligno?

— No meu estado atual não posso recuperá-la, então que diferença faria? Se eu morrer, vá atrás de Thomas Ward. Trabalhem em parceria. Somente juntos vocês terão chance contra os nossos inimigos.

Senti um ligeiro tremor nos dedos de Alice, e então ela os pressionou contra o meu crânio e o mundo girou ao meu redor. Minha respiração acelerou gradualmente, assim como o meu pulso. Comecei a tremer por todo o corpo. Senti dores agudas no estômago e no peito, como se algum ser invisível enfiasse uma agulha na minha carne várias vezes.

Rapidamente o processo chegou a uma crise. Meu coração agora batia tão acelerado que as pulsadas individuais de sangue se fundiam e pareciam vibrar de forma contínua. Senti como se eu estivesse morrendo, mas então uma onda de calor fluiu dos dedos de Alice e caiu sobre meu rosto, o que me fez perder a consciência momentaneamente.

Senti meu corpo sendo puxado de novo para uma posição ajoelhada e abri os olhos.

— Como está se sentindo? — perguntou Alice.

— Fraca — respondi, ciente de que agora meu coração batia lenta e uniformemente outra vez. — Conseguiii?

— Sim, tenho certeza disso. — Alice exibiu um sorriso orgulhoso. — O que restava do veneno e seus efeitos sobre o seu corpo se foram.

O que ela fez foi mais do que impressionante — foi absurdo. Enquanto Agnes, com todas as suas habilidades e conhecimento, tinha fracassado em me curar permanentemente, Alice havia sucedido. Ela ainda era uma menina, mas o quão formidável seria quando se tornasse uma feiticeira totalmente formada? Que aliada melhor eu poderia ter ao meu lado?

— Agradeço muito por isso, Alice. Agora me empreste o poder mágico que necessito para recuperar a cabeça do Maligno e lidar com nossos inimigos.

Mais uma vez Alice me tocou. Ela hesitou por um instante, e eu a encarei furiosamente quando senti sua relutância. Em seguida, respirando fundo, ela começou a entoar o feitiço de transferência; alguns segundos depois, um formigamento começou na minha cabeça e desceu pelo pescoço em direção ao coração e depois para minhas extremidades. Ela estava me dando parte de sua magia — muita. Estava entrando direto no meu corpo. Eu não precisaria extrair do colar; estaria disponível na hora que eu quisesse. O processo levou um bom tempo. E pareceu ser a coisa certa a ter sido feita.

Minha esperança foi renovada. Finalmente voltei a acreditar na possibilidade de ser bem-sucedida.

Assim que amanheceu, captei a trilha de nossos inimigos outra vez; agora parecia que não estavam a caminho de Liverpool, afinal. A rota levava mais para o lado oeste. Estavam indo direto para o mar, muitos quilômetros ao norte daquela cidade.

— Não querem chamar muita atenção, não é mesmo? — observou Alice. — Tantas feiticeiras e um kretch... é melhor ficarem longe dos olhares. O porto de Liverpool tem muitas atividades comerciais. Tem a própria milícia para cuidar dos interesses de tantos mercadores ricos. Aqueles soldados que trabalham meio-expediente não receberiam bem

um bando de feiticeiras na cidade. Então, estão procurando por um lugar mais quieto. Uma das vilas mais ao norte, talvez. Depois mandarão algumas feiticeiras para Liverpool, para aterrorizarem um capitão e uma tripulação.

— E se mandarem essas feiticeiras direto para a Irlanda com a cabeça? Neste caso só precisariam de um pequeno barco de pesca — falei.

— Você seguiria? — quis saber Alice.

— Seguiria, se precisasse — respondi. — Vamos torcer para que não seja necessário.

No fim das contas, nós duas nos enganamos. Estávamos atravessando uma terra plana e cheia de lodo. Apesar da magia de disfarce de Alice, ainda podíamos ser vistas no horizonte, então ficamos mais ou menos um quilômetro e meio para trás.

Mas então, ao longe, vimos o navio ancorado. Era grande, com três mastros, e as velas já estavam posicionadas. A maré ia virar e o navio estava pronto para a viagem. Nossos inimigos prepararam tudo com antecedência. Tinham conseguido uma embarcação e provavelmente transmitiram um recado por espelho para outras feiticeiras que já os aguardavam a bordo.

Começamos a correr, mas quando chegamos à costa vimos o kretch e algumas bruxas na areia, olhando para o navio — que estava começando a virar, o vento enchendo suas velas. A maioria dos nossos inimigos já tinha embarcado e estava de posse da cabeça do Maligno. Chegávamos tarde demais.

— Tenho de ir atrás. Precisamos de um barco — disse, apontando para a vila ao longe. — Ali é Formby, tem pescadores lá.

Alice balançou a cabeça.

— O navio é grande e tem muitas velas. Vai chegar à Irlanda muito antes de qualquer barco de pesca. Certamente prepararam tudo. Carruagens com cavalos velozes estarão aguardando para levá-los para o sudoeste. Tudo acabará muito antes de você chegar a Kenmare.

No olho da mente vi a vila de Kenmare mais uma vez: o círculo de pedras e, no centro, o grande pedregulho e a terra escondendo a pedra lisa abaixo, sob a qual o corpo do Maligno estava empalado em lanças de prata. Vi meus inimigos cavando, soltando e reunindo-o com a cabeça. Vi a fúria no rosto bestial do monstro e sua sede de vingança. Eu tinha parido seu filho, então ele não poderia chegar perto de mim, a não ser que eu permitisse. Mas Alice e Tom seriam as primeiras vítimas. E com a morte de Tom, minha última chance de destruí-lo teria fim. Com o tempo eu também acabaria morrendo, e mesmo uma feiticeira morta não pode existir no vale para sempre. Inevitavelmente eu iria para as trevas, e o Maligno estaria esperando por mim — tempo não significava nada para um imortal.

— Você tem que usar sua magia, Alice. Não podemos simplesmente permitir que escapem, ou será o fim para todos nós. Certamente pode fazer alguma coisa?

— Existe uma maneira, mas vai me custar mais uma vez! — falou Alice, com a voz cheia de amargura. — E que opção tenho agora? Tudo está contra mim. É como se tudo

isso já estivesse escrito há muito tempo. Não tenho escolha!

Ela ergueu os braços e apontou para o céu; então começou a entoar. Inicialmente foi pouco mais do que uma canção baixinha, mas, conforme começou a girar, sua voz se tornou progressivamente mais alta.

Um vento soprava do sudeste, preenchendo as velas do navio, mas então isso parou de repente. Assisti as velas ficarem murchas.

Era isso que Alice Deane estava tentando fazer? Utilizar magia para acalmar o navio e impedir que navegasse até a Irlanda? Se fosse, por quanto tempo poderia manter essa situação?

— O que está tentando fazer, Alice? — perguntei. Tinha que ter uma maneira melhor de lidar com nossos inimigos.

Mas Alice não respondeu; parecia extasiada, em um profundo transe mágico, reunindo poderes.

Eu não precisava ter me preocupado, porque, em segundos, tudo mudou drasticamente. O vento acelerou de novo, mas desta vez em outra direção — do oeste, do mar, soprando direto ao nosso rosto. Levantou nuvens de areia na praia e esguichou em cima de nós, picando meu rosto — que cobri com as mãos, enquanto espiava entre os dedos.

Vi as feitiças e o kretch virando e abaixando na areia, de costas para as ondas; estavam muito mais próximos do mar, e o sal certamente estava queimando. Água salgada é mortal para feitiças, e as que estavam no navio estariam com capuzes e luvas protetoras — talvez até máscaras de crochê —, encolhidas. Apesar dos esforços frenéticos da tripulação, o navio estava virando. Cada vez mais rápido ele deu meia-volta, e as ondas começaram a empurrá-lo para a costa.

Alice continuava entoando e girando, a voz quase perdida nos gritos estridentes do vento. Nuvens escuras correram do mar e a ventania empurrou a embarcação impiedosamente. Não havia como a tripulação virá-la. Logo atolaria.

Mas para as feitiças o pior ainda estava por vir.

Um raio bifurcado rasgou o céu a oeste, e em menos de um segundo veio o ronco de um trovão, como o rugido de uma fera vingativa. O segundo flash de raio veio simultaneamente ao trovão. O terceiro iluminou todo o céu e atingiu o mastro central do navio, que pegou fogo instantaneamente. De repente toda a vela estava em chamas, e depois, instantes mais tarde, a segunda e a terceira vela se acenderam. Ouvimos os gritos dos embarcados, trazidos até nós pelo vento.

O que aconteceria primeiro? O barco atolaria ou se incendiaria? O que quer que acontecesse, não era um lugar para feitiças. Ou queimariam, ou afundariam em água salgada.

Então vi figuras descendo pela escada de corda para os dois pequenos barcos amarrados à popa do navio. Uma feitiça berrou ao cair nas ondas. Debatendo-se desesperadamente, ela afundou em segundos. Outras, porém, conseguiram subir no barco. Algumas talvez sobrevivessem.

Olhei para Alice e vi a alegria em seu rosto. Ela estava gostando disso; deleitando-se com o poder. E por que não deveria? Aquela era uma exibição de magia fantástica. Mesmo após semanas de preparação, todo o clã Malkin teria dificuldade de se equiparar a esta demonstração espontânea de poder mágico.

Este era o melhor momento para atacar. Eu deveria acabar com elas enquanto caminhavam pela praia — e com o kretch também, se atravessasse meu caminho. Mas então Alice parou de girar e caiu no chão. Rapidamente corri e me ajoelhei ao lado dela.

Por um terrível momento achei que seu espírito tivesse deixado o corpo. Isso é possível de acontecer quando uma feiticeira extrapola e utiliza tanto poder a ponto de seu corpo parar de funcionar. Mas apesar de Alice mal estar respirando e ter se exaurido a ponto de morrer, de algum jeito ela estava viva. Suspirei aliviada.

A crise imediata tinha acabado. Por ora, nossos inimigos não iam longe. Então coloquei Alice de pé, levantei-a sobre meu ombro e me afastei da costa.

Busquei refúgio em uma fazenda abandonada. Só havia três paredes de pé, mas a construção nos abrigou dos ventos frios do oeste. O telhado não ofereceria proteção contra a chuva; dele só restavam os suportes de madeira, como costelas sobre a qual uma lua roliça brilhava através da colcha de nuvens que se movia rapidamente.

Se nossos inimigos ainda estivessem com a cabeça do Maligno, eu a resgataria mais tarde. Talvez tivesse afundado no oceano. Ao menos assim ficaria longe do alcance das feiticeiras. Mas sem dúvida, com o tempo arrumariam quem mergulhasse e a recuperasse. Por enquanto, contudo, o perigo imediato tinha acabado: eu poderia cuidar dos meus inimigos quando quisesse, derrotando um por um. Vibrei de prazer. Esperara muito tempo por aquilo e pretendia saborear cada instante suculento da minha vingança.

Tinha decidido cuidar de Alice e procurá-los mais tarde, depois que escurecesse. Ela abriu os olhos, me olhou e em seguida tentou sentar. O esforço foi demais para ela, então coloquei a mão em seu ombro a fim de confortá-la. Ela fechou os olhos.

— Durma — orientei suavemente. — Você está exausta.

Alice resistiu e tentou abrir os olhos, em vão; após alguns instantes sua respiração me informou que ela tinha caído em um sono profundo. Era verdade que ter utilizado uma magia tão poderosa a deixara esgotada, mas eu também lhe dera algo para garantir que dormisse pelo menos até o amanhecer. Utilizei uma mistura de duas ervas. Ela havia tomado três goles, só isso, mas foi o suficiente para o meu objetivo.

Olhei para o cabelo dela e sorri. As raízes estavam escuras. Logo voltaria a crescer tão negro quanto antes. Mas será que sua mente se curaria tão depressa? Eu duvidava. Poucos sofreram tanto quanto Alice nas mãos do Maligno.

As sobreviventes do naufrágio se reuniram em um bosque a mais ou menos cinco quilômetros ao sul de onde estávamos. Eu já tinha me aproximado delas sem ser detectada e farejado a situação. Agora, eu fazia um último reconhecimento, desta vez utilizando magia poderosa para me esconder. Avancei. Ao todo, cerca de trinta permaneceram; mas, para minha alegria, vi que oito delas estavam sofrendo com os efeitos da água salgada, duas tendo se contaminado tão seriamente que sem dúvida

morreriam. Farejei várias vezes para descobrir tudo que pudesse sobre a situação delas. Foi maravilhoso sentir o desespero e a tristeza. A maioria estava claramente apavorada; afinal, tinham decepcionado seu líder, o Maligno. Temiam sua fúria.

Através de magia, já tinham descoberto a razão pela qual o navio fora destruído e temiam Alice e seu poder. Mas também me temiam.

Só o mago e o kretch ainda confiavam em suas habilidades para me derrotar. O mais importante, porém, foi descobrir que ainda estavam com a cabeça do Maligno. O mago, Bowker, era quem a estava carregando. Essa passou a ser a minha prioridade.

Eu havia dopado Alice porque queria protegê-la; se ela estivesse comigo, correria o risco de se machucar. Mas eu também queria ser a responsável por me vingar dos meus inimigos. E, além disso, prefiro trabalhar sozinha.

CAPÍTULO 23

AH, SENHOR LOBO!



É meu inimigo? É forte, veloz e tem a agilidade e o treinamento de um guerreiro?

Não me importa. Corra agora!

Corra rápido para a floresta!

Darei a você algum tempo de vantagem — uma hora, se quiser.

Mas nunca será rápido o bastante.

Eu pegarei e matarei você em breve.

Antes de deixar Alice adormecida, penso mais uma vez na pobre Thorne, e a dor me deixa com um nó no estômago. Mas, por outro lado, lembro-me dos momentos felizes que compartilhamos e de como ela evoluiu em termos de força e habilidade, tornando-se mais do que eu esperava. Finalmente, antes de deixar minhas lembranças de lado, minha mente volta para uma pergunta que ela me fez uma vez: *Você já tirou os ossos das pegas de algum inimigo ainda vivo?*

Eu me recusei a responder. O que já fiz ou deixei de fazer é assunto meu e de mais ninguém. Mas para mim é bom se meus inimigos acreditarem que sim. Por isso marco a imagem da minha tesoura nas árvores para alertá-los.

Agora estou pronta — pronta para matar; pronta para matar *todos* eles. Tornei-me a mãe da morte. Ela cavalga atrás de mim, colada, sorrindo alegremente, deixando pegadas molhadas de sangue vermelho sobre a grama verde. Consegue ouvir sua gargalhada? Tente escutá-la nos gritos dos corvos que se alimentarão da carne das minhas vítimas.

Fico à beira do bosque. Com a magia de cura que Alice me transferiu, me sinto forte; talvez mais forte do que nunca. Estou tão bem-escondida que meus inimigos nem desconfiam da minha presença. A perspectiva de combate me anima e estou mais do que

pronta para lutar e matar. Eles esperam um ataque, mas não no instante em que virá, ou da direção de que virá. Por isso, tenho em meu favor o elemento-surpresa.

Minhas lâminas estão afiadas em suas bainhas, assim como minha tesoura. Depois que matar meus inimigos, pegarei seus ossos dos polegares. Assim aumentarei meu estoque de magia ainda mais. Tenho de recuperar a cabeça do Maligno e mantê-la em segurança contra aqueles que a cobiçam. Então preciso de todo o poder que conseguir reunir. E também tenho que devolver a Alice o que ela me deu. Sem dúvida, ela precisará dele um dia.

Ataco. Sou rápida, muito rápida. Nunca fui tão rápida!

Uma corre para cima de mim, vinda da esquerda. Pego e manejo a lâmina em um movimento contínuo. Acerto a feiticeira na garganta, e ela cai com um estrondo no chão — a primeira inimiga está morta.

Onde estará o kretch?

Farejo e imediatamente sei que está bem abaixo de mim, para a esquerda. Há muitos inimigos entre nós. Não importa. Matarei todos antes. Minha lâmina longa agora está na minha mão esquerda. Corto e mato uma feiticeira que corre na minha direção. Mas agora todas já sentiram meu cheiro. Estão se organizando, antecipando meu progresso através do bosque. Então começo a desacelerar, mudando um pouco de direção para fazê-las virem atrás de mim.

Finalmente paro em uma pequena clareira e espero o ataque. Elas me cercam e se fecham ao meu redor rapidamente, na direção das árvores. Estão ansiosas para me alcançar. O círculo se torna cada vez mais apertado, e ouço pés tamborilando no chão, cada vez mais altos. Em poucos segundos a primeira delas vai emergir da cobertura das árvores para a clareira circular onde me encontro.

Estou pronta.

Este é o terreno da matança.

E, muito além do círculo de lâminas, o kretch continua esperando, com o mago ao seu lado.

Ah, senhor Lobo! Logo chegará a sua vez!

As feiticeiras mais corajosas avançam forte e rápido. São as primeiras a morrer. Viro e corto e giro, fatiando e golpeando até o ar ser preenchido por berros, xingamentos e gritos das minhas inimigas; até a grama estar pintada com o sangue delas.

Outras vêm logo atrás: Lisa Dugdale, Jenny Croston e Maggie Lunt. São as três de Pendle que atacavam com as lâminas presas a longos tacos. Tentam esfaquear e golpear de longe, arriscando-se menos. Foram elas que cortaram e mataram Wynde, a lâmia, quando ela estava caída com a asa quebrada, já na boca do kretch; são as covardes que tentaram furar a armadura do cavaleiro quando ele estava tombado à mercê delas. Sinto prazer em fazê-las pagar na mesma moeda.

Então estas eu aleijo em vez de matar diretamente. Elas saem mancando, na esperança de encontrarem segurança. Vou caçá-las depois. Será algo que vou saborear.

Minhas inimigas caem e começam a fugir. Agora só tenho que cuidar do mago e do kretch. Bowker avança, com o saco de couro no ombro, e aponta o pequeno crânio de roedor para a minha cabeça. Conforme ele entoa, algo invisível porém mortal avança para cima de mim; ouço um zumbido nos ouvidos.

Cambaleio e quase caio e, de repente, estou fraca e sem defesa. Bowker ri e vem para cima de mim, com a arma ainda apontada para a minha cabeça, uma lâmina pronta na outra mão.

— Fui eu que tirei os ossos da menina, Grimalkin! E agora pegarei os seus! — zomba.

Ele está a menos de dez passos de mim quando me recupero, extraindo a magia que Alice me deu. É mais forte do que a arma que ele usou em mim; mais forte do que qualquer coisa de que disponha. Mostro os dentes, pego uma adaga e lanço na sua direção. A lâmina se enterra na perna do mago, e ele cai sobre um joelho. Vendo a morte nos meus olhos, Bowker vira e foge, mancando em direção às árvores, deixando um rastro de sangue na grama. Ainda está com a cabeça do Maligno, mas não irá longe. Logo será meu.

— Senhor Lobo! — grito. — Agora é a sua vez! Estou aqui! Eu sou Grimalkin! Agora lutaremos até a morte!

O kretch vem para cima de mim, com os membros superiores esticados, ansioso para arrancar a carne dos meus ossos. Ele empina, erguendo-se sobre mim, e me ataca com suas garras.

Giro e rodo, evitando as pontas afiadas e venenosas, e o cabo da minha lâmina o atinge com força na boca, transformando-a em uma ruína ensanguentada. Isso me faz sorrir, porque me lembra o que fiz com o Maligno.

Ah, senhor Lobo! Que dentes grandes você tinha!

Rio quando ele balança a cabeça e os dentes quebrados caem da boca. Alguns estão vermelhos de sangue, e ele fica furioso quando recuo; agora está rosnando e girando como um cachorro tentando morder o próprio rabo. Mas é lento, muito lento, e eu sou ágil, muito ágil. Dançamos juntos; a dança da morte que ele me prometeu.

Ah, senhor Lobo! Que olhos grandes você tinha!

Minhas palavras são verdadeiras porque minhas lâminas acabaram com os dois, atingindo-o mais rápido do que um piscar, logo abaixo dos ossos que funcionavam como escudos. Agora o kretch está cego de novo. E desta vez não terá chance de se recuperar. Desta vez só a morte o aguarda.

Esfaqueio e corto em um frenesi. Mas cada golpe é calculado; cada corte da carne é pensado e preciso — até ele estar fraco e o solo ensopado com seu sangue.

Ah, senhor Lobo! Que coração grande você tinha!

Agora tenho o coração do kretch nas mãos. A princípio ele ainda bate, mas logo para. Corto-o em pedacinhos e espalho os fragmentos sangrentos pelo chão. Finalmente desmembro o corpo e o jogo ao vento.

Os corvos terão um bom banquete.

Mas os ossos dos polegares eu guardo. Mais tarde vão se juntar aos outros que visto em volta do pescoço.

CAPÍTULO 24



A CAÇADA

Minha arma favorita é a lâmina kngr: uso-a para lutar de perto.

Acha que pode me vencer?

Já está enterrada em seu coração!

O kretch está morto, e agora cumpro a minha promessa: os que mataram Thorne também devem morrer.

Então inicio a caçada.

Quebro a coluna de Lisa Dugdale.

Penduro-a de cabeça para baixo em um carvalho; Dreno seu sangue; Retiro seus ossos.

Afogo Jenny Croston em um lago frio e profundo.

Seguro sua cabeça embaixo d'água enquanto ela se debate; Dreno seu sangue; Retiro seus ossos.

Maggie Lunt implora como uma criancinha assustada.

Mato-a rapidamente; minha faca corta seu coração; Dreno seu sangue; Retiro seus ossos.

Finalmente pego e mato Bowker, o mago; Retiro seus ossos; Dreno seu sangue.

E Thorne está vingada — Pois quem resta para dizer: “Pegamos seus ossos”?

Ninguém, pois estão todos mortos, E peguei os deles.

Eu sou Grimalkin.



CAPÍTULO 25

UMA VISÃO LAMENTÁVEL, DE FATO



Sinto sua ameaça!

Quão forte você é?

É digno do meu tempo?

Vou lhe procurar no meu espelho!

Sento-me com as pernas cruzadas, abrigando-me perto de uma cerca viva, e retiro a cabeça do Maligno do saco de couro. Coloco-a na grama diante de mim.

É uma visão lamentável, de fato, e eu sorrio. Não tentaram soltar os pontos do olho restante, mas a maçã verde e os espinhos foram retirados da boca. A cabeça geme, mostrando os cotocos amarelos de dentes.

— Venci de novo! — gritei. — Apesar de tudo que os seus seguidores tentaram, você continua em meu poder. O kretch e os servos estão todos mortos!

Ele não responde. Nem quando cutuco a pálpebra do olho que sobrou com um graveto, ele não se mexe. A cabeça está fria e calada, quase como se o Maligno tivesse desertado e voltado para as trevas. Mas não pode ser isso, porque ele está preso ali.

Ele não responde porque, por enquanto, está derrotado. Eu venci, seus seguidores foram destruídos, e ele não suporta se confrontar com a vencedora. Eu o feri o suficiente para me sentir profundamente satisfeita.

Como não disponho mais de uma maçã e de espinhos, uso em vez disso um bolo de espinhos e gravetos, enfiando-os na boca do Maligno com muita força. Então, com um sorriso de triunfo, enfio a cabeça de volta no saco.

Esta fase da nossa batalha contra os servos do Maligno terminou com sucesso. Então agora é vital que Tom Ward viaje até a Torre Malkin para estudar o que sua mãe lhe deixou. Oferecerei toda a ajuda necessária para que ele possa descobrir a maneira de finalmente destruímos o nosso inimigo!

Mas quanto mais perto chegarmos deste objetivo, maior será o perigo. Sem dúvida, logo haverá uma nova ameaça.

Uma feiticeira não pode prever a própria morte, mas pode prever a de outra. Recentemente pressenti uma nova ameaça para Alice. O espelho escureceu, então isso traz um pouco de esperança. Mas estou muito preocupada. Somos quatro: Thomas Ward, John Gregory, Alice e eu, juntos nessa empreitada.

Temo que nem todos nós sobreviveremos.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de
Serviços de Imprensa S.A.

EU SOU GRIMALKIN

Skoob do livro

<https://www.skoob.com.br/livro/319982ED358373>

Skoob do autor

<https://www.skoob.com.br/livro/319982ED358373>

Wikipédia do autor

https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Delaney

Site da série

<http://www.spooksbooks.com/>

Facebook do autor

<https://www.facebook.com/josephdelaneybooks>

Goodreads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/146374.Joseph_Delaney

Sobre o autor

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=134